UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOECÔNOMICAS – ESAG
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

DISSERTAÇÃO DEMESTRADO

O TEATRO EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS: UMA TRAJETÓRIA DESENVOLVIDA NO BAIRRO ITINGA (JOINVILLE/SC)

CRISTOVÃO PETRY

FLORIANÓPOLIS/SC, 2016

CRISTOVÃO PETRY

O TEATRO EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS:
UMA TRAJETÓRIA DESENVOLVIDA NO BAIRRO ITINGA (JOINVILLE/SC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em teatro, área de concentração Teorias e Práticas Teatrais, na Linha de Pesquisa Teatro, Sociedade e Criação Cênica.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Pompeo Nogueira

FLORIANÓPOLIS, SC

2016

P498t Petry, Cristovão
O teatro em comunidades periféricas: uma trajetória desenvolvida no bairro Itinga (Joinville/SC) / Cristovão Petry. - 2016.
214 p. ; 21 cm

Orientadora: Márcia Pompeo Nogueira
Bibliografia: p. 205-214
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2016.

1. Teatro. 2. Teatro comunitário. 3. Cultura popular. I. Nogueira, Márcia Pompeo. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. III. Título.

CDD: 792 – 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

CRISTOVÃO PETRY

O TEATRO EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS:
UMA TRAJETÓRIA DESENVOLVIDA NO BAIRRO ITINGA (JOINVILLE/SC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Teatro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teatro.

Banca examinadora:

Orientadora: _____

Prof. Dra. Márcia Pompeo Nogueira
UDESC

Membros:

_____

Prof. Dra. Marina Henriques Coutinho
UNIRIO

_____

Prof. Dra. Fátima Costa de Lima
UDESC

FLORIANÓPOLIS, 29/06/2016

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram comigo nesta jornada.

Aos integrantes da *Equipe de Teatro 20V* que participaram da primeira montagem da peça Flicts: Adriano Correia, Alessandro Agustin Cohen, Álida Terezinha Vieira, Cleuza Heiller, Elisângela Helena Kasprokiscz, Hélcio Decker, Marcelo Corrente, Raquel Gonzaga da Silva, Marcelo Corrente e Josiane Corrente.
Aos integrantes do *Grupo Cultural Itinerante*: Augusta Corrente, Marcelo Corrente, Elisa Rocha e Michel Marques.
Em especial a Samantha Agustin Cohen, que trilhou comigo boa parte desta história.
Aos integrantes do *Abismo Teatro de Grupo*: Letícia Helena da Maia, João Vitor França, Isadora Dourado dos

Santos, Marcos da Maia Vicente Júnior e Lausivan Grangeiro Corrêa.

A *Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga – Amorabi*, a todas as diretorias que não desistiram das lutas comunitárias do bairro, em especial minha irmã Irene Petry Tomelin e ao cunhado Renato Tomelin que são espelhos em minha vida.

A minha família: a companheira Patrícia Gbur Portela Petry, que acompanha e apoia há 18 anos minha vida no teatro; a filha Catarina e ao filho Caetano, que já fazem da *Amorabi* sua segunda casa e entram comigo no mundo da arte.

A comunidade do bairro Itinga.

Sem vocês, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora orientadora Márcia Pompeu Nogueira pela dedicação, competência e provocações que me estimularam a mergulhar nesta história.

Á banca examinadora: Prof. Dra. Marina Henriques Coutinho, Prof. Dra. Fátima Costa de Lima e Prof. Dra. Vera Regina Martins Collaço pelas correções e contribuições necessárias para o aprimoramento da dissertação.

As correções e ponderações da professora Marta Heinzelmann.

Ás pessoas que cederam suas casas para que eu pudesse dormir e realizar algumas disciplinas como aluno especial: Emanuelle Carvalho e Juliana Alcântara, Letícia Helena da Maia e Leonardo de Matos, João França e Isadora Dourado dos Santos.

Ao Marcos da Maia Vicente Júnior, pela ajuda nas traduções em inglês.

Ás caronas que recebi.

A minha mãe, Verônica Guesser Petry, que mesmo não entendendo muito de teatro, sempre valorizou minhas andanças pelo mundo cultural e social.

A tradução é um trabalho dialógico e político. Tem igualmente uma dimensão emocional, porque pressupõe uma atitude inconformista, por parte do sujeito, em relação aos limites do seu próprio conhecimento ou da sua própria prática e a abertura para ser surpreendido e aprender com o conhecimento e prática do outro.
Dilatado o campo das experiências, podemos avaliar melhor as alternativas que são hoje possíveis e disponíveis. Esta diversificação das experiências procura recriar a tensão entre experiências e expectativas, mas de tal modo que umas e outras aconteçam no presente. O novo inconformismo é o que resulta da verificação de que hoje e não amanhã seria possível viver num mundo muito melhor. A possibilidade de um futuro melhor não está assim, num futuro distante, mas na reinvenção do presente, ampliado pela enorme diversidade de saberes e práticas e tornado coerente pelo trabalho da tradução.

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

A presente dissertação propõe uma análise do trabalho social e cultural de uma comunidade periférica no Brasil localizada no bairro Itinga, zona sul de Joinville/SC. São quase 25 anos de atividades culturais atravessando diversas fases e envolvendo muitas pessoas. Em muitos momentos, esta é uma abordagem de dentro pra fora, pois se trata de uma sistematização de experiências e análise da produção feita a partir da vivência pessoal do autor. Em outros momentos o olhar será complementado através do encontro com pessoas que fazem parte desta jornada, do material documental coletado e das referências bibliográficas. A Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga (Amorabi) e o Abismo Teatro de Grupo são os espelhos desta trajetória que mantém vivo ainda hoje um projeto solidário, e muitas vezes solitário, de arte e cultura num lugar distante, onde os direitos sociais ainda não estão garantidos. A análise destes materiais representa uma nova reflexão desta história ampliando o horizonte de seu significado.

Palavras-chave: Teatro comunitário; Teatro político; Teatro popular; trabalho cultural; Comunidades periféricas.

ABSTRACT

This thesis proposes an analysis of the social and cultural work of a peripheral community in Brazil located at Itinga neighborhood, south side of Joinville / SC. It's nearly 25 years of cultural activities through various stages and involving many people. In many instances, this is an inside out approach, because it is a systematization of experiences and analysis of the production made from the author's personal experience. At other times the point of view is complemented by the encounter with people who are part of this journey, by the collected documentary material and by bibliographic references. The Association of Residents and Friends of Itinga neighborhood (Amorabi) and Abyss Theater Group are the mirrors of this trajectory that keeps alive today a solidarity, and often solitary, art and culture project in a distant place, where social rights are not yet guaranteed. The analysis of these materials is a new reflection of this story expanding the horizon of meaning

Key words: Community Theatre, Political Theatre. Popular Teatre, Cultural work; Peripheral communities

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 19
2 A COMUNIDADE DO ITINGA..... 25
2.1 CONHECENDO O BAIRRO..... 25
2.2 VER, JULGAR, AGIR: FORMAÇÃO POLÍTICA E COMUNITÁRIA NO BAIRRO..... 47
3 O TEATRO NO ITINGA..... 59
3.1 *20V* E AS PRIMEIRAS CENAS..... 59
3.2 DO *ITINERANTE* PARA A *AMORABI:* FORTALECENDO A TRAMA..... 71
3.3 JOGANDO-SE NO *ABISMO* E CONSTRUINDO UM GRUPO..... 153
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 195
REFERÊNCIAS..... 205

1 INTRODUÇÃO

> Ser cidadão não é viver em sociedade, mas transformá-la. (Augusto Boal)

No ano de 2010 tive a oportunidade de frequentar como aluno especial de Mestrado a disciplina Práticas Teatrais e Comunidade, ministrada pela professora doutora Márcia Pompeo Nogueira[1], no Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina. Pude aprimorar meus conhecimentos e intercambiar ideias sobre teatro e comunidade, já que vivencio uma experiência concreta de arte na comunidade através da *Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga – Amorabi* e do *Abismo Teatro de Grupo*.

Percebi que há muitos grupos de teatro em comunidades e que este pequeno trabalho desenvolvido pela Amorabi, encontra ressonâncias em vários outros locais periféricos do mundo. Ou seja, existe uma comunidade de teatro comunidade.

Inicialmente, pretendia estudar quatro grupos que desenvolvem um trabalho de teatro comunitário: *Associação Comunitário Monte Azul*, favela Monte Azul, zona sul de São Paulo/SP; *Instituto Pombas Urbanas*, bairro Cidade de Tiradentes, zona leste de São Paulo/SP; *Cia. Marginal*, favela da Maré, zona norte do

[1] Professora do CEART/UDESC, doutora em Drama pela Universidade de Exeter, Inglaterra.

Rio de Janeiro/RJ; e *Amorabi*, zona sul de Joinville/SC. Na *Amorabi* faríamos um olhar de dentro pra fora, pois se tratava de um projeto que conhecíamos e procuraríamos sistematizar as experiências vividas, sua estrutura e produção. Nas outras comunidades, faríamos um olhar de fora pra dentro, pois seriam refletidas a partir do encontro com os grupos e dos materiais coletados. Nas considerações, teríamos um paralelo destas experiências, mostrando dificuldades, semelhanças e conquistas destes grupos que fazem sua arte em lugares periféricos do Brasil.

Começamos a fazer o olhar de dentro pra fora e pensamos em focar a qualificação da dissertação escrevendo sobre o Itinga. Mas a quantidade de material e o desejo de fazer um estudo aprofundado transformou a proposta inicial. Mergulhamos neste olhar e descobrimos que havia uma boa história para contar, com conteúdo e reflexão.

Portanto, esta dissertação propõe uma análise do trabalho teatral que é desenvolvido no bairro Itinga, com o objetivo de refletir sobre esta trajetória de quase vinte e cinco anos, servindo também de estímulo para outros grupos que trilham pelo mesmo caminho. No Estado de Santa Catarina, há poucas referências e estudos sobre o teatro realizado em comunidades e muitos trabalham isoladamente. A Amorabi, em Joinville, era a única entidade que fazia um trabalho de teatro no bairro até pouco tempo atrás. Atualmente além dela, existe também outro espaço chamado de *Casa Iririú*[2], coordenado pelo ator e diretor Hélio Muniz[3].

---

[2] A *Casa Iririú* localiza-se no bairro Iririú. Seu surgimento, foi inspirado nos projetos desenvolvidos na Amorabi.

[3] Hélio Muniz é diretor, ator e professor de teatro. Na década de 1970 fez parte do Teatro de Arena com Augusto Boal. Foi instrutor de teatro da Amorabi há vários anos. Atualmente

Esta pesquisa busca balizar opções e projetos desenvolvidos na *Amorabi*, pois ao sistematizar a história cultural do Itinga, poderei aprofundar este contexto e também meu entendimento sobre o teatro que desenvolvemos, podendo refletir e buscar novas direções e encaminhamentos.

Neste olhar de dentro pra fora escreverei a partir de minha vivência pessoal e de documentos que foram produzidos por mim nos grupos que participei durante esta trajetória, como cadernos de reuniões, fichas, anotações, agendas, artigos, livro caixa, cartas e outros, procurando organizar estas experiências para sistematizar os conteúdos. Entretanto, meu olhar será complementado através do encontro com outras pessoas que fazem parte desta jornada, com as quais realizei entrevistas no ano de 2001, para uma exposição dos 20 anos da *Amorabi* e também com os atores João Vitor França e Marcos da Maia Vicente Junior e as atrizes Letícia Helena da Maia e Isadora Dourado dos Santos, fundadores junto comigo do *Abismo Teatro de Grupo*. O material documental produzido pela Amorabi, como projetos, relatórios de projetos, matérias de jornais, entrevistas realizadas pelo pesquisador Alex dos Santos, pesquisas na internet e as referências bibliográficas serão necessários para fundamentar esta dissertação. A análise destes materiais representa uma nova reflexão desta jornada de quase 25 anos, na qual tenho me dedicado ao fazer cultural e teatral, trazendo um novo entendimento de seu significado.

Esta dissertação terá dois capítulos. O primeiro abordará a história do bairro e sua relação com as pessoas que vivem nele. Inclui sua origem rural, as

---

coordena a Casa Iririú e é dirige o Grupo de Teatro Canto do Povo.

dificuldades enfrentadas em relação à falta de estrutura básica da localidade (água, luz, saneamento básico, transporte público), a situação dos loteamentos irregulares e a distância do centro da cidade. Também faz parte deste panorama as lutas e conquistas que a comunidade, através de sua mobilização, conseguiu para melhorar a vida das pessoas. A *Amorabi* e a igreja católica *Menino Jesus* foram protagonistas nestas vitórias. Num segundo momento irá tratar da formação política e comunitária realizada no bairro, da qual eu pude participar diretamente. Essa formação utilizava-se de metodologias próprias como o método *Ver-Julgar-Agir* para formação novas lideranças*.* Ela tinha como proposta a transformação da sociedade em que vivíamos e era realizada em grande parte pela igreja católica da qual eu era catequista e coordenador da Pastoral da Juventude – PJ. A igreja participava do movimento das *Comunidades Eclesiais de Base – Cebs*, tendo como pano de fundo a *Teologia da Libertação*, por isso era ministerial e as pessoas comuns participavam ativamente junto com os padres da construção desse *novo jeito de ser igreja*. A formação política fazia parte desse processo e muitas pessoas se engajavam nas Associações de Moradores, Sindicatos e Partidos Políticos de esquerda para mudar a estrutura vigente.

O tema do segundo capítulo é o teatro, a solidificação do trabalho artístico cultural desenvolvido pela *Amorabi* e a criação do *Abismo Teatro de Grupo*. Apresenta a trajetória de três grupos formados a partir de 1992. O primeiro é a *Equipe de Teatro 20V*, embrião do teatro no Itinga, que começou na Igreja *Menino Jesus,* formado por adolescentes do grupo de catequese *Perseverança*. O segundo é o *Grupo Cultural Itinerante* que, tornando-se independente da igreja, começa a escrever sua história na comunidade. O teatro realizado

pelo *Itinerante* encontrou lugar na *Amorabi* e essa trajetória dura mais de 15 anos, culminando na formação do *Abismo Teatro de Grupo*. O *Abismo* é resultado das oficinas realizadas na *Amorabi* e vem desenvolvendo um teatro político e comunitário no bairro, buscando sua própria linguagem.

No final teremos as considerações sobre a pesquisa, tecendo algumas conclusões provisórias. Situando dificuldades e vislumbrando conquistas, poderei responder com mais determinação sobre o sentido de fazer teatro em comunidade hoje, e perseverar nesta luta.

2 ACOMUNIDADE DO ITINGA

2.1 CONHECENDO O ITINGA

> Na época você sendo da comunidade, você conhece as famílias, você vive, você sente. (Sandra Maria Krüger)

Estou envolvido diretamente na história da formação social e cultural do bairro Itinga, e não pretendo me excluir dela e muito menos me distanciar. Pretendo percorrer este caminho novamente, organizar os fatos, analisar e refletir no presente sobre este passado ainda presente através de minhas memórias, documentos e entrevistas com pessoas que estiveram e ainda estão comigo nesta empreitada, trazendo um olhar de dentro pra fora.

Essa dissertação trata sobre o tempo presente, sobre a história do tempo presente e Eric Hobsbawm[4] nos ajuda a conceituar esta ideia. Para ele escrever "sobre nosso próprio tempo, é inevitável que a experiência pessoal desses tempos, modelem a maneira como vemos, até a maneira como avaliamos a evidência à qual todos nós, não obstante nossas opiniões, devemos recorrer e apresentar" (2011, p. 21). O mundo, os governos, o sistema econômico, as escolas, tudo na sociedade, não se destina para uma minoria privilegiada. Hobsbawm afirma que o mundo não é feito para nosso benefício pessoal, e não estamos nele para ter esse benefício. Um mundo assim não é bom e não deve durar.

[4] Eric Hobsbawm (1917/2012) foi historiador marxista britânico reconhecido como um dos principais historiadores do século XX.

> É para o benefício da grande maioria das pessoas [...] É para pessoas que, ao longo da história, fora do seu bairro, apenas têm entrado para a história como indivíduos nos registros de nascimento, casamento e morte. Toda a sociedade que valha a pena viver é uma sociedade que se destina a elas, e não aos ricos, inteligentes e excepcionais. (HOBSBAWM, 2011, p. 21)

Ao escrever sobre minhas vivências, compartilho meu olhar sobre a comunidade do Itinga e apresento uma visão da história cultural/social do bairro. Não tenho a intenção de fazer uma biografia pessoal e, perdoem-me se não conseguir me distanciar o tanto quando deveria.

Nasci em Massaranduba/SC e vim morar em Joinville na década de 1970 no bairro Itinga, porque, segundo minha mãe, naquela cidade não havia escolas de 2º grau e meus irmãos mais velhos precisavam continuar os estudos. Por conta disso meu pai escolheu morar em Joinville. Primeiro veio meu pai, comprou um terreno, abriu uma madeireira e construiu uma casa no Itinga. Em 1976 veio a família inteira. O Itinga era um bairro rural, com plantação de arroz, mandioca e muito distante do centro da cidade. Era comum ouvir os moradores falarem “estou indo pra cidade” quando estavam se dirigindo ao centro, devido principalmente à distância e às dificuldades que as pessoas tinham de chegar até a região central, pois havia apenas um acesso e poucos horários do transporte coletivo no bairro.

Em um artigo publicado na *Revista da Amorabi*[5], escrevo um pouco sobre a história do bairro Itinga a

[5] *Revista da Amorabi*. Joinville, 2014, Ano 01 n. 01. Publicação que faz parte do Projeto Ponto de Cultura O Itinga pede passagem

partir de pesquisas e entrevistas com pessoas da localidade. O Itinga foi um antigo caminho utilizado por cavaleiros e carroceiros com o intuito de levarem seus produtos da chamada Vila Dona Francisca (hoje Joinville), para as cidades de São Francisco do Sul e Jaraguá do Sul. Era uma área rural, tornou-se depois também um ponto de criação de gado, plantação de milho, aipim e principalmente arroz. Os moradores produziam para sua subsistência e vendiam ou trocavam o excedente por produtos não encontrados no bairro, em outras localidades da cidade. O transporte era feito por carroças puxadas por cavalos (PETRY, 2014).

Da minha infância, lembro que trabalhava um período na empresa do pai, ajudava a cuidar dos animais (vacas, galinhas, porcos) e estudava. Durante quatro anos – de 1982 a 1985 - frequentei a Escola Municipal de 1º grau Professora Lacy Luiza da Cruz Flores – localizada no bairro Itinga Km7. Nas pesquisas realizadas, recebi um histórico da Escola que diz o seguinte:

> Nossa história começou quando o Sr. João Guilherme Springer doou o terreno em meados do ano de 1947 para que pudesse ser construída a então denominada Escola Mista Municipal Itinga, tendo como professora na época a Sra. Azaide Rampeloti. Na ocasião ministravam-se aulas até a 3ª série e a escola possuia um total de 34 alunos. Em 1951 a escola passou a denominar-se Escola Municipal Desdobrada Itinga. Com apenas duas sala de aula a escola vinha atendendo desde a

---

com o Patrocínio da Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural, Ministério da Cultura, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte e Governo de Santa Catarina.

> sua fundação em 10 de outubro de 1948 sempre no mesmo endereço: Rua Waldomiro José Borges, 3997 no bairro Itinga. Com o passar do tempo foi necessário à construção de um prédio maior para acomodar e atender as crianças da comunidade. (ESCOLA Municipal Professora Lacy Luíza da Cruz Flores, 2009)

O morador Jandi Luiz Corrente[6], em entrevista ao pesquisador Alex dos Santos[7], ao lembrar-se da escola relata que:

> A primeira escola era numa casa de *enxaimel* [...] O Alfredo Hille cedeu a casa para as crianças terem a escola [...] os filhos desses agricultores, alguns queriam depois fazer uma escola lá para baixo e outros lá para fora, mais pra frente, aí o Sr. Alfredo Altmann disse assim, isso narrado pelo Arno Altmann filho dele: Se é pra ficar um quer pra lá, outro quer pra cá, eu dou um morgo, morgo é cinquenta por cinquenta, pra fazer a escola [...] era uma escola de madeira, quatro águas, uma cozinha, só uma sala e uma cozinha que tinha umas colunas de concreto [...]. Eles mesmos, os agricultores construíram [...] eles se uniram e era madeira "farquejada", cortada com machadinha, feito quadrado

[6] Jandi Luiz Corrente é um morador atuante no bairro, participando diversas vezes da diretoria da Amorabi. Atualmente é o Vice-presidente.

[7] Alex dos Santos é formado em História e atuou como pesquisador para o projeto do Ponto de Cultura *O Itinga pede passagem* no ano de 2009. Atualmente é membro da diretoria (secretário) da Amorabi.

> da torinha, era de tábua, eles fizeram a primeira escola.[8]

Foi nesta escola que eu estudei. Até tempos atrás ainda restava uma parede de concreto com uma janela, pois na construção foi colocado muito cimento e a parede resistiu. Eu sempre acreditei que ela permanecia ali para entrar para a história, porque toda vez que passava por ela, as lembranças de um passado não muito distante tomavam conta de mim. Infelizmente a parede foi demolida em 2014.

Sandra Maria Krüger, que foi diretora na Escola Municipal Professora Lacy Luiza da Cruz Flores durante 23 anos, conta que só foi possível a construção de uma nova Escola através da mobilização da comunidade em parceria com a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga – Amorabi.

> Na época você sendo da comunidade, você conhece as famílias, você vive, você sente. [...] Eu fiz tudo na escola com muito amor, porque primeiro de tudo era a escola. Se era uma flor, aquela flor eu queria para a Escola. Tudo o que eu fiz, eu não me arrependo de nada. [...] teve muitos problemas, muitas dificuldades, porque quando nós nos transferimos da escola velha para a nova, a Prefeitura só nos deu carteira e cadeira. Tudo foi adquirido com muito sacrifício, com auxílio da Associação de Pais e Professores - APP, com os pais [...] Foi a conquista do terreno da escola e a construção da

[8] CORRENTE, Jandi Luiz. *Entrevista concedida a Alex dos Santos*. Joinville, 10 de ago. de 2009.

> escola. Pra nós foi uma conquista porque era muito dificultoso, a escola era muito pequena pras atividades e havia a necessidade de uma nova escola. Então a união da Associação, com a APP da escola, com a comunidade, foi a maior conquista que houve na época. Porque cada tijolo que foi colocado ali, foi acompanhado todos os dias, a contrução nós acompanhávamos. Foi uma felicidade grande conseguir esta escola. [...] os moradores antigos eram bem mais fáceis você trabalhar, você conseguir, eles se empenhavam. Os moradores antigos eles já vem com aquilo que a igreja, a escola são prioridades. Era bem mais fácil [...] depois com o progresso como a gente diz, se tornou mais difícil de conseguir as coisas, devido também o aumento da população, as dificuldades, o desemprego. Tudo foi se tornando mais difícil.[9]

O bairro Itinga foi criado através da Lei nº 1.526, de 5 de julho de 1977, assinado pelo então Prefeito Luiz Henrique da Silveira. No livro *História dos Bairros de Joinville*, o Itinga é conhecido como o "o último da zona sul da cidade, que, por conseguinte tem limite com o Município de Araquari". Também diz que é muito conhecido por todos que se dirigem às praias de São Francisco do Sul. Sobre a origem do nome, o livro traz a seguinte explicação:

> Vieira da Rosa, em seu livro "Chorographia de Santa Catarina" diz o seguinte: " 'Y' é um vocábulo guarany que significa água.

[9] KRÜGER, Sandra Maria. *Entrevista concedida a Cristovão Petry*. Joinville, 21 de abr. de 2001.

> ‘Tinga’ quer dizer branco... O Ytinga tem este nome devido à limpidez de suas águas ou, o que é mais razoável, à cor leitosa que muitos rios apresentam devido à dissolução de argila branca ou caulim, é um riozinho de onze quilômetros apenas”. A conclusão que se chega é que em tempos passados este rio fazia parte do cenário do bairro, e, portanto, o lugarejo assim era conhecido em função do rio. (CORREA; ROSA, 1992, p. 91 e 92)

O escritor Apolinário Ternes no livro *Tempos Modernos: a presença dos italianos em Joinville* cita o Itinga como um lugar que recebeu a partir de 1950 várias famílias italianas, mas já moravam na localidade muitos lusos-brasileiros que sobreviviam do plantio de “mandioca, banana, batata, cana de açucar e, além dos arrozais, funcionavam alguns engenhos para a produção de farinha, melado e açucar”. (TERNES, p. 68)

O jornalista Luis Fernando Assunção numa matéria publicada no jornal *A Notícia*, denominada *Itinga está onde Joinville termina*[10] demostra neste título a fama que o bairro tinha, e ainda tem, por ser distante de tudo e de todos. No livro *Pelas tramas de uma cidade migrante*, a historiadora Ilanil Coelho[11] escreve sobre a

---

[10] ASSUNÇÃO, Luís Fernando. Itinga está onde Joinville Termina. A Notícia. Joinville, 6 abril 1997.

[11] Ilanil Coelho possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986), Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (1993) e Doutorado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Atualmente é Professora da Universidade da Região de Joinville ocupando as funções de Coordenadora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade e de docente no Curso de História e no Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Disponível em:

Festa da Polenta que é realizada no bairro e critica esse jargão:

> Ora, se geograficamente o bairro é limítrofe à outra cidade e seus moradores provém de outras regiões, por que não designá-lo como bairro que "está onde Joinville começa"? O "estar onde termina", então, constitui um recurso semântico que o caracteriza como lugar isolado, carente e, numa cidade, onde não se quer estar, num lugar perdido no mapa. Acredito que a designação do jornalista ao bairro se ancora em mapas mentais, os quais dizem respeito ao imaginado por aqueles que pouco nele transitam a não ser em suas idas ao litoral próximo. Como ele mesmo diz, "lá nas paragens onde Joinville termina, onde os viajantes costumam achar que estão fora da cidade, bem lá, está o bairro Itinga". (COELHO, 2011, p.108)

Coelho também analisa a matéria intitulada *Itinga ainda preserva características rurais*[12] publicada no jornal *A Notícia* e diz que o bairro visto "de longe e de fora" é "resultado das forças econômicas, das variáveis demográficas, dos interesses imobiliários e das percepções do poder público" porque o poder público municipal pouco fazia pelo bairro, promovendo lentamente as melhorias na infraestrutura e "para compensar a falta de quase tudo, a reportagem

---

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4737367H0. Acesso: 20/05/2016.

[12] ITINGA ainda preserva características rurais. A Notícia, Joinville, p. A15, 9 jul. 2000.

evidencia as práticas “solidárias”, características do lugar” (COELHO, 2011, p. 109).

Em razão desse abandono do poder público, em 1981 nasce a Amorabi – Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga, a mais antiga instituição deste tipo em Joinville. Até 1983, a *Amorabi* estava organizada na localidade da Escolinha, que pertencia ao bairro Itinga (hoje bairro Boehmerwald). A partir de 1984, essa Associação passou a se organizar também na região da Escola Municipal Lacy Luiza da Cruz Flores e, em 1985, assumiu como presidente Pedro Rocha, morador dessa região, trazendo definitivamente a entidade para esta localidade. O objetivo inicial era atender as reivindicações dos moradores como telefone, linhas de ônibus, água, energia elétrica, asfalto. Dentre as dificuldades da época da fundação, existia também a questão dos loteamentos irregulares. Muitas imobiliárias vendiam lotes sem a devida infraestrutura, aprovados pela Prefeitura. Em matéria publicada no jornal *A Notícia,* no ano de 1982, intitulada *Associação, uma solução eficiente*, são apontadas diversas reivindicações dos moradores, que fundaram uma Associação de Moradores para pleitear, junto aos órgãos públicos, melhorias para o bairro. Na época, uma das solicitações dos moradores, era a questão dos loteamentos irregulares, conforme segue:

> Na verdade a Associação já impôs respeito e hoje há melhorias nos loteamentos que só foram obtidas graças a essa mobilização e claro que nem a Prefeitura e os loteadores gostam desta atuação dos moradores, que estão denunciando a falta de cumprimento das promessas dos responsáveis. “Eles sabem que a Associação levanta e denuncia os erros”,

> diz Leal (Dario Leal, morador do bairro e sócio da Associação) ao que complementa Luis Petroski (presidente da Associação na época) assinalando que “enquanto a Prefeitura e os loteadores não gostam, a verdade é que os moradores consideram importante essa união e cada vez mais estão vindo ao encontro da Associação.[13]

Na década de 1990, havia uma demanda dos moradores por uma creche, que era necessária por conta de um grande número de crianças pequenas, que não tinham onde ficar, enquanto seus pais trabalhavam. Como o Estado não respondeu a esta demanda, a partir de 4 de maio de 1992, a Amorabi assumiu essa nova responsabilidade no bairro. Pegou para si a tarefa e criou o primeiro Centro de Educação Infantil no Itinga chamado do Centro Comunitário de Educação Infantil - Cecei Vovó Juliana. Em abril de 1991, a Associação de Moradores recebeu a título de doação de Juliana de Carvalho Vieira, professora aposentada da comunidade, uma casa de 110 metros quadrados, que passou a abrigar as atividades da educação infantil. Mutirões, campanhas e eventos foram organizados para angariar recursos necessários para reformar e adequar o espaço.

A necessidade da comunidade em dispor de um espaço adequado para o desenvolvimento de suas atividades, fez com que os associados da Amorabi, a partir de 1994, se mobilizassem em pról da construção do Centro Comunitário. Através de trabalho voluntário, doações, mutirões e parcerias com o Estado, Município, empresas, entidades e comunidade, o Centro Comunitário virou realidade. Em março de 1999 aconteceu a inauguração do primeiro piso do Centro

[13] ASSOCIAÇÃO, uma solução eficiente. *A Notícia*, Joinville, 16 de out. 1982.

Comunitário Itinga. Em 2001, a Amorabi ganhou corpo e inaugurou um prédio com mais de mil metros quadrados, custando 40% do valor total da obra, se ela fosse feita pelo poder público, devido ao amor e a ação de amigos e sócios.

O Centro Comunitário, além de abrigar o Cecei Vovó Juliana, servia para reuniões dos moradores e para atividades de cidadania, como a realização de cursos profissionalizantes: elétrico, hidráulico, marceneiro e outros; atividades de carater formativo e educativo, projetos educativos e trabalho voluntário. Durante mais de 20 anos o Cecei atendeu mais de quinhentas crianças do bairro que tinham gratuidade ou pagavam uma mensalidade bem abaixo do valor pago num Cei - Centro de Educação Infantil particular.

Mesmo com o Cecei atendendo boa parte das crianças do bairro, a Amorabi não deixou de lutar para a construção de um Cei público que foi inagurado somente em 2009. Com a inauguração do Cei Pedro Paulo Hings Colin, o número de crianças no Cecei da Amorabi diminuiu bastante, assim como o valor do convênio com a Prefeitura. A maioria dos pais não estava conseguindo contribuir com um valor mensal para manutenção do espaço e pagamento dos profissionais da educação. O Cecei teve que ser fechado em 2012, e para pagar corretamente todos os encargos dos funciónarios, precisou realizar um empréstimo, que aos poucos está sendo pago com a realização de eventos e contribuição de sócios. Com o fechamento do Cecei, em torno de 75 pais ficaram sem ter onde deixar seus filhos. Para resolver esse impasse, a partir de agosto de 2012, a Amorabi passou a ceder gratuitamente o espaço à Prefeitura Municipal de Joinville, que através da Secretaria de Educação, assumiu o atendimento das crianças do Cecei Vovó Juliana como extensão do CEI

Eliane Krüger, isentando os pais da mensalidade e continuando com o bom atendimento para todas as crianças já matriculadas e possibilitando a inclusão de novas. Em dezembro de 2013 foi criado oficialmente o CEI Professora Juliana de Carvalho Vieira que continua localizado no prédio da Amorabi e atende hoje em torno centro e trinta crianças.

Nestes 35 anos de história, a Amorabi, se destacou por ter sido porta voz da comunidade em importantes vitórias como a Construção do CEI Eliane Kruguer (Bairro Boehmerwald) e CEI Pedro Paulo Hings Colin, consquista do terreno para construção da nova sede da Escola Municipal Lacy Luiza da Cruz Flores, construção do Posto de Saúde do Itinga, iluminação púbica e rede de água em diversas ruas, legalização de vários loteamentos irregulares, instalação de telefones púbicos e lombadas, melhoria nos horários de ônibus e consquista de mais linhas, entre outras.

A partir de 1993, começou a acontecer no bairro também a *Festa da Polenta*, um evento que começou na casa do morador conhecido como Nono Corrente. Na década de 80, para comemorar o seu aniversário, a família promovia um churrasco, convidando amigos e a vizinhança. Ilanil Coelho escreveu sobre a festa e afirma:

> Por ser benquisto no bairro, Nono Corrente passou a receber cada vez mais convivas. O churrasco foi substituído pela polenta e a festa [...] “se transformou em festa italiana”. Passou também a ser realizada no galpão da Igreja Menino Jesus, já que a residência dos filhos não comportava mais todos os convidados. Mesmo depois da morte do Nono Corrente, a festa continuou [...] A festividade agora tem a “intenção de integrar a comunidade” [...] Após o almoço começam as apresentações culturais

> abertas e diversificadas [...] O baile é um dos pontos altos da festa. (COELHO, 2011, p. 110)

Acompanhei e ainda acompanho a *Festa da Polenta*, que agora acontece no segundo domingo do mês de julho, chegando em 2016 à 23ª edição. A *Festa* tem a pretensão de ser um evento italiano, mas é uma verdadeira celebração da comunidade, com comida boa, apresentações artísticas e encontros de antigos e novos moradores.

O morador do bairro Sandro Luís dos Santos, em entrevista ao pesquisador Alex dos Santos comenta sobre seu tempo de descobrimento no bairro Itinga:

> Meu primeiro contato com o Itinga foi por volta de 1978, quando minha tia Lucia (já falecida) veio morar na Olaria (Bio) e nos trouxe para passar as férias de julho. Como era copa viemos (eu e meu irmão mais velho Paulinho) com a camisa da Copa da Argentina, num tempo que parecia ter só duas opções: chinelo Havaina ou Samba, Pepsi ou Coca Cola, Fanta ou Mirinda, Sprit ou Teen, Rayovaque ou Evered, Conga ou Kichute. E ainda brincávamos de peca, bola, pião, etc. Só tinha a venda da Dona Benta, que fazia esquina com a rua da Raia. Era um tempo gostoso em que a linguiça era barata, o ovo tinha à beça, e cabelo era cortado com um tal de pentinho com gilete, ah, e piolho matava com vinagre e cachaça, dava uma vergonha. Tempo esse que você pedia a “bença” para papai, mamãe, vovô etc. Você conhecia seu

> vizinho. Esse tempo de minha vida eu chamo de descobrimento.[14]

Tendo em vista os depoimentos e a história de lutas e conquistas da Amorabi, percebo que as palavras de Sandro Luís dos Santos tem significado e vem ao encontro com o que o sociólogo Zygmunt Bauman afirma em seu livro *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual* onde, ao se falar a palavra comunidade, esta produz sensações.

> Ela sugere uma coisa boa: o que quer que "comunidade" signifique, é bom "ter uma comunidade", "estar numa comunidade" [...] As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa [...] produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra "comunidade" carrega [...] é um lugar "cálido", uma lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. (BAUMANN, 2003, p. 7)

Porém, Bauman alerta que essa "comunidade", esse "paraíso perdido", "é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente ao nosso alcance – mas no qual

---

[14] SANTOS, Sandro Luiz. *Entrevista concedida a Alex dos Santos*. Joinville, 19 de set. de 1999.

gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir" (2003, p. 9) e questiona a tensão que há entre a vida em comunidade e a liberdade individual. Os valores individuais são maiores que os coletivos, mas todos vivemos num mundo globalizado e somos interdependentes, não sendo ninguém o senhor do próprio destino (Ibid, p. 133). Bauman não acredita que exista no mundo contemporâneo uma comunidade e conclui que:

> Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003, p. 134)

A reflexão de Bauman tem como pano de fundo a comunidade na era da globalização e pós-modernidade dos grandes centros urbanos, onde a desigualdade, a insegurança de uma "*sociedade líquida"* que, segundo ele caracteriza-se pela volatilidade e inconstância. Esse ambiente é desfavorável para a construção de comunidades estáveis e éticas. Nos "tempos líquidos" são formadas comunidades em torno de espetáculos, eventos festivos, para resolver algum "problema", grupos instantâneos com prazos de validade (BAUMAN, 2003, p. 68). No seu livro *Identidade* ele chama isso *de* "comunidades guarda-roupa":

> Invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por pendurarem os problemas individuais, como fazem os

> frequentadores de teatros, numa sala. Qualquer evento espetacular ou escandaloso pode se tornar um pretexto para fazê-lo; um novo inimigo público elevado à posição de número 1; uma empolgante partida de futebol; um crime particularmente "fotogênico", inteligente ou cruel; a primeira sessão de um filme altamente badalado; ou o casamento, divórcio ou infortúnio de uma celebridade atualmente em evidência. As comunidades guarda-roupas são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à "coisa genuína" são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las. (BAUMAN, 2005, p. 37)

Lendo isso, percebo certa desconfiança na formação de novas comunidades, mas o próprio Bauman afirma que "elas diferem da sonhada comunidade calorosa e solidária da mesma forma que as cópias em massa vendidas nas lojas de departamentos diferem dos originais produzidos pela alta-costura" (Ibid, p. 37).

O escritor Christopher Schaefer, em seu livro *Desenvolvimento de Iniciativas Sociais* afirma que há cem anos "a maioria das pessoas viviam em comunidades fechadas, em vilas, famílias e pequenos grupos de trabalho [...] As pessoas sabiam mais ou menos como trabalhar e viver em conjunto, normalmente devido à tradição e ao hábito" (2000, p. 15). Mas o que aconteceu com a sociedade e com os seres humanos? Schaefer aponta a individualização como um dos pontos

centrais na perda do sentido de comunidade, principalmente nesta sociedade capitalista e consumista, onde palavras como “eu penso”, “eu sinto” e “eu quero” ganham destaque (Ibid, p. 15).

O escritor e sociólogo Etzioni assim define comunidade:

> São redes de relações sociais que compreendem sentidos compartilhados e acima de tudo valores compartilhados. Famílias podem ser qualificadas como mini comunidades. Cidades frequentemente são, embora não necessariamente. Algumas vizinhanças em cidades [...] constituem comunidades. Sociedades nacionais bem integradas podem ser consideradas comunidades. Comunidades não precisam ser geograficamente concentradas. (ETZIONI, 1995, p. 24)

O conceito deste autor abrange dois aspectos importantes: afeto e valores compartilhados. Além disso, Etzioni afirma que a comunidade é fundamental para uma vida saudável.

> [...] quem vive em sociedade vive mais tempo, com mais saúde e mais satisfatoriamente [...] tem significativamente menos enfermidades psicossomáticas e problemas mentais do que os que vivem isolados [...] são menos propensos a unir-se a bandos violentos, seitas pseudo-religiosas ou grupos paramilitares. (ETZIONI, 2001, p. 26)

O psicólogo e doutor em sociologia, professor Carlos José Naujorks num artigo intitulado *Processo identitário e vivência comunitária* afirma que comunidade tem ligação com o pertencimento.

> A comunidade implica no compartilhamento entre os membros de determinado grupo de valores, normas, crenças, costumes, estando esses objetivados materialmente e conformando, daí, determinada territorialidade, ou seja determinada apropriação do espaço. É a partir desses elementos de identificação que se produz entre os membros de determinada comunidade outro elemento que lhe é fundamental: o sentido de pertencimento. A dimensão objetiva da territorialidade dispõe aos indivíduos os elementos materiais suficientes para produzir os referentes identitários que representam a expressam a identidade e o pertencimento. (NAUJORKS, 2013, p. 87)

Mas como é produzido esse sentido de pertencimento? Como ele acontece? Onde entra a individualidade da pessoa? Naujorks responde que:

> O processo identitário é produzido tendo-se por base as categorizações que tomam como referentes da pessoa sua história ou características idiossincráticas, os papéis e categorias das quais participa e as coletividades das quais faz parte. A comunidade aparece como referente possível para a construção de um sentimento particular de pertencimento coletivo, e nesse sentido ela remete a um

> referente da dimensão coletiva da identidade individual. Morar em determinado bairro ou em determinada cidade, por exemplo, é um referente que situa o indivíduo em relação a determinadas coletividades. Ele não é, no entanto, suficiente para desenvolver na pessoa uma vivência comunitária. (NAUJORKS, 2013, p. 91)

A vivência comunitária está ligada ao sentido de pertencimento que a pessoa elabora sobre determinada coletividade. É a identidade individual que encontra ressonâncias em outras pessoas e dá força para o viver em comunidade. No caso do Itinga, especificamente estamos falando da comunidade formada por pessoas de uma determinada região da cidade de Joinville, onde juntamos as famílias mais tradicionais com os moradores de diversas regiões do Brasil que escolheram este bairro para praticar uma vida comunitária.

Anthony Cohen (1998), por sua vez, amplia a noção de comunidade, informando que ela "não se define apenas em temos de localidade", (NOGUEIRA apud COHEN, 1998, p. 15) mas tem relação com a entidade à qual as pessoas pertencem, maior que o parentesco, menor que a sociedade. Cohen ainda diz que comunidade não significa unicidade total, mas aceitação de simbologias comuns, mesmo com interpretações diferentes.

O jornalista que escreveu que o *Itinga está onde Joinville termina* (1997) conclui que são as pessoas que fazem a diferença neste bairro, e a solidariedade dribla as dificuldades diárias para marcar seus gols.

> O Itinga é uma daqueles bairros onde a solidariedade entre as pessoas ultrapassa a capacidade de compreensão de muita gente. Sem infraestrutura básica – não há esgotos, só tem uma rua calçada e muitas residências não receberam sequer água encanada -, sem investimentos da Prefeitura, o bairro sobrevive da obra anônima de cada morador. É através de nomes como Irene, Marino, Padre Luiz, pessoas envolvidadas diretamente com trabalhos comunitários, que o Itinga ultrapassa as dificuldades e continua a crescer, mesmo sem planejamento. Creches comunitárias, mantidas pelos próprios moradores, abrigos a menores, mantida pela contribuição de todos, são exemplos de como as pessoas conseguem driblar a indiferença do poder público.[15]

Hoje a situação do Itinga já é melhor, mas a infraestrutra básica ainda é precária. Saneamento ainda não chegou e apenas duas ruas foram asfaltadas. A moradora do bairro Fabiane Patrícia Kasprowicz dos Santos, afirma que o bairro cresceu, mas há muito o que fazer ainda:

> Nosso bairro cresceu e creio que mudou consideravelmente, mas sabemos que faltam ainda atrativos pra essa juventude que mora aqui, as questões como saneamento e asfalto precisam de melhorias e mais atenção, com certeza também falta mais atuação da própria

15 Ibid.

> comunidade em exigir e buscar melhorias para o bairro.[16]

A atriz do *Abismo Teatro de Grupo* Letícia Helena da Maia[17] lembra sua vida no bairro, pois frequentou a *Amorabi*, desde criança no *Cecei Vovó Juliana*:

> Eu nasci aqui no bairro em 1995 [...] sempre fiquei aqui no Itinga, moro perto de um monte de famílias, primos, família grande, então sempre me criei nas ruas do bairro [...] se divertindo, em vários locais. Estudei até a 8ª série na Escola, aqui na Escola Municipal Lacy Flores, perto de casa, sempre foi uma relação muito boa [...] antes de estar no Lacy, estudei no Cei Vovó Juliana, que fica na Amorabi.[18]

O ator do *Abismo Teatro de Grupo* João Victor França[19] também explica sobre sua relação com o Itinga:

> Eu tenho 18 anos e há 18 anos eu moro no Itinga. Eu nasci aqui e tô aqui desde então.

---

16 SANTOS, Fabiane Patrícia Kasprowicz dos. *Entrevista concedida a Alex dos Santos.* Joinville, 21 de out. de 1999. Fabiana atualmente é diretora adjunta da Escola Municipal Professora Lacy Luiza da Cruz Flores.

17 Letícia Helena da Maia é fundadora e atriz do *Abismo Teatro de Grupo*, produtora cultural e instrutora de curso de teatro na *Amorabi*. Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

18 MAIA, Letícia Helena da. Entrevista concedida a Cristovão Petry. Joinville, 02 de fev. de 2016.

19 João Vitor França é fundador e ator do *Abismo Teatro de Grupo*, produtor cultural e instrutor de curso de teatro na *Amorabi*. Acadêmica do curso de Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

> [...] eu habito este lugar. Eu sinto que eu pertenço a este lugar. É o lugar que minha mãe e meu pai escolheram para morar [...] é uma relação de pertencimento, eu pertenço a este lugar. É o lugar que eu consigo andar tranquilamente qualquer hora do dia [...] a amizade com as pessoas é muito forte. Conhecer as pessoas no lugar onde tu mora, isso é muito importante. Te dá mais propriedade pra viver.[20]

Sobre sua relação com o bairro, a atriz do *Abismo Teatro de Grupo* Isadora Dourado dos Santos[21] diz:

> Eu nasci aqui. [...] Eu sempre estive envolvida com o bairro porque minha mãe sempre teve uma história muito ligada com a comunidade. Tanto de onde ela veio (Bahia), e aqui ela sempre procurou se integrar com os vizinhos e tudo mais [...] até por ela ser sozinha aqui, essa necessidade de interagir com mais pessoas, fez com que a gente sempre conhecesse todo mundo, frequentamos a Amorabi, tanto quando era o teatro (projeto Sextas Alternativas) até quando era o Cei Vovó Juliana (como aluna do Cei) [...] desde que eu entrei [...] até hoje eu nunca sai.[22]

---

[20] FRANÇA, João Vitor. Entrevista concedida a Cristovão Petry. Joinville, 19 de jan. de 2016.

[21] Isadora Dourado dos Santos é fundadora e atriz do *Abismo Teatro de Grupo*, produtora cultural e instrutora de curso de teatro na *Amorabi*. Acadêmica do curso de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

[22] SANTOS, Isadora Dourado dos. Entrevista concedida a Cristovão Petry. Joinville, 19 de jan. de 2016.

O Itinga ainda preserva um espírito de comunidade e solidariedade. Algumas famílias fizeram história e permanacem ativas na localidade e a Amorabi é uma das entidades responsáveis por manter ainda hoje um pouco desta filosofia.

2.2 VER, JULGAR, AGIR: FORMAÇÃO POLÍTICA E COMUNITÁRIA NO BAIRRO

> O povo vai descobrindo que também tem sabedoria, que pode também fazer muita coisa boa. (Pe. Luiz Facchini)

Minha família ajudou a construir a igreja católica do bairro Itinga chamada de *Comunidade Menino Jesus* em Joinville/SC. Foi nesta igreja/comunidade que comecei a fazer teatro. A igreja era uma importante aliada no processo de conscientização e mobilização das pessoas. Na época, o pároco era o Padre Luiz Facchini, fundador da Paróquia Cristo Ressuscitado, em 1975, no bairro Floresta, e se estendia por toda região sul da cidade. A igreja católica Comunidade Menino Jesus, foi fundada no Itinga em 1978 e esteve ligada à Paróquia Cristo Ressuscitado até 2011, estando muito envolvida nos trabalhos comunitários do bairro, atuando em conjunto com a Amorabi. O Padre Facchini fala sobre este período:

> Na zona sul, não tinha nenhuma outra paróquia, a não ser a Cristo Ressuscitado [...] que abrangia todo Floresta, o bairro Escolinha, o Itinga e o Profipo [...] nós estendemos a nossa paróquia, com essa proposta de trabalho nas *Comunidades Eclesiais de Base*. Então, nas *Comunidades Eclesiais de Base* todos

> somos iguais, o saber é de todos, o padre não é o monopólio. O povo vai descobrindo que também tem sabedoria, que pode também fazer muita coisa boa. E foi então a partir dessa reflexão que foi se criando a luz do evangelho, que fomos criando os trabalhos pastorais e as associações de moradores. Fazer um trabalho de um sindicalismo mais combatente, mais autônomo, mais autêntico [...] muitas conquistas foram realizadas, houve um crescimento, onde as *Comunidades Eclesiais de Base* foram construídas, o povo ficou muito mais unido, organizado.[23]

As *Comunidades Eclesiais de Base - CEB's* foram criadas a partir dos anos 1970 em todo o Brasil e sua organização acontecia através de pequenos grupos comunitários que expressavam um novo jeito de ser igreja, aliando fé e política. Criava-se uma igreja ministerial e um importante movimento de reivindicação das classes populares, lutando pela redemocratização do Brasil e por um mundo mais justo e igualitário. Fabiane Machado Barbosa, em sua Dissertação de mestrado intitulada *Comunidades Eclesiais de Base na História Social da Igreja: Cariacica* (1973-1989) apresenta um histórico deste momento e aponta o Concílio Vaticano II[24] como o propulsor fundamental na implantação de uma nova pastoral, criando um plano de

---

[23] FACCHINI, Luiz. *Entrevista concedida à Cristovão Petry*. Joinville, 20 de abr. de 2001.

[24] Entre 1962 e 1965 aconteceu uma série de conferências realizadas no Vaticano. O papa João XXIII convidou bispos de todo o mundo para diversos encontros, debates e votações com a intenção de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião. Foi considerado o maior evento da Igreja Católica no século XX.

emergência com o objetivo de revitalizar e dinamizar as paróquias, recomendando que elas deveriam ser, antes de tudo, uma comunidade de Igreja sendo “fermento da comunidade humana” (BARBOSA, 2007, p. 71). Diz também que:

> A redescoberta da comunidade pela Igreja representa, indiscutivelmente, a maior característica de sua transformação. A partir dos anos 60, a valorização das comunidades naturais e sua inclusão na instituição, geraram uma pastoral que estimulou a participação dos leigos nos assuntos da Igreja. Na América Latina, nascem as Comunidades Eclesiais de Base, e com elas a proposta de um novo modelo de Igreja engajado nas lutas cotidianas dos fiéis. (BARBOSA, 2007, p. 72)

As *CEBs* se utilizavam dos conceitos pregados pela *Teologia da Libertação, “*um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora” (MONDIN, 1980, p. 25). Por isso o cristão é convidado a viver a prática libertadora no presente. Observando a realidade política, social, econômica e cultural da América Latina nas décadas de 1960 e 1970, os teólogos perceberam que esse quadro deveria ser modificado:

> O ambiente político é geralmente caracterizado pela presença de governos que administram o poder arbitrariamente

> em vantagem dos ricos e dos poderosos, fazendo amplo uso da força e da violência. [...] O ambiente econômico e social está marcado pela miséria e pela marginalização da maior parte da população. Os recursos econômicos são controlados por um pequeno grupo de privilegiados. [...] No ambiente cultural se verifica ainda uma notável dependência da Europa e dos Estados Unidos. Na ciência como na filosofia, na arte como na literatura, quase nada é concedido à originalidade das populações latino-americanas. (MONDIN, p. 25-26).

No Brasil, Leonardo Boff[25] é um dos seguidores desta teologia e afirma que a libertação, é toda "*ação que visa criar espaço para a liberdade*" (BOFF, 1980, p. 87). A *Teologia da Libertação*, neste sentido, vai contra os valores culturais, políticos e econômicos impostos pelo modelo imperialista dos Estados Unidos da América e países europeus.

A minha primeira formação política foi junto à *CEBs Menino Jesus*, tendo assumido muitas funções neste período (1991/1998), sendo catequista, coordenador do Grupo de Jovens JAI – Juventude Amiga

---

[25] Leonardo Boff (*1938) doutorou-se em teologia pela Universidade de Munique. Foi professor de teologia sistemática e ecumênica com os Franciscanos em Petrópolis e depois professor de ética, filosofia da religião e de ecologia filosófica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Conta-se entre um dos iniciadores da teologia da libertação. É assessor de movimentos populares. Conhecido como professor e conferencista no pais e no estrangeiro nas áreas de teologia, filosofia, ética, espiritualidade e ecologia. Disponível: https://leonardoboff.wordpress.com/sobre-o-autor/. Acesso: 24 de jun. de 2016.

do Itinguinha, coordenador Paroquial da Pastoral da Juventude - PJ e Coordenador Comarcal da PJ.

Na Pastoral da Juventude, os jovens eram chamados a participar como “sujeitos do processo”. Para isso era preciso “um jeito de caminhar, que seja novo e ao mesmo tempo combine com o seu espírito e vontade de transformar as estruturas deste mundo” (Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude Nacional, 1992, p. 5).

Uma das formações foi realizada em 1991 no secretariado da Comarca de Joinville, localizado no Centro da cidade. Nela discutiu-se sobre o *Projeto do Faraó* que preconizava uma sociedade dividida, exploração do trabalho, concentração do poder, leis que defendem o poder, escola para alguns, exército de mercenários e se questionava se este projeto ainda estava vivo, onde e como. E se comparava com o *Projeto de Deus* que previa uma sociedade igualitária, autonomia produtiva, poder comunitário, escola para todos, leis que defendem o povo e a união do povo, citando também o *Projeto de Jesus* que tinha como proposta a igualdade, fraternidade, partilha, serviço, justiça e julgamento (PETRY, Agenda 1991). Tudo isso tendo por base a *Bíblia*, como por exemplo, no *Evangelho de Marcos 10, 43-44* que afirma “quem de vocês quiser ser grande, deve ser o servidor de vocês, e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos” (Bíblia Sagrada, 1990, p.1297). A autoridade, portanto, não é o exercício do poder, mas a entrega de si mesmo para o bem comum.

Cito exemplos de atividades em que participava na época junto com outras pessoas do bairro e que fizeram parte de minha formação política e consequentemente reverberava no Itinga. Em outra formação, realizada num Encontro de Catequistas em junho na paróquia Cristo Ressuscitado, anotei na

Agenda 1991 o exemplo do *Método revolucionário de Paulo Freire* e a citação de que “o homem é um ser feito para o diálogo” e a consciência do homem e da mulher deve acontecer na prática a partir de sua realidade. Por isso é preciso ter consciência crítica dos fatos e unir a oração, ou seja, “orar” com “ação”.

A metodologia *Ver-Julgar-Agir* era utilizada nas formações da PJ. Numa delas, para coordenadores da PJ, realizado na Igreja Nossa Senhora Aparecida em março de 1993, recebi uma cópia de parte do livro todo *Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude Nacional*, que trata da dimensão da formação integral da PJ e esclarece que a metodologia era aplicada pensando nos problemas e desafios que o jovem enfrentava na época. O método era uma forma prática “de formação na ação que nos tira do comodismo e alienação, desperta a consciência crítica e nos leva a assumir compromissos com nossos irmãos na transformação da sociedade” (Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude Nacional, 1992, p. 20).

Também recebemos um folheto com o *Método Ver-Julgar-Agir* (1993), devendo ser aplicado da seguinte maneira, começando pelo VER:

> Em primeiro lugar, coloca-se o tema, o problema ou afirmação, de modo que todos estejam de acordo sobre como deve ser entendido e qual o aspecto que se quer resolver. Sem isso, corre-se o risco de vários participantes falarem sobre assuntos diferentes. Isso é perda de tempo. [...] Cada membro do grupo conta fatos de sua experiência, relacionados com o assunto /problema colocado. Estes fatos ajudam o grupo a partir da realidade e a não se perder numa discussão teórica e estéril. Porque acontece esse problema?

> Procurar as causas próximas, profundas, pessoas envolvidas. Quais as consequências desse problema? Para as pessoas envolvidas e para a sociedade em geral. (Folheto, Pastoral da Juventude, 1993)

A estrutura do VER deveria ser encaixada dentro de sete grandes áreas, conforme abaixo:

> MUNDO PESSOAL: psicologia do jovem, desenvolvimento sexual, namoro, machismo e feminismo, etc.
> MUNDO FAMILIAR: diálogo pais-filhos, moradia, menor abandonado, harmonia conjugal, etc.
> MUNDO ESCOLAR: educação para a domesticação, educação para a libertação, participação do aluno, deveres do aluno, relacionamento professor-aluno, etc.
> MUNDO CULTURAL: televisão, música popular e estrangeira, dança, teatro, livros, jornais, leitura, massificação X senso crítico, etc.
> MUNDO POLÍTICO: participação do povo, voto, censura, direitos humanos, ideologias, reivindicações de bairro, violência, etc.
> MUNDO SÓCIO-ECONÔMICO: salário, favelas, acidentes no trabalho, desemprego, horas extras, distribuição de renda, prostituição, classes sociais, etc.
> MUNDO RELIGIOSO: evangelização libertadora, evangelização tradicional, participação nos sacramentos, formação de comunidade, igreja voltada para as necessidades do povo, prioridades da pastoral, fé e vivência cristã à pessoa de Jesus Cristo, fé cristã e compromisso

> social, etc. (Folheto, Pastoral da Juventude, 1993)

Já se passaram mais de 20 anos e infelizmente estes mundos ainda existem. Após essa conversa preliminar, partia-se para o segundo ponto, o JULGAR: “O que aparece de bom e de mau nesse problema? Nos comportamentos, nas mentalidades, nas estruturas sociais”. Claro que essa análise tinha como pano de fundo a mensagem de Jesus Cristo e a igreja, mas propunha critérios práticos para julgar melhor a realidade.

No AGIR, pedia-se o comprometimento e uma ação concreta:

> Como mudança de comportamento,
> Como mudança de mentalidade,
> Como mudança de estrutura,
> Para as pessoas envolvidas no caso,
> Para a sociedade em geral
> Para cada um de nós
> Para nosso grupo
> (Folheto, Pastoral da Juventude, 1993)

E questionava: “Onde queremos chegar? Qual o primeiro passo a dar? O que vamos fazer? Quando? Onde? Como?”. E para finalizar, tinha o AVALIAR onde nas próximas reuniões deveriam ser cobrados e avaliados, verificando o que foi feito e o que não foi, citando a importância de registrar numa ata as decisões do grupo. Diz ainda que “através da avaliação podem surgir novos fatos que podem ser novamente aprofundados através do método” (Folheto, Pastoral da Juventude, 1993). E que para um bom aprofundamento, necessita-se de vários encontros.

Terminando esse pequeno ciclo de formação, em 1993, participei de um encontro com os animadores da Pastoral Operária com a professora Marta Heinzelmann[26] sobre os modos de produção e história das sociedades, com destaque para teoria da história tradicional que privilegia os “grandes homens”, a Marxista, onde a economia é o motor da história e a História Nova com diferentes possibilidades em jogo. Neste encontro ela cita um conceito de história:

> A história é como o ar que respiramos. Está sempre presente, mesmo sem a gente perceber. E é como o mar sempre em movimento, movida pela força dos grupos humanos, como caras, hábitos e interesses diferentes. A história vai sendo construída entre sons e silêncios, festas e prisões, paixões e tiroteios, carinhos e ódios. A história é vida... é continuação. Seu grande personagem somos todos nós. (ALENCAR; RIBEIRO; CECCON, 1991, p. 5)

Esse conceito de história nos coloca no centro da trama. Uma história em movimento que se constrói todos os dias com nossas atitudes e ações. Coincidentemente, em 1994 prestei vestibular e não fui aprovado para o curso de administração, mas minha segunda opção era a graduação em história. Confesso que relutei em fazer este curso. Mas aceitei, e de 1995 a 1998 frequentei o

[26] Marta Regina Heinzelmann é Mestre em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2004) e professora aposentada da Universidade da Região de Joinville – Univille.

curso de História[27] na Universidade da Região de Joinville – Univille, onde pude aprimorar meus conhecimentos, voltar meu olhar para a história do cotidiano e valorizar a história de vida das pessoas comuns que não estão escritas no livros oficiais. Essa dissertação é um reflexo disso.

Posso citar ainda o engajamento de diversas pessoas do bairro na criação de partidos de esquerda da cidade. Valsoni Celestino, conhecido como Lico, filiado ao Partido dos Trabalhadores, pesquisou a história do Partido dos Trabalhadores - PT em Joinville, em função do Partido ter vencido as eleições para Prefeito com Carlito Merss, em 2008. No relatório Crescimento do PT em Joinville – 1980/2009 (2009, p. 3 e 4), Lico aponta o surgimento desse partido na região sul de Joinville, principalmente através do movimento da paróquia Cristo Ressuscitado:

> Numa reunião da Pastoral Operária na paróquia Cristo Ressuscitado em novembro de 1979 os trabalhadores estudaram a proposta de criação de um novo partido político que estava fomentado no Brasil. [...] Com a Anistia política em 1979, se via alguma luz após o período de 15 anos de ditadura militar no Brasil. O retorno da democracia significava o retorno de novos partidos políticos e não apenas o bipartidarismo [...] Criar um partido com o rosto dos trabalhadores e garantisse a política ansiada pelas suas várias organizações, sindicatos, pastorais, movimentos populares, não seria nada fácil [...] No dia 10 de fevereiro de 1980 é

[27] Boa parte das pessoas que fazem teatro na cidade de Joinville são graduadas em História, porque não há graduação em artes cênicas e/ou teatro na cidade.

> fundado o Partido dos Trabalhadores no Brasil. Em ata registrado no dia 21 de junho de 1981, 571 pessoas foram homologadas no Cartório Eleitoral como filiadas no PT de Joinville.

Importante informar que boa parte dos filiados no PT deste período, residiam na região sul da cidade, inclusive no bairro Itinga.

Em 1988, Renato Tomelin, integrante da Amorabi e morador do bairro aceita ser candidato a vereador. O candidato João Fachini, também da zona sul é eleito o primeiro vereador do Partido dos Trabalhadores em Joinville e Renato Tomelin, foi eleito o primeiro suplente com 946 (novecentos e quarenta e seis) votos. Desse total em torno de 700 votos foram no bairro Itinga. A votação expressiva de Renato no Bairro mostrou a força de pessoas que queriam mudanças, ficando ainda hoje o bairro estigmatizado como um lugar de esquerda da cidade. No ano 2000, Jandi Luiz Corrente, o Luizinho, também se candidatou recebendo 1581 (mil quinhentos e oitenta e um) votos, com um grande número de votos no bairro ficando também como primeiro suplente, assumindo durante dois anos o mandato. Recandidatou-se em 2004 conseguindo 1448 (mil quatrocentos e quarenta e oito) votos, sendo o 15º mais votado do Partido em Joinville. Em 2012 eu aceitei este desafio e consegui o apoio de 1864 (mil oitocentos e sessenta e quatro) eleitores, sendo o 10º mais votado do Partido. A maioria dos votos foram da região sul e 687 (seiscentos e oitenta e sete) na Escola Lacy Flores do Itinga.

3 O TEATRO NO ITINGA

3.1 *20V* E AS PRIMEIRAS CENAS

> Era muito gostoso estar junto com esse grupo, a gente se divertia muito junto. (Samantha Agustin Cohen)

No final da década de 1980 e início de 1990, havia uma pequena movimentação cultural realizada na igreja Menino Jesus através do grupo JAI - Juventude Amiga do Itinguinha com montagens bíblicas e não bíblicas feitas pelos próprios jovens que participavam desde grupo. Em 1989, no quilômetro 4, região próxima do Itinga, o diretor teatral Nilo Alexandre Medeiros[28], resolve montar uma peça de teatro e convida os jovens para participarem, sendo que duas irmãs minhas Leonir Petry e Lucir Petry integraram o elenco. A montagem foi do texto *Flicts*, uma adaptação de Aderbal Júnior e Ziraldo.

Eu era catequista da Perseverança[29] desde 1989 de um grupo chamado ABP – Adolescentes em Busca da Paz, e em 1992, junto com a catequista Raquel Gonzaga da Silva, para diversificar as atividades com os adolescentes e diminuir número de desistências, propomos criar grupos, pois participar da Perseverança não era obrigatório e não tinha um cronograma e nem metodologia fixa, como a Primeira Eucaristia ou a catequese do Crisma. A estratégia deu certo. Na

---

[28] Diretor, ator e artista plástico, Nilo deixou sua marca na cena da cidade. Foi garoto propaganda, palhaço, velha, passarinho, artista plástico, poeta e vagabunda no melhor estilo boêmio que se encontra por aí. Faleceu em 05 de agosto de 2009.

[29] Participavam do Grupo de Perseverança na época os adolescentes que tinham feito a Primeira Comunhão e não tinham idade pra entrar na Crisma. Participar deste grupo, significava perseverar e não desistir da Igreja. Não era obrigatória a participação.

listagem de chamada dos catequizandos em 1991 havia 26 nomes, enquanto, que na listagem de 1992 constavam 46 adolescentes. Neste período, o teatro foi utilizado para dinamizar os encontros da catequese e também como instrumento, em busca de novos adolescentes para participar do grupo. Posteriormente, nasceu o primeiro grupo de teatro do bairro, a *Equipe de Teatro 20V*. O programa datilografado da peça *Flicts* (1993) assim demonstra o começo desta história:

> Tudo começou em 1992, quando Cristovão Petry e Raquel Gonzaga da Silva (catequistas da Perseverança) resolveram criar equipes para melhor engajamento da turma. Criaram a Equipe de Teatro, na qual Cristovão ficou responsável e no dia 23/05/1992 aconteceu o primeiro encontro. Nosso primeiro trabalho como equipe foi o "casamento caipira e a Rádio Funga Funga na Marmelada com Farofa", seguido de "Câmera, luzes, ação" apresentando em alguns lugares junto à Perseverança (asilo, orfanatos, creches). Participamos da Festa da Criança apresentando "A formiguinha" e encerramos o ano encenando "Na Belém do mundo um lugar para Deus", o teatro de Natal. Em 20/02/93 começamos nossos trabalhos novamente, sem estar ligados diretamente à Perseverança. Trabalhamos um mês com técnicas, teatros rápidos e finalmente dia 20/03 começamos a ver o "Flicts". Mas porque 20V? O nome se dá numa certa terça-feira de julho, quando uma integrante da equipe por brincadeira sugere e escreve no quadro "20V". O nome não foi mais discutido e na hora de fazer os cartazes coloco "20V" e quando as pessoas viam, gostavam, riam e assim foi aprovado como "Equipe de Teatro 20V". (Programa da peça *Flicts*, 1993)

Samantha Agustin Cohen[30] acompanhou de perto essa movimentação, e com doze anos começou a participar no grupo de teatro. Entrevistei a Samantha (2016) para conversarmos sobre este período. Sobre o começo do *20V*, ela nos disse:

> Fizemos algumas intervenções na Igreja, nos encontros de catequese e daí começou a ficar mais intenso sendo propostas algumas atividades de treinamento, voz [...] e com o passar dos anos foi ficando mais sério [...] teve um espetáculo que era o "Câmera, luzes, ação", acho que foi o primeiro que a gente repetiu muitas vezes, era uma esquete curta e depois o grupo começou a ficar mais conciso, vindo o espetáculo "Flicts" [...] era um grupo grande [...] nos aventuramos a fazer máscaras e aí começou a ficar mais sério, querendo pesquisar. E tudo isso era no Galpão da Igreja Menino Jesus, onde a gente se reunia e nos finais de semana a gente sempre estava lá.[31]

O texto que mais marcou a vida do grupo *20V* foi *Flicts*, uma adaptação de Aderbal Junior e Ziraldo, e sua escolha se deu principalmente porque tive acesso ao mesmo através da montagem de que minhas irmãs tinham participado três anos antes. Na época, em

---

[30] Samantha Agustin Cohen foi atriz da Equipe de Teatro 20V, fundadora, atriz e diretora do Grupo Cultural Itinerante e produtora e instrutora de teatro da *Amorabi*. É Mestre em Teatro pela Udesc.

[31] COEHN, Samantha Agustin. *Entrevista concedida a Cristovão Petry*. Joinville, 05 de jan. de 2016.

Joinville, morando no Itinga, sem as facilidades da Internet, era quase impossível encontrar um texto de teatro pronto para ser montado com adolescentes.

Foram sete meses de ensaios, sendo a *Equipe de Teatro 20V* formada por adolescentes e coordenada por mim, um jovem com 18 anos. Importante lembrar que neste período, eu estava muito envolvido com a Pastoral da Juventude – PJ e participava ativamente de formações com objetivo de transformar a vida do bairro, lutando por melhorais em todas as áreas. A *Equipe de Teatro 20V* resolve encarar este desafio. Aprendemos fazendo junto. Intuitivamente e sem nenhum recurso financeiro montamos a peça com muita criatividade. Para conseguir algum recurso para confecção do figurino, maquiagem, cenário e iluminação, fizemos cartas aos comerciantes do bairro e conseguimos doações de sete empresas e comércios, sendo que os pais dos adolescentes também colaboraram. Sobre esse fato, consta no *Caderno de Reuniões*[32]:

> Como o grupo não tinha recurso (os comerciantes ajudavam com o que tinham em suas lojas), a equipe teve que montar todo o cenário com doações de tecidos, armações de madeira, iluminação feita com latas e lâmpadas, figurino costurado por algumas senhoras da comunidade, maquiagem por uma cabeleireira. (PETRY, 1993)

Sobre a definição dos personagens, Samantha afirmou que ela foi escolhida para ser a protagonista e

---

[32] Eu preparava as reuniões do grupo e anotava tudo em caderno e às vezes em fichas. Nas anotações constavam quem estava presente, os assuntos debatidos e os acordos firmados.

fazer o *Flicts*, devido ao seu tamanho e aponta as dificuldades e como esse grupo inexperiente foi vencendo cada etapa, principalmente fazendo tudo com muita alegria.

> Uma questão muito engraçada foi a divisão dos papéis, que sobrou pra mim, que eu ia ser o Flicts, porque eu era a menor de todos [...] eu me lembro desta desculpa [...] alguém tinha que me carregar, colocar nas costas [...] "vai a Samantha que ela era a menor de todos e é mais fácil carregar". E eu tinha muito texto pra decorar. Então, assim, pra mim ficou bem sério. Lembro que a gente estreou e tinha várias colas de texto atrás da coxia, porque a gente não conseguia gravar tanto texto, mas era muito divertido. Fomos atrás de técnicas pra fazer maquiagem, pra fazer máscaras e a gente começou a pesquisar muito sobre o teatro com o Flicts [...] figurino, sobre o próprio autor, o Ziraldo [...] o negócio foi ficando mais e mais interessante e nós ficamos mais interessados no fazer teatral. Pelo menos eu. Ao mesmo tempo era muito divertido. Era tudo muito divertido.[33]

[33] Ibid.

A estreia aconteceu nos dias 9 e 10 de outubro de 1993 e foi um sucesso. Na ficha técnica da peça (1993) constam ao todo doze pessoas:

> Texto: Aderbal Jr. e Ziraldo
> Direção: Cristovão Petry
> Cenografia: a equipe
> Figurino: Lúcia Petry Corrente
> Iluminação: a equipe
> Elenco: Adriano Correia, Alessandro Agustin Cohen, Álida Terezinha Vieira, Cleuza Heiller, Cristovão Petry, Elisângela Helena Kasprokiscz, Hélcio Decker, Marcelo Corrente, Raquel Gonzaga da Silva, Samantha Agustin Cohen
> Música de cena: Melodia, voz e violão – Raquel Gonzaga da Silva
> Operacionalização:
> Contrarregra: Marcelo Corrente
> Operação de luz: Josiane Corrente
> (Programa da peça *Flicts*, 1993)

Na verdade, em torno de 20 pessoas ajudaram diretamente na construção da peça. Foram mais de dez apresentações em algumas comunidades (igrejas e escolas), sendo cobrado como ingresso, o valor de um refrigerante. Em 1994, nos dias 04 e 05 de junho, fizemos uma parceria com a Pastoral da Juventude e realizamos uma campanha de agasalho e alimentos. Era o dia da solidariedade, e o resultado foi a arrecadação de “18 cestas de alimentos e duas mesas cheias de agasalhos” que foram doados para as famílias carentes do bairro (PETRY, 1997). Como não teria valor de ingresso, o 20V aproveitou para vender salgadinhos e bebidas para manutenção do grupo.

Tudo isso chamou a atenção das pessoas do bairro e fora dele. O resultado foi surpreendente, como afirma Samantha, colocando o Itinga no mapa cultural da cidade.

> Na época do Flicts nós conseguimos chamar a atenção da cidade, porque nós fizemos uma campanha [...] que foi no Galpão da Igreja Menino Jesus [...] não sei de onde surgiu a ideia que iríamos arrecadar alimentos e agasalhos como ingresso. A gente passou um carro de som no bairro. Meu Deus do céu. A gente arrecadou tanta coisa, tanta coisa que encheu o galpão da igreja. A gente conseguiu inclusive arrecadar mais que a RBS TV, que também estava fazendo uma campanha de agasalho. Então a gente lotou o Galpão [...] ali a gente chamou a atenção e já vieram algumas pessoas da cidade, que faziam teatro, já vieram assistir a gente naquela época. Só que viam a gente como um grupo de bairro, adolescente.[34]

Dentre as apresentações, destaco um projeto desenvolvido num Shopping da cidade no ano de 1995, onde aconteceram quatro apresentações da peça *Flicts*, com a mudança de alguns atores no elenco. O grupo começava extrapolar as fronteiras do bairro e encontrava novos parceiros, como a diretora cultural da Fundação Cultural de Joinville, Raquel S. Thiago (1995) que fez uma carta referendando o trabalho do 20V a empresas, dizendo que:

---

[34] Ibid.

> Esta Fundação referenda a legitimidade do citado grupo, independente e radicado no bairro Itinga [...] é um grupo iniciante, mas com grande vontade de aperfeiçoar-se, pelo que manifestamos nossa satisfação pela confiança que sua empresa está conferindo a uma parcela do teatro joinvilense, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento cultural da cidade.

O *20V* continuou se reunindo, buscando apoio, lendo textos, porém sem nenhuma grande montagem, apenas projetos eram discutidos. Em 1995 realizou a montagem de um texto escrito pelo ator do grupo Marcelo Corrente, chamado *Meu Primeiro Natal de Verdade* e apresentando na igreja Menino Jesus.

Em 11 de abril de 1996 realizamos uma reunião com a Presidente da Fundação Cultural de Joinville, Zelândia Ramos dos Anjos para apresentação de projetos, solicitação de apoio e para tirar dúvidas a respeito da Lei Rouanet e legalização do grupo. O máximo que conseguimos foi alguns contatos e nenhum tipo de apoio.

Em abril de 1996, eu e o ator Marcelo Corrente[35], participamos do 1º Entepola – Encontro de Teatro Popular Latino Americano realizado em Florianópolis/SC com a participação de 280 artistas das Américas e de outros Continentes. Neste encontro conheci o Lino Rojas[36], diretor do Grupo Pombas Urbanas que será objeto de pesquisa futuras. O Entepola mostrou um tipo

---

[35] Marcelo Corrente foi ator e coordenador da *Equipe de Teatro 20V*, ator e maquiador do *Grupo Cultural Itinerante*.

[36] Lino Rojas (1942/2005) nasceu no Peru e trabalhava no Brasil desde 1989. Era ator, diretor e dramaturgo do Instituto Pombas Urbanas em São Paulo, referência em Teatro em Comunidades no Brasil.

de teatro diferente, que poucas vezes eu tinha visto. Um teatro engajado politicamente que falava da realidade, levava à reflexão e exigia um novo olhar do público. Com esse espírito de mudança, voltamos pra Joinville, tentando a transformação no grupo de teatro que participávamos.

Em 01 de junho de 1996 nos reunimos para discutir uma nova fase do grupo. Primeiro avaliamos o evento *Primeira Noite Cultural*, em comemoração aos quatro anos de existência do *20V*, realizado no dia 29 de maio de 1996, no galpão da Igreja Menino Jesus. A avaliação não foi muito positiva, porque o evento não teve quase nada de cultural, com poucas apresentações, não sendo realizado o que foi combinado previamente. O nome do *20V* foi pouco citado, mas contou com a presença de muitos jovens. Participaram desta reunião eu, Samantha, Augusta, Marcelo, Cleuza, Marcelinho, Michele, Josiane, Gabriela e Anelize. Nesta nova fase, novas cobranças foram realizadas, assim como apresentada uma ideia do que o grupo deveria fazer:

> Quem quiser mesmo participar deve comparecer nas oficinas todos os sábados das 15:00 às 18:00.
> Isso vai ser cobrado.
> Trabalhar com contos, poesias, contar histórias.
> Teatro curto.
> Uma vez por mês, apresentar poesias na praça junto com outras coisas.
> Fazer performances.
> Trabalhar com maquiagem e pintura.
> Perder a vergonha.
> Fazer a remontagem de algumas peças rápidas já feitas.
> Botar o grupo para produzir alguma coisa.

> Trabalhar com quem quer mesmo fazer teatro.
> Arrumar o quarto de teatro, organizar os textos e a biblioteca teatral.
> Acabar com a falsidade e com as panelinhas.
> Por enquanto o grupo vai continuar amador, do que adianta profissionalizar-se sem organização e consciência.
> (PETRY, 1996)

Analisando essa nova fase do grupo, percebemos que a situação do *20V* não estava boa e precisava de um novo ânimo para continuar sua caminhada. Nos próximos encontros, começaram as oficinas com exercícios e improvisações, inspirados nas técnicas de Augusto Boal. Sempre faltavam alguns integrantes. Nas propostas apresentadas de novas montagens foram lidos vários textos do livro *Pequeno Teatro* de Renata Pallotlini, inclusive com sugestão de divisões de papéis. Outro texto cogitado para montagem através do projeto *Criança Feliz* foi *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado. Mas, a decisão do grupo ficou por conta da montagem de *A Morte do Imortal* de Lauro Cézar Muniz, sendo inclusive divulgado na imprensa.

Parecia que o *20V* estava aumentando, porém não estava conseguindo montar novos espetáculos, principalmente pela falta de compromisso de alguns integrantes. Ou seja, havia muitos adolescentes que vieram participar do grupo com outros objetivos e se acontecesse uma montagem de teatro, seria ótimo, porém se acontecessem apenas os encontros, não haveria problema algum. Isso causou certa divisão no grupo, pois em alguns, o teatro havia despertado um desejo de fazer mais. Esse foi um dos motivos da dissolução deste grupo *20V* em 1997.

Conforme afirma Samantha em sua entrevista:

> Eu lembro que chegou uma hora que tinha uma parte do grupo que levava ainda muito na brincadeira. Era muito gostoso estar junto com esse grupo, a gente se divertia muito junto. E a outra parte estava levando mais a sério o fazer teatral e aí começou a ter um conflito, porque na hora dos ensaios uma parte não prestava atenção, não estava interagindo e a outra parte estava levando a sério [...] o grupo se dividiu porque uma parte queria mais estar junto, brincar e não estava tão interessada no resultado, em apresentar, e fazer uma coisa bem elaborada, queriam se divertir e estar junto, e se fizessem teatro estava bom e a outra parte não. Acho que foi aí [...] lembro que eu falei que eu não queria mais fazer teatro [...] eu não queria fazer esse tipo de teatro, só de brincadeira, que não estava mais sendo legal pra mim.[37]

No total, o 20V realizou mais de 30 apresentações de seus espetáculos e esquetes, sendo a maioria realizada no bairro Itinga com entrada gratuita. Não havia intenção de cobrar pelas apresentações e o *20V* corria atrás de colaboradores e recursos para realizar suas montagens. Numa das minhas anotações escrevi (1994): “Teatro não capitalista. O teatro capitalista perde a mística e o ator trabalha só em função do dinheiro, esquecendo-se da gratuidade”. O grupo fazia teatro amador e conseguia mobilizar a comunidade em torno do seu amor pelo teatro.

Assim, em agosto de 1996, tanto eu como a Samantha saímos do *20V* que teve sua duração

[37] Ibid.

estendida até maio de 1997 sob a coordenação de Marcelo Corrente. No *Caderno Reuniões* a data 31 de agosto de 1996 está sem nenhuma anotação e as próximas páginas estão em branco. Era o fim de nossa participação neste grupo. Sobre toda essa movimentação com o *20V*, uma frase do personagem *Flicts* (Programa da peça *Flicts*, 1993) me chamou a atenção: “Eu vou voltar. Aqui é muito bonito, mas já tá tudo colorido, não precisam mesmo de mim.” Tanto eu como a Samantha voltamos a fazer teatro para, assim como *Flicts* colocar nossa cor e coração em cena.

Eugênio Barba, no livro *Além das Ilhas Flutuantes*, citando Grotowski e Stanislavski, fala sobre a importância do primeiro dia de teatro:

> Cada vez que os alicerces começarem a tremer sob seus pés, cada vez que não estiver seguro da estabilidade de suas experiências passadas, me aconselhava Grotowski, “regresse às suas origens”. Estávamos sentados no restaurante de uma estação ferroviária polonesa, há um quarto de século. E acrescentou: “É o que aconselhava também Stanislavski: regresse às suas origens, regresse ao seu primeiro dia de teatro”. É o primeiro dia de teatro que determina o sentido do nosso caminho. (BARBA, 1991, p. 23 e 24)

Não lembro exatamente do meu primeiro dia de teatro, que começou na igreja Menino Jesus há mais de 30 anos atrás. Pra mim, o primeiro dia de teatro foi a estreia do *Flicts*, sendo um divisor de águas na minha história e na história cultural do bairro Itinga.

3.2 DO ITINERANTE PARA A AMORABI: FORTALECENDO A TRAMA

> E a vida por acaso tem enredo? (Programa da peça Computa, Computador, Computa)

No *Caderno de Reuniões* de 1997, consta a intenção de fazer um novo grupo de teatro, tendo como sugestão de nome, Grupo Itinerante de Teatro Alternativo. Os integrantes seriam a Samantha Agustin Cohen, Marcelo Corrente, Rolf Fiedler e eu. Havia uma pergunta e resposta quanto à escolha dos nomes:

> Porque a escolha destas pessoas?
> Rolf – iluminação, já fez teatro, tem contatos.
> Marcelo – Maquiagem e interpretação. Responsável.
> Samantha – Interpretação. Topa tudo. Responsável.
> (PETRY, 1997)

Nos documentos do Grupo Cultural Itinerante, tem um chamado *Histórico*[38] (2004), e ele conta um pouco o início da companhia:

> O Grupo Cultural Itinerante, hoje Companhia Teatral Itinerante, nasceu no dia 07 de janeiro de 1997. É originário de um outro grupo teatral, o "20V" - este grupo surgiu em 1992 e dentre suas montagens destacamos a peça "Flicts" (1993) e "Meu Primeiro Natal de Verdade"

[38] Os documentos *Histórico* e *Histórico Resumido* foram criados por ocasião da legalização do grupo e tinha por objetivo organizar a história e dados das apresentações.

> (1995). Por motivos particulares da maioria dos integrantes do “20V”, o Grupo decidiu parar com suas atividades. Duas pessoas desse grupo, Cristovão Petry e Samantha Agustin Cohen, com vontade de continuar fazendo teatro e disponibilidade, convidaram Augusta Corrente, Marcelo Corrente e Rolf Fiedler para formarem um grupo que, dentre os nomes propostos, escolheram ITINERANTE – um grupo que não para nunca, sempre está em movimento, em ação. A reunião de fundação aconteceu na casa de Cristovão com a presença de Samantha e Rolf. Neste dia foi aprovado o nome do Grupo de Itinerante e o funcionamento da equipe. “Todos estão com vontade de participar?” foi o questionamento levantado por Samantha e Cristovão. Ficou decidido que todos devem trabalhar para não sobrecarregar ninguém; o grupo vai ser pequeno, porque é mais fácil de se organizar e trabalhar; ninguém pode faltar às reuniões e ensaios; se o grupo der certo, poderemos trabalhar só com isso e teremos retorno.
> (GRUPO Cultural Itinerante, 2004)

Nesta primeira reunião já são apresentados alguns apontamentos do que o *Itinerante* pretendia enquanto grupo e das responsabilidades de todos. As sugestões de projetos para 1997 eram variadas, desde teatro nos bares, teatro de rua, teatro invisível (se aprofundar nesta técnica de Augusto Boal), participação em eventos, projeto para as escolas, intercâmbios com outros grupos e “estudar o teatro, textos, autores, técnicas, influências” (PETRY, 1997).

O documento *Histórico* apresenta esse primeiro planejamento e continua com o seguinte texto:

> Ficou estabelecido que faríamos um Projeto chamado de “Páscoa Feliz” para apresentar a um Shopping da cidade. Em seguida foi lida uma reportagem do então Presidente da Fundação Cultural de Joinville e decidimos nos recadastrar novamente nesta entidade. Ficou decidido que estudaríamos o teatro: textos, autores e técnicas. A segunda reunião foi na casa da Samantha no dia 14 de janeiro, e, os presentes foram os mesmos da primeira. A terceira reunião aconteceu no dia 16 de janeiro na casa do Rolf e contou com a presença – pela primeira vez – de todos os integrantes – Cristóvão, Samantha, Rolf, Marcelo e Augusta. E, assim, as reuniões aconteciam cada vez numa casa de um integrante. A partir daí definimos que o objetivo do grupo é levar um pouco da arte teatral a qualquer canto ou lugar. Tinha e ainda temos como lema àquela música do Milton Nascimento “Todo artista tem que ir onde o povo está...”
> (GRUPO Cultural Itinerante, 2004)

O projeto *Páscoa Feliz* foi apresentado para os shoppings de Joinville e não foi aprovado. Também estávamos pesquisando o projeto “A praça também é do artista” que foi apresentado à Fundação Cultural de Joinville e pudemos mostrar um pouco do nosso trabalho nas comemorações do aniversário da cidade em março de 1997, participando das feiras de arte que a Fundação promovia. Fizemos caracterização e maquiagem de transfiguração, pintura em rosto de criança, apresentação de poemas, a maioria das vezes gratuitamente. Em maio de 1997 participamos também da Festa da Solidariedade promovida pela Associação

Joinvilense de Obras Sociais – AJOS apresentando esquetes.

Nos apontamentos do *Caderno de Reuniões* (1997) se percebe que nem tudo estava sempre bem. Eu sempre marcava quem participava das reuniões (tipo um lista de chamada) e por diversas vezes, nem todos estavam presentes. Com um pouco mais de um mês de grupo escrevi “porque estão faltando? O que foi tratado não está sendo cumprido por todos”. Outro documento criado pelo grupo foi o Histórico Resumido, que informa quem foram as pessoas que participaram do grupo durante sua existência:

> Ainda no ano de 97, entraram no Grupo a atriz Elisa Rocha, Juliana Villain e Jamerson Urlrich. Neste mesmo ano, Rolf Fiedler e Juliana Villain já deixaram o Grupo. Em 99, Elisa Rocha e Jamerson Ulrich também saíram da Companhia. No ano 2000 adotamos como lema “Teatro da periferia feito com amor, ousadia e muita teimosia”. Em 2001, Michel Marques passou a fazer parte de nossa equipe. Atualmente Samantha e Michel estão cursando Artes Cênicas em Florianópolis e entraram na Cia. mais dois integrantes: Patrícia Gbur Portela e João Carlos Jönk. (GRUPO Cultural Itinerante, 2004)

No dia 10 de abril de 1997 recebemos uma carta do integrante Marcelo Corrente comunicando que a partir desta data não faria mais parte do grupo, devido a seus conflitos com o pai e com um coordenador da igreja Menino Jesus (que era onde o *20V* ensaiava e Marcelo era o coordenador). Alguns trechos da carta mostram como o teatro estava incomodando.

> Em casa, qualquer confusão, meu pai me joga na cara o teatro. Diz que usamos a igreja e não fazemos nada [...] Não sei quando pensarei em voltar a fazer teatro, preciso dar um tempo. Eu não posso mais usar a igreja, a comunidade não permite. Foi o que vieram me dizer essa semana. Tenho que devolver as chaves [...] Peço desculpas a todos e não adianta querer conversar comigo. Eu já decidi. Pode ser que eu volte, se permitirem [...] Desejo a todos boa sorte! Sucesso! (CORRENTE, 1997)

No final da carta, Marcelo desenhou uma máscara de teatro chorando. Marcelo voltou junto com o *Itinerante*, ajudou em algumas montagens, mas nunca como ator. Depois foi fazer sua vida. Atualmente mora em Paris/FR e não trabalha com teatro.

Neste mesmo ano o *Itinerante* é beneficiado com um recurso de R$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) do Fundo de Miniprojetos Região Sul[39]. Um morador do

---

[39] Na Região Sul, os Fundos Solidários também ficaram conhecidos como Fundo Mini Projetos e Fundo de Apoio a Pequenos Projetos Comunitários. A principal característica desta modalidade é que, diferentemente dos Fundos Rotativos Solidários, ele é gerido por uma entidade (religiosa, ONG, sindical, etc.). Esta entidade estabelece critérios a fim de selecionar os projetos e grupos que serão beneficiados pelos recursos do Fundo, divulgam estes critérios através de editais, chamadas públicas, avisos (jornais, folders, internet, rádios comunitárias, etc.), aprovam e repassam os recursos para os projetos selecionados. Estes Fundos têm diversas práticas de devolução dos recursos repassados aos projetos. http://sc.caritas.org.br/fundos-solidarios/ - Acesso em 20 jan. de 2015. O projeto aprovado pelo *Itinerante* estava vinculado ao Instituto Viamei de Lages/SC (hoje Associação Vianei de Cooperação e Intercâmbio no Trabalho, Educação, Cultura e

bairro chamado Benedito Clóvis, conhecido como Dito, teve acesso ao edital deste Fundo, onde o grupo escreveu o projeto *Adaptação e montagem da peça de Millôr Fernandes Computa, Computador, Computa* que tinha por objetivos:

> Divulgar o trabalho teatral que o Grupo Cultural Itinerante desenvolve;
> Apresentar uma boa peça sem muitos recursos mostrando o trabalho de um grupo da periferia da cidade;
> Propiciar momentos de risos e reflexão sobre os mais diversos assuntos, colocando em questão a liberdade de cada um, a mediocridade, a pena de morte, o comportamento, a "robotização" do ser humano, as transformações do mundo atual etc...;
> Promover uma discussão sobre a peça, enfocando os principais pontos abordados;
> Trabalhar com escolas de 2º grau e permitir um bate-papo entre alunos e professores sobre a peça.

No projeto, apresentamos o histórico do grupo, como ele estava organizado e com quem mantinha relacionamentos. A previsão orçamentária destinava recursos para iluminação, cenografia, sonoplastia, figurino e um curso de expressão corporal para quatro integrantes do grupo, além de preparação vocal. Não previa pagamentos de cachês para os atores. Como contrapartida, o grupo buscaria recursos para a produção e divulgação da peça, além de possuir alguns equipamentos. O projeto exigia uma transferência solidária, que seria feita através de arrecadação de

---

Saúde –AVICITECS) e a Cepagro – Centro de Estudos e promoção da Agricultura de Grupo.

alimentos e agasalhos para as famílias carentes do bairro e de um curso de teatro gratuito para iniciantes. Por fim, precisava mostrar quais as perspectivas de continuar o trabalho, sendo justificado através da extensão das apresentações da peça para outros bairros de Joinville e na construção de novos projetos.

A aprovação deste projeto foi fundamental para a construção da história do *Itinerante*. Por sermos um grupo novo, o projeto nos provocou a realizar a primeira montagem que foi o texto *Computa, Computador, Computa*. Sobre este período, Samantha tece o seguinte comentário:

> O frio da barriga só aumentava. A Elisa chegou também para compor o grupo e ela tinha um potencial artístico muito grande e somou muito com o grupo na época e foi ficando mais e mais sério, o profissional. Foi um passo grande. Tanto que tinha um projeto, tinha que prestar contas, isso foi a primeira vez, assim tão sério [...] trouxe responsabilidades [...] a gente ensaiava muito, tinha muitas buscas por teorias, de como fazer teatro, começamos a fazer muitas oficinas, cursos, workshops [...] tudo foi ficando mais e mais sério, tudo muito rápido.[40]

Com a aprovação deste recurso, o grupo teve que viajar pra Lages/SC, onde seria feita uma formação com a coordenação do *Fundo de Miniprojetos* para os grupos que seriam apoiados pela Instituição. Foram dois momentos, um para orientação de como proceder com o projeto e outro para prestação de contas.

---

[40]Ibid.

O *Itinerante* estava muito focado na sua formação e participou dos seguintes cursos/oficinas/festivais em 2007:

> Preparação do grupo com oficinas de expressão corporal, improvisação, troca de experiências com outras Companhias, participação em cursos e palestras – (fomos ao Festival de Teatro Universitário de Blumenau; Cristóvão e Samantha participaram de um Curso de Teatro realizado de 03/02 à 07/02 com a direção de Silvestre Ferreira e Joana Brandalise; [...] Cristóvão, Samantha, Augusta e Elisa tiveram acompanhamento vocal com a Fonoaudióloga Joana Brandalise; Cristóvão, Augusta, Samantha, Jamerson e Elisa participaram da Oficina Vivencial de Teatro "Da Improvisação à Interpretação do Texto" ministrada por Robson Benta e Laércio Amaral no mês de novembro. (GRUPO Cultural Itinerante, 2007, p. 3)

Interessante perceber que as esquetes/performances que o Itinerante criou em 1997 tinham como pano de fundo a questão social. No *Caderno de Reuniões* há um resumo de uma delas, conforme segue:

> O poema Mulher em Gestação (em memória de uma criança proletária) faz parte do livro República dos Becos, de Luís Augusto Cassas e será apresentado por duas integrantes do grupo. Diz respeito ao período de gravidez da mulher operária, da mulher dona de casa, da mulher sofrida que carrega dentro de si durante nove meses, uma criança que quer nascer. (PETRY, 1997)

A esquete *Eu sei, mas não devia*[41] foi criada a partir do texto de mesmo nome da escritora Marina Colassanti (1972). Afirma que a gente se acostuma com a poluição, com a guerra, a pagar por tudo o que quer, ao ar condicionado, às bactérias. “A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer [...] A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma”.

Neste primeiro ano de existência, o Itinerante ainda conquista um espaço para os ensaios, e em dezembro começa a se reunir no escritório desativado da Esquadrias Petry (empresa da minha família) que mais tarde viraria o espaço *Garagem Cultural*. Segundo consta no *Histórico* (2004), uma média de cinco mil pessoas prestigiaram nossas apresentações, sendo que boa parte delas foi realizada em praças e na rua.

O ano de 1998 foi marcado pelos constantes ensaios e produção da estreia do espetáculo *Computa, computador, computa* que aconteceu nos dias 24, 25 e 26 de abril de 1998 na Casa da Cultura Fausto Rocha Junior, no centro, pois a *Garagem Cultural* não estava pronta e não havia ainda parceria da Amorabi. Nos três dias foram vendidos 218 (duzentos e dezoito) ingressos a R$ 3,00 (três) e arrecadados R$ 654,00 (seiscentos e cinquenta e quatro reais). A peça ainda foi apresentada na Escola Annes Gualberto, Colégio Celso Ramos e no Galpão da Igreja Menino Jesus do Itinga.

O programa da peça explica como aconteceu o processo, dizendo que “Foi mais ou menos assim...”:

---

[41] Disponível em: http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp. Acesso em 20/01/2016.

> Iniciamos o trabalho com a peça de Millôr Fernandes em maio de 97. A princípio, alguns integrantes do Grupo acharam a peça pesada demais, outros achavam que devíamos tentar e foi assim que aos poucos acabamos nos apaixonando tanto pelo Millôr, como pelo computador dele, ou pela peça "Computa, Computador, Computa" que foi apresentada pela primeira vez no Teatro Santa Rosa no Rio de Janeiro em 3 de março de 1972 tendo como atriz Fernanda Montenegro [...] Vinte e seis anos depois, um grupo de teatro de Joinville, gosta da proposta e resolver adaptá-la, discuti-la [...] Nesta adaptação, a peça continua não tendo enredo. E a vida por acaso tem enredo? Quantas pessoas andam por aí, a procura de um autor, sem ter quem os oriente na passagem por este mundo? A conversa da atriz com o público, trata de nossas "neuroses", nossas descrenças, nosso cinismo, nossa covardia, nossa dúvidas, nossa autossatisfação, nossa impotência e nossas bravuras, a nossa infinita coragem de continuar, e no final traz uma mensagem que faz refletir sobre a nossa função aqui neste planeta. [...] A peça está aí, em palco com sua neurose e tudo, trazendo várias discussões que ainda são pertinentes e que merecem a nossa atenção.
> (Programa da peça *Computa, Computador, Computa*, 1998)

Devido aos direitos autorais da peça, quase não foi possível estreá-la. Tentamos buscar ajuda para este pagamento, mas não foi possível. O grupo pagou R$ 150,00 para poder estrear o espetáculo.

Neste ano de 1998, aconteceram também as primeiras parcerias do *Itinerante* com a Amorabi e com a

Escola Municipal Professora Lacy Luiza da Cruz Flores. O grupo realizou a transferência solidária pelo recurso que recebeu do Fundo de Miniprojetos, realizando as seguintes atividades (Histórico, 2004):

> 1. Jogos dramáticos com crianças de 5 e 6 anos do Centro de Educação Infantil Vovó Juliana da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga – março a junho.
> 2. Apresentação no dia 20/06 sobre “Festas Juninas” e da peça “A Formiguinha e a Neve” com as crianças do Cei Vovó Juliana.
> 3. Auxílio na montagem de uma esquete sobre o Meio Ambiente com alunos e professores da Escola Municipal Lacy Luiza da Cruz Flores – março e abril.
> 4. Apresentação das esquetes “Meu Império” e "Palavra aos homens” na Festa Junina do Centro de Educação Infantil Vovó Juliana da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga.
> 5. Participação da Primeira Mostra Teatral de Guaramirim para arrecadação de alimentos à Ação Social daquela cidade. Apresentação das esquetes “Meu Império” e “Palavra aos Homens”.
> 6. Oficina de teatro para crianças e adolescentes – fevereiro a junho.
> 7. Apresentação das esquetes “Zé Brasil” e “O lixo” dos adolescentes do curso de teatro na Festa Junina do CEI Vovó Juliana em 20/06.(GRUPO Cultural Itinerante, 2004, p. 5 e 6):

Interessante perceber o aumento das atividades da transferência solidária, tendo inclusive apresentado na Mostra Teatral de Guaramirim. Pelo trabalho,

recebemos da Amorabi um cartão dizendo: “O bem que fazemos hoje, é uma garantia de felicidade futura, embora nunca possamos dizer quando ou de que forma essa felicidade virá às nossas mãos... Não existem esforços inúteis, quando empregados em prol da coletividade”. Essas palavras pareciam anunciar a grande parceria Itinerante/Amorabi que culminou no Projeto *Sextas Alternativas*, das conquistas culturais pro bairro e do surgimento do *Abismo Teatro de Grupo*, filho desta história, que abordarei mais adiante.

Em 1998, aconteceu também a minha participação e da Samantha no *Grupo de Teatro de Repertório da Univille* para aprimoramento e intercâmbio e a inauguração da *Garagem Cultural* que, de espaço de ensaios, foi transformado pelas mãos dos integrantes do *Itinerante* num espaço para apresentações, sendo construído inclusive um palco de assoalho. Em 28 de novembro estreou neste local a peça *Édipo Rei (para os íntimos)* de Tatiane Belinky e a esquete *Palavra aos homens*, com poesia de Delermando Vieira Sobrinho e músicas de Chico Buarque, assim como as apresentações das esquetes *Meu Império* e *Mulher em Gestação* e exposição de fotografias de Jamerson Ulrich. O público lotou o espaço.

Como resultado final, a peça *Computa, Computador, Computa* realizou oito apresentações para um público de 850 pessoas e deixou de ser apresentada devido à falta de patrocínio, pois o grupo não tinha condições de pagar os direitos autorais à SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Referente aos direitos autorais, é importante destacar que muitos grupos no Brasil sofrem com esta problemática, pois a negociação nem sempre é clara e há dúvidas se o repasse é mesmo feito para o autor da peça. Em 1998,

foram atingidas pelo *Itinerante* uma média de duas mil pessoas.

O Grupo *Itinerante* começou a aparecer na imprensa e algumas vezes era convidado ou cotado para fazer alguma atividade artística em empresas, e contratado para apresentações pela Fundação Cultural de Joinville e comércios em geral. Chegou a ser citado como um grupo de teatro que atua na periferia da cidade, em material criado pela Secretaria de Educação de Joinville para ser estudado na Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Em 1999, o primeiro encontro aconteceu no dia 21 de janeiro. Em 3 de fevereiro, já estabelecíamos algumas metas. Uma das principais é terminar a reforma da *Garagem Cultural* e realizar novas montagens. Na *Garagem Cultural*, ficou decidido que manteríamos apresentações no segundo sábado de cada mês com datas anuais. Seriam cobrados ingressos a R$ 2,00, sendo que “para as apresentações de fora, 50% para cada parte e se for o *Itinerante*, 50% cachê e 50% grupo, ou o grupo combina” (PETRY, 1999). Continuaram os problemas com faltas dos atores, mudanças de dias e horários dos ensaios, o que dificultava a montagem de espetáculos. No dia 11 de abril escrevi (Caderno de Reuniões, 1999) “cobrar atitude do grupo.” No dia 11 de junho “cobrar mais participação e mais empenho dos integrantes do grupo. O grupo até agora não fez nada. Ou a gente se agiliza, ou é melhor ficarmos em casa. O grupo decaiu muito”. No dia 23 de julho “O que vamos fazer do grupo Itinerante? Não dá mais para continuar. O que vamos fazer? O que fizemos este ano?”. Em 21 de agosto “Vamos continuar? Vale a pena?” O *Itinerante* estava em crise. No dia 15 de agosto, o Grupo Cultural Itinerante apresentou a peça *Édipo Rei (para os íntimos)* na II Mostra Teatral de Guaramirim/SC. Foram realizadas

várias tentativas de montagens, mas nada aconteceu, A *Garagem* era bastante utilizada para ensaios e reuniões do grupo, mas não aconteceu nenhuma apresentação, pois chovia dentro e não havíamos conseguido cadeiras para o espaço. No Caderno de Reuniões (1999), escrevi: “O ano de 1999 foi pouco produtivo”.

No documento *Histórico* (2004) contam as atividades deste ano com destaque para a leitura dramática do texto *Os pais abstratos* de Pedro Bloch no projeto *Dramaturgia em Cena,* do SESC e *Quintas Culturais,* da Univille. Apresentou também a esquete *O melhor dia,* na inauguração do Centro Comunitário da Amorabi e uma intervenção teatral no Hipermercado Big, ambas em junho. O espetáculo *Édipo Rei (para os íntimos)* também fecha seu ciclo se apresentando na *II Mostra Teatral de Guaramirim*, totalizando uma apresentação em 1998 e três em 1999 para um público de 450 pessoas. Uma média de mil e quinhentas pessoas prestigiaram o *Itinerante,* neste ano. Pensando em mudar esta realidade, ainda em dezembro, eu e a Samantha começamos a ler o texto *Penélope,* de Antônio Guedes e Fátima Saadi, sonhando com uma possível montagem.

Como de costume, no dia 07 de janeiro de 2000, eu a Samantha fizemos o primeiro ensaio do que seria a última montagem enquanto *Itinerante*. A partir do texto *Penélope,* criamos o espetáculo *Ausência.* Eu, Samantha, Augusta Corrente e Michel Marques integrávamos o grupo no ano 2000. E este foi um ano promissor.

Como não havia vingado a *Garagem Cultural,* principalmente por não termos recursos para realizar uma reforma adequada e nem para manutenção do espaço, o Itinerante, já conhecendo e participando das atividades da Amorabi, resolve se unir a ela com a

intenção de “proporcionar momentos de lazer e cultura aos moradores do bairro” (ASSOCIAÇÃO, 2000/2001). Criava-se assim o *Sextas Alternativas* que tinha um objetivo claro: fruição e reflexão. Alternando apresentações de teatro, dança, música, cinema, exposições de artes visuais, lançamento de livro, leitura de textos e palestras, o projeto se tornou referência na cidade. A coordenação ficava por conta do *Itinerante* e a Associação cedia o espaço gratuitamente para as apresentações, assim como para o grupo ensaiar. A estreia aconteceu no dia 07 de abril de 2000, no piso superior da Amorabi que ainda não estava concluído, com a leitura dramática do texto *Quando as máquinas param* de Plínio Marcos realizada pelo *Itinerante* com mais de oitenta pessoas na plateia. Após a apresentação, foi realizado um debate, explicada a proposta do Projeto e servido um chá com cuca. Neste dia o *Itinerante* recebe um bilhete da diretoria da Amorabi dizendo:

> O sucesso do projeto Sextas Alternativas é resultado da contribuição de muitos. Não realizamos nada sozinhos [...] A obra final é o resultado do concurso de muitos. Agradecemos a solidariedade e a disponibilidade em proporcionar momentos de lazer e alegria à nossa comunidade. Pela amizade de muitos corações que te querem bem. Obrigado!

De fato, para o projeto se consolidar, precisou da contribuição de muita gente. As primeiras mãos voluntárias foram do *Itinerante* e da *Amorabi,* seguido dos artistas que vinham se apresentar sem cobrar cachê, alguns inclusive pagando o frete para trazer o cenário, da imprensa que divulgava a iniciativa e da comunidade

que abraçou o projeto marcando presença nas apresentações.

Ainda sobre a estreia do projeto, escrevi um texto intitulado *Obrigado Plínio Marcos, obrigado Itinga*, e enviei para um jornal local, não sendo publicado. Nele, explico um pouco desse momento:

> No dia 07/04/2000 aconteceu o lançamento do Projeto Sextas Alternativas [...] foi lido pelo Grupo Cultural Itinerante o texto de Plínio Marcos "Quando as máquinas param" na sede desta Associação para um público de mais de 80 pessoas, entre crianças, jovens e adultos, que se acomodaram em carteiras de escola (aquelas conjugadas de antigamente) e bancos, com uma iluminação precária puxada por um rabicho e vários bocais de luz. A princípio estes detalhes poderiam parecer um empecilho, mas a cena teatral e a vontade do público de participar de projetos como este, foram superiores. (PETRY, 2000)

Sobre a apresentação e o debate escrevo:

> A peça apresentada foi escrita em 1967, mas sua temática é muito atual, abordando dentre outros temas, a questão do desemprego. Foi emocionante perceber como o público se identificou com o texto. Alguns riram, o dito humor negro, pois o que estava sendo falado em cima do palco, era de uma seriedade e tanto. Ao fim da peça um debate. Debate este onde todos puderam conhecer um pouco mais da vida de Plínio Marcos e colocar suas ideias a respeito dos temas abordados. Alguns até disseram que já foram um

> pouco da personagem Nina, outros tentaram justificar as atitudes do personagem Zé. (PETRY, 2000)

Mais para o final, agradecimentos e cobranças do poder público:

> Obrigado Itinga [...] Obrigado Plínio Marcos [...] Obrigado Associação de Moradores do Itinga, por abrir as portas para um projeto tão bonito e que tem de tudo para ser cada vez melhor, e se depender do público será. Que bom se cada bairro tivesse um espaço onde pudéssemos aplicar um projeto desses. Muitos de nossos moradores não têm condições de prestigiar um evento desses no centro da cidade ou no “Palco Multiuso” do Centreventos. [...] Quem sabe não está na hora de nosso governo municipal olhar um pouco mais para a periferia e perceber que a cultura, às vezes não precisa de grandes obras, um pequeno incentivo ajudaria em muito aos grupos da cidade a mostrarem os seus trabalhos. [...] O grupo Itinerante apesar de todas as dificuldades continua na luta, teimosos [...] e estamos com muita vontade de trabalhar, principalmente quando podemos contar com o apoio de uma comunidade que prestigia o teatro e eventos do bairro. (PETRY, 2000)

Sobre a parceria do Itinerante com a Amorabi, Samantha explica na sua entrevista (2016):

> A gente topou direto. Não tinha dúvidas que tinha que fazer essa parceria com a Associação [...] pra nós foi fundamental por

> causa do espaço. A gente estava atrás de um espaço, porque a gente já não podia usar tanto a Garagem Cultural, chovia, não era um espaço adequado. A gente precisava de um espaço, a Associação tinha o espaço, mas a gente precisava dar alguma coisa em troca. E a ideia do Sextas Alternativas foi perfeita. Funcionou desde o primeiro momento até hoje.[42]

As próximas apresentações foram: *Dança da solidão*, escrita pelo joinvilense Jurandi Arruda Neto, com direção de Norberto Xavier Deschamps; Duo de violão e Flauta com Lausivan Corrêa e Lysandra Gomes Axt, Trupe Camaleão da *Dionisos Teatro* com *Contação de Histórias* e direção de Silvestre Ferreira; *Grupo Soar de Teatro* no Ensaio Aberto da peça do joinvilense Fábio Porto chamada *A sociedade dos amantes da arte* com direção de Hélio Muniz, *Coral Boca da Noite* e *Quinteto Anagajanfá*. O debate e o chá com cuca viraram tradição no projeto. Sempre era feito um roteiro para ser seguido no debate, buscando a reflexão, assim como se anunciava quando aconteceria a próxima apresentação do projeto e também outros espetáculos que estariam acontecendo na cidade.

No dia 20 de outubro de 2000, dentro do *Sextas Alternativas*, é realizada a primeira leitura dramática comunitária do bairro Itinga da peça *A morte do Imortal* de Lauro César Muniz, sendo dirigidos por mim com mais de duzentas pessoas na plateia. Foi uma experiência nova que uniu mais quinze jovens e adultos do bairro, a maioria sem nenhuma experiência no teatro, para se colocar a disposição da cena.

No final do ano, como forma de avaliação, escrevi o texto *Sextas Alternativas – Um projeto que veio para*

---

[42] Ibid.

ficar (Pasta Projeto *Sextas Alternativas* 2000/2001) citando as oito apresentações para um público de mais de oitocentas pessoas. Explico também o objetivo do projeto e chamo a atenção para a valorização de iniciativas como esta:

> É gratificante sonhar um dia com um projeto e vê-lo em prática surpreendendo com a generosidade dos grupos e a humildade das pessoas que vêm prestigiar as apresentações. É mais bonito ainda ver que para fazer projetos culturais, não precisamos de grandes investimentos. [...] Que bom se cada bairro tivesse um espaço onde pudéssemos desenvolver um projeto tão bonito como este. Onde as pessoas que nunca viram uma apresentação de teatro ou música erudita e popular [...] possam aplaudir com um sorriso estampado no rosto dizendo que vale a pena sair de casa para presenciar as apresentações.

Daí em diante, a Amorabi passou a ser a grande parceira do Itinerante, e continuou fazendo história, mesmo com o fim do grupo.

No ano 2000 o Itinerante faria ainda duas estreias. Nos dias 2, 3 e 4 de junho foi a vez do espetáculo *Aonde você vai? Uma comédia sobre o amor* no Centro Comunitário da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga. Neste mesmo ano o espetáculo foi apresentado na Casa da Cultura, no Sesc e na EEM Governador Celso Ramos, sempre contando com a presença de um bom público. Este espetáculo ficou no repertório no grupo até 2003, e eu atuava junto com Augusta Corrente. No começo, havia uma direção conjunta e nas remontagens, quando o espetáculo

passou a se chamar *Leo e Bia – Uma comédia sobre o Amor*, tivemos o auxílio de Samantha e por fim de Amarildo Almeida, diretor da La Trama Companhia Teatral, grupo parceiro do Itinerante desde 2002. Ao todo foram 37 apresentações para um público de quatro mil e quinhentas pessoas, sendo apresentado em Associações de bairro, Sesc, Udesc, Casa da Cultura, Teatro Juarez Machado, Cidadela Cultural Antarctica, Tertúlia das Artes, escolas, com destaque para as apresentações no II Encontro de Teatro de Joinville (2000) realizado pela Univille, no CENA 1 – Primeira Mostra de Teatro da Associação Joinvilense de Teatro (2001) e na cidade de Vidal Ramos/SC (2003). Esse número expressivo se deve ao fato desse espetáculo ter sido apresentado em várias escolas de Joinville através dos projetos *O Itinerante vai à Escola* e *A Escola vai ao Teatro*, sempre com uma pequena cobrança de ingresso. Sobre a peça no projeto *A Escola vai ao Teatro* (2003) consta a seguinte sinopse:

> Inspirada no cotidiano jovem e tendo a peça *Onde é que você vai, Hollis Jay?* de Benjamin Bradford como fio condutor, esta montagem aborda o amor que Léo, um adolescente de 18 anos, sente por Bia, mas não tem coragem de dizer. Ele é muito tímido na frente dos outros, mas quando está sozinho com os seus pensamentos, torna-se o maior, o melhor de todos – o mais inteligente. Apresenta as dúvidas que este rapaz tem em relação a sua vida, à escola, às pessoas, à família e ao amor. Mostra o conflito entre do personagem Léo e o seu pensamento, o que ele é e o que ele pensa que é e uma visão do mundo em que vive. Léo quer saber aonde é que vai. Bia é uma menina bem extrovertida que estuda na mesma

> sala de Léo. É bonita, tem alguns atrativos físicos que chamam atenção de qualquer garoto. Os dois marcam um encontro num bosque da cidade para que ela o ajude a corrigir o trabalho de fim de ano que ele está fazendo. A peça é justamente este encontro onde o Léo "real" e o Léo "imaginário" (do seu pensamento) entram em choque, mostrando momentos de muita comicidade. [...] Você sabe aonde vai? Talvez o Léo e Bia possam ajudar a responder esta questão. Vá ao teatro para conhecê-los.

Desde Janeiro de 2000, eu e a Samantha também estávamos trabalhando na montagem de *Ausência*, livre adaptação do texto *Penélope* de Antônio Guedes e Fátima Saadi e *A Odisseia* de Homero. Samantha passou no vestibular e em agosto de 2000 começou a cursar Artes Cênicas na Udesc, em Florianópolis. Mas continuou a fazer parte do *Itinerante*. No dia 20 de outubro, às 20h aconteceu a leitura comunitária do texto *A Morte do Imortal* e à meia noite aconteceu a estreia de *Ausência* na Amorabi, com apresentações também nos dias 21 e 22. Sempre cobrando ingresso popular, realizou temporada de quatro finais de semana na Casa da Cultura, feito inédito até então na cidade. Em algumas delas a trilha sonora da peça era tocada ao vivo pelo músico Jacson Araújo. Foi também apresentada em Florianópolis/SC e participou da *II Encontro de Teatro de Joinville*, realizado de 16 a 26 de novembro nas dependências da Universidade da Região de Joinville – Univille, para um público de duzentas pessoas. No total, foram quatorze apresentações para um público de 341 pessoas.

No release de divulgação (2000) consta:

> A peça, quase um monólogo, traz ao palco as dores, as lembranças, os medos de uma mulher (Penélope) que espera vinte anos por seu marido (Odisseu) que partiu para a Guerra de Tróia e não retornou. A atriz falando na primeira e terceira pessoa, conta, inventa suas histórias, repetindo-as continuamente, acostumando-se a uma imagem construída ao longo de todos estes anos, alimentando-se dela nos três movimentos que compõem a peça. Mas ela precisa escolher um novo marido. O palácio está tomado de pretendentes. Mas ela não quer, não pode escolher outro porque já se acostumou a ser assim, sozinha com suas recordações. Trazendo uma trilha sonora toda especial e com a participação do público enquanto pretendente de Penélope, ela conta sua triste e longa história, não menos aventurosa que a de Odisseu.

Sobre a estreia Samantha diz:

> Estava na construção do Centro Comunitário da Amorabi e a gente estreou o *Ausência* lá, no espaço da Amorabi [...] a gente fez questão de apresentar na Associação. Ela não estava pronta ainda. A gente apresentou no andar de cima, a meia noite e não tinha nem reboco e nem janela na sala que a gente fez. E o fundo da cena era a lua cheia, uma noite iluminada que foi o cenário da peça.[43]

[43] Ibid.

Os comentários foram positivos e a Amorabi chamou a atenção por ser palco de uma estreia a meia noite de um grupo do bairro. Uma parte dos holofotes saiu do centro e se direcionou para a zona sul de Joinville, no bairro Itinga.

Novamente o grupo estava preocupado com os direitos autorais da peça, mas no ano 2000 a tecnologia da internet nos ajudou a entrar em contato com os autores da mesma. Escrevemos um e-mail para a Companhia do Pequeno Gesto no Rio de Janeiro, explicamos a situação e a peça foi liberada por Antônio Guedes. Em janeiro de 2001 enviamos pelo correio o resultado da peça, informando a quantidade de público e a arrecadação. Os gastos com cenário, figurino, iluminação, divulgação e toda a produção da peça totalizaram R$ 276,91, sendo o lucro líquido R$ 145,09 revertido para uma formação que o grupo faria na Argentina. Esta carta ainda cita que “A peça foi muito bem recebida pelo público. Tivemos muitos elogios e algumas sugestões para melhoria da mesma”, que o Itinerante pretendia continuar com ela em cartaz em 2001 inscrevendo em festivais e solicita mais uma vez uma autorização por escrito para não haver problemas burocráticos, se prontificando a pagar uma porcentagem do que fosse arrecadado.

Neste promissor ano 2000, mais de três mil pessoas se mobilizaram para prestigiar arte e cultura com o *Itinerante* e a *Amorabi*. Para Samantha, o *Itinerante* colocou o Itinga no mapa cultural da cidade:

> Com o *Itinerante* a gente começou a fazer parte do teatro joinvilense [...] era um grupo amador, mas não era um grupo amador isolado. Começamos a fazer parte do movimento teatral da cidade, a conhecer outras pessoas que faziam

> teatro, ir aos cursos. As pessoas começaram a conhecer o nosso trabalho. A gente saiu do Itinga pra cidade. Pra preencher a cidade, mas sem esquecer-se do Itinga. Foi ampliando a relação com o teatro. Tinha o intuito de profissionalizar o nosso trabalho.[44]

Tudo o que entrava de recurso financeiro era marcado em livro caixa[45] específico e prestado contas, inclusive o grupo reciclava materiais e vendia quando fazia algum evento. Com o objetivo de realizar uma formação mais sólida, o grupo realizou em 16 de setembro a *Festa do Óculos*[46]*,* e quase leva prejuízo. Mesmo assim em Janeiro de 2001 o grupo resolve investir em formação e destina os recursos dos cachês para que eu e Samantha viajássemos de ônibus à Buenos Aires/Argentina para realizar junto a Periplo Companhia Teatral o curso de caráter prático e teórico *La autoprovocación em el trabajo del actor. Hacia la elaboración de la própria técnica*. Na época o grupo tinha em caixa R$ 680,78 (seiscentos e oitenta reais e setenta e oito centavos) e as passagens custaram R$ 508,28 (quinhentos e oito reais e vinte e oito centavos).

Avaliando hoje, percebo que o curso da Argentina foi muito importante para nossa formação individual de ator, mas não para o coletivo do *Itinerante*. A *Periplo Companhia Teatral* vive uma realidade distinta da nossa que sobrevive com os trabalhos de teatro e vive em Buenos Aires, uma capital com tradição de teatro e cultura. Trabalhavam exaustivamente na criação de cada

---

[44] Ibid.

[45] Livro caixa onde contém toda a movimentação financeira de 1997 à 2004 do *Itinerante*.

[46] Todas as pessoas que iriam participar da festa deveriam vir com um óculos.

espetáculo, dedicando-se exclusivamente para este fim. O oposto acontecia em Joinville. Tínhamos que nos dedicar a outras funções e nos finais de semana, ao teatro. Sempre parecia que faltava tempo. Mas tinha outra diferença fundamental. O *Itinerante* tinha uma comunidade, independente se o seu trabalho fosse "perfeito" ou não. O *Grupo Cultural Itinerante* tentou a profissionalização, afastando-se um pouco de sua origem, de sua comunidade e não conseguiu manter-se vivo enquanto coletivo.

Voltando da Argentina, o *Itinerante* remontou o espetáculo *Aonde você vai? Uma comédia sobre o amor*, agora com a direção de Samantha, trabalhando um pouco da metodologia apreendida com a *Periplo*. Reestreou em 20, 21 e 22 de julho de 2001, apresentando também no SESC, escolas e no Teatro Juarez Machado, sendo o cachê destinado para um intercâmbio que a atriz Samantha iria realizar na Noruega.

O ano 2001 foi de mudanças, principalmente pelo gradual afastamento de Samantha que já estava morando em Florianópolis para fazer a Faculdade de Artes Cênicas. Ela se afastou no segundo semestre para realizar um intercâmbio na Noruega, retornando para o Brasil em agosto de 2002 para continuar sua graduação. O ator Michel Marques também se afasta da Companhia para fazer o curso de Artes Cênicas na Udesc em Florianópolis. Mas o grupo continuou ativo comigo, com Augusta Corrente e nossos companheiros Patrícia Gbur Portela e João Jönk. Em dezembro de 2001 o grupo marca presença na CENA 1 – 1ª Mostra da Associação Joinvilense de Teatro, realizada na Cidadela Cultural Antarctica, com a peça *Aonde você vai? Uma comédia sobre o amor*, sendo um marco importante para a história do grupo.

Sobre a ida da Samantha à Noruega, em matéria para o jornal *A Notícia*[47] no dia 02 de agosto de 2001 ela comenta que uma das coisas que somou pontos em seu currículo para conseguir a bolsa de estudos, foi seu trabalho voltado para o social, realizado pelo Itinerante em parceria com a Amorabi, dizendo "levo essa experiência e, em troca, recebo informações sobre cultura geral". No final da matéria, o jornalista escreve que o "Grupo Cultural Itinerante sofre uma separação temporária, mas continua em busca do sonho de viver da arte. Com o lema "Teatro da periferia feito com amor e muita teimosia", os teatreiros prometem continuar as atividades. Compromisso de quem fica, esperança de quem parte."

Mas 2001 não foi somente de despedidas. O *Itinerante* esteve presente no projeto Dramaturgia – leituras em cena do SESC realizando a leitura do texto *Pois é, vizinha* de Dario Fo e Franca Rame. Apresentou a esquete *Improvocação* no evento *Tertúlia das Artes* e teve uma participação efetiva na criação da Associação Joinvilense de Teatro – Ajote, filiando-se à mesma.

O projeto *Sextas Alternativas* também cresceu, realizando quatorze apresentações para um público de 850 pessoas. A abertura novamente aconteceu com uma leitura dramática pelo *Itinerante* do texto *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos. O ano prosseguiu com apresentações da Cia. de Teatro de Repertório da Univille, Coral da Univille, Duo de Violão e Sax Tudo de Bom Sempre, Cia. Círculo de Teatro, Trupe Camaleão, da Dionisos Teatro, Madrigal Vila Lobos, Grupo Folclórico Windmühle, Camerata A5, Dança do Ventre da EEM Governador Celso Ramos, Coral Boca

[47] PEÇA Aonde você vai? é encenada no Sesc. *A Noticia*. Joinville, 2 de ago. de 2001.

da Noite e leitura dramática do texto de Marco Antônio La Parra, chamado *A secreta obscenidade nossa de cada dia*. Pra finalizar, em 30 de novembro, é realizada a 2ª leitura dramática comunitária no bairro do texto *Os sobreviventes*, de Ricardo Meirelles, seguido da estreia do Coral da Amorabi que foi implantado neste ano.

Sobre a leitura, consta na Pasta Projeto Sextas Alternativas 2000/2001 um release enviado à imprensa que explica sobre o processo:

> Para realizar a 2ª Leitura Dramática Comunitária do Bairro Itinga foram convidados moradores, pessoas interessadas e que tenham vontade de conhecer um pouco do processo de montagem de uma peça teatral. Ensaiamos durante algumas semanas e você poderá ver o resultado deste trabalho. O objetivo da Leitura é apresentar o texto e o dramaturgo para a comunidade. No final é realizado um debate sobre como a peça chegou até os moradores.

Esta Pasta também contém um agradecimento enviado à imprensa com o título *O sucesso se repete* mostrando os resultados do projeto e sugerindo que iniciativas como esta deveriam acontecer em mais bairros:

> É bonito ver um Projeto que, sem nenhum tipo de incentivo, patrocínio, cativando as pessoas simples do bairro, fazendo-as refletir, sorrir, emocionar-se e ao final aplaudir e dizer que “Nunca tinha assistido a uma peça de teatro, coral, música erudita”. Iniciativas como esta deveriam

> ser incentivadas por órgãos públicos para levar não só ao bairro Itinga, mas a todos os bairros de Joinville apresentações gratuitas para a população que não tem condições de assistir a um espetáculo no centro da cidade. Isto estaria criando o gosto nas pessoas pela cultura, além de estar auxiliando na formação de plateias e de um circuito de apresentações na cidade.

Em torno de 1200 pessoas estiveram junto com o Itinerante e Amorabi em 2001.

O ano de 2002 é marcado pelo registro da *Companhia Teatral Itinerante* como uma entidade sem fins lucrativos, com ata datada de dezenove de janeiro e registro de Estatuto em 27 de março. Dentre os objetivos estatutários constavam (os grifos são meus):

> Artigo 04. São objetivos da Companhia Teatral Itinerante:
> a) **Promover apresentações**, congressos, **encontros**, seminários, mostras e festivais de artes cênicas;
> b) **Trabalhar o teatro na periferia, fazendo apresentações e cursos gratuitos**, quando possível;
> c) Produzir e apresentar espetáculos teatrais visando a divulgação e aprimoramento de seus sócios;
> d) **Criar e manter cursos e oficinas na área de Artes Cênicas**;
> e) Fazer convênios e/ou **filiar-se a entidades artísticas e culturais** a nível municipal, estadual, nacional e internacional, visando a divulgação e o intercâmbio das artes cênicas, sem a perda de sua autonomia própria;
> f) **Firmar convênios com organismos públicos e privados** para

> desenvolver suas atividades ou prestar serviços na área de artes cênicas;
> g) Representar perante as autoridades administrativas legislativas e judiciárias os direitos e interesses gerais dos sócios;
> h) **Participar de cursos, congressos, festivais de teatro**, visando o intercâmbio e a troca de experiências;
> i) **Estimular e apoiar a criação de novos grupos de teatro** na cidade de Joinville e região;
> j) Promover e incrementar a prática e a divulgação das artes cênicas;
> k) Congregar os associados **sem distinção de qualquer natureza**, seja de etnia, sexo, idade, religião, opinião pública ou de qualquer outra condição;
> l) Promover a defesa dos interesses de seus sócios e a solidariedade entre seus membros;
> m) **Viabilizar programas culturais** e recreativos **de interesse** de seu corpo social e **da comunidade** em geral;
> n) **Intercambiar experiências e promover atividades conjuntas com outras entidades** e/ou organizações congêneres;
> o) **Promover a cooperação dos artistas de maneira geral e o aprimoramento das suas atividades**, vedadas as atividades de natureza religiosa e político partidárias;

Interessante notar os grifos. O estatuto pensado e aprovado em 2002 indicava um caminho a ser seguido pelo *Itinerante*, e hoje muitos desses objetivos são colocados em prática pela Amorabi. Há uma listagem de onze pontos no que foi chamado de *Planejamento 2002* onde constam as atividades para aquele ano:

1. Reformulação da peça *Aonde você vai? Uma comédia sobre o amor.*
2. Apresentação durante o ano desta peça.
3. Leitura de um texto para a abertura do **projeto *Sextas alternativas*** em março de 2002 (ou apresentação da peça Aonde você vai?)
4. Continuação do **projeto *Sextas Alternativas***.
5. Coordenação da **III Leitura Dramática Comunitária** do bairro Itinga em novembro para o projeto ***Sextas Alternativas***.
6. Legalização do Grupo Itinerante.
7. Intercâmbio com a Cia Círculo de Teatro.
8. Participação do Festival de Teatro de Itajaí.
9. Buscar novos integrantes para o Grupo. Repasse de oficinas e montagem de um peça.
10. Estudos dirigidos de textos e peças de teatro.
11. Montagem de uma peça (Cristovão e Samantha)

Tentando cumprir com suas metas, a agora *Companhia Teatral Itinerante* realiza apresentações do espetáculo *Léo e Bia - Uma comédia sobre o amor*, em escolas e na Cidadela Cultural Antarctica (hoje Galpão de Teatro da Ajote – Associação Joinvilense de Teatro) agora com a direção/orientação de Amarildo de Almeida. Também se dedica ao Projeto *Sextas Alternativas,* citado três vezes nas atividades previstas para 2002.

Sobre o Projeto *Sextas Alternativas* – ano 3, é importante registrar que, com o passar dos anos o projeto foi ganhando corpo e necessitava de apoio. Em Joinville ainda não existia edital público. Mesmo assim, foi elaborado um projeto expondo justificativa, objetivos,

cronograma de apresentações, recursos necessários (patrocínio apenas para divulgação no bairro através de cartazes, panfletos e carro de som) e contrapartida (colocação da marca do apoiador nos materiais de divulgação e release de imprensa). Afirmava ainda que “nenhum integrante da Associação dos Moradores, da Cia. Itinerante e dos grupos convidados receberão qualquer ajuda financeira para realização deste projeto”. Na capa um texto de Yacoff Sarkovas, fundador e presidente da Articultura Comunicação e Agência de planejamento e gestão de patrocínios do país, como forma de sensibilizar futuros empresários para a iniciativa:

> O que tem estimulado o investimento em patrocínio é a própria comunidade. As empresas hoje, estão inseridas num mercado constituído de consumidores cidadãos. Precisam assumir e demonstrar responsabilidade social para atender a uma sociedade mais crítica, mais atenta, que cobra maior integração da empresa com o seu meio.

Infelizmente ninguém se sensibilizou. O projeto seguiu adiante e a abertura foi com a apresentação da peça *Aonde você vai? Uma comédia sobre o Amor*, seguindo com apresentações mensais do grupo da Casa da Cultura, de Humberto Soares com o seu Tatuí, Show de bateria, Conjunto de Flautas Doce Compasso Livre, Coral da Univille e da Ciser, Grupo de teatro da Embraco e da Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos, totalizando 11 apresentações para uma média de novecentas pessoas.

Mesmo com a legalização do grupo, os encontros começaram a diminuir e o que antes era prazeroso,

parecia que agora estava se tornando uma obrigação. Como eu já era professor de História na Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos, comecei formar um grupo de teatro nesta escola e também fui convidado para assessorar o projeto *Comunidade da Udesc,* onde eram promovidas atividades de fruição e formação gratuitas para os alunos do campus Joinville, sendo muitas delas feitas pelo *Itinerante*. Por isso em 2002, em torno de três mil pessoas se mobilizaram junto com o *Itinerante* e a *Amorabi*.

Em 2003, a Companhia elabora um novo planejamento para ser cumprido até dezembro de 2004, pois com a formalização do grupo, haveria necessidade de apontar quais os próximos passos a serem dados. Esse planejamento teve como missão: “Aprimorar-se no fazer e na produção teatral buscando a profissionalização da Companhia, estimulando na formação de público e trabalhando também na periferia”. Traz como Missão: “Fazer teatro com prazer e qualidade para diferentes públicos” e a Visão: “Ser referência no fazer teatral”. As atividades permanentes citadas no planejamento foram: “Projetos Sextas Alternativas; Reuniões e ensaios e Apresentação da peça *Léo e Bia – Uma Comédia sobre o Amor.* Os desafios citados: “1. Apresentar a peça *Léo e Bia – Uma Comédia sobre o Amor;* 2. Profissionalizar-se; 3. Produzir peças teatrais; 4. Elaborar um projeto para a cultura”. Os recursos humanos para cumprimentos do referido planejamento seriam feitos por mim, Augusta Corrente e nossos companheiros, Patrícia Gbur Portela Petry e João Jönk, sendo que a participação do Michel Marques, Samantha Cohen e Marcelo Corrente estava ainda para ser definida.

Os quatros desafios já citados foram divididos em ações com prazos para seu cumprimento, a pessoa

responsável e quem daria apoio na execução desta ação. Os responsáveis eram Patrícia, Augusta, João e eu. No item 1) Apresentar a peça *Léo e Bia – Uma Comédia sobre o Amor* previa ações que iam deste a (Re) elaboração do Projeto A escola vai ao teatro, contatos com Escolas e espaços culturais da cidade até venda do projeto, ensaios da peça e equipe de apoio. O item 2) Profissionalizar-se visava o estudo de textos, treinamento corporal, conhecimento da realidade de outras Companhias, participar de Festivais, Cursos e Palestras, plano de divulgação do *Itinerante;* criação de curso de teatro no bairro e elaboração de projetos para editais e leis de incentivo à cultura. O item 3 tratava da produção de peças teatrais, incluindo desde a produção de esquetes, contação de histórias e elaboração de um projeto de montagem de uma nova peça para estrear em março de 2004, com escolha do texto, de um diretor, prevendo ensaios mínimos de 10 horas semanais. Por fim, o desafio número 4 dizia respeito a elaboração de um projeto para cultura, citando a necessidade de pesquisa e aprofundamento sobre como escrever um projeto, trabalhando em parceria com a Amorabi.

Partimos em busca da concretização do planejado. Consta no livro caixa uma série de pagamentos referente à legalização do grupo e a inscrição de projetos em Edital da *Lei Estadual de Incentivo à Cultura* da Fundação Catarinense de Cultura. Todos os projetos são indeferidos. Recebemos uma carta do Gerente de Projetos da FCC, Oldemar Olsen Jr., em nome do Conselho Estadual de Cultura, proferindo a seguinte decisão: “A Câmara de Artes Cênicas recomenda ao plenário a não aprovação do PFCC 1060/031 por considerar que o mesmo não atende os critérios de relevância e oportunidade requeridos pelo mecanismo de incentivo estadual à cultura”. Em outro

projeto recebemos como resposta “A Câmara de Artes Cênicas recomenda a não aprovação por caráter de relevância em vista aos parcos recursos”. Um certo desânimo se instaura no grupo, e o *Itinerante* caminha a passos lentos. O grupo ainda realiza uma apresentação da Leitura Dramática do texto *Pois é vizinha* no Projeto *Comunidade na Udesc*, e em setembro faz algumas apresentações do *Léo e Bia* na cidade de Vidal Ramos/SC.

Importante salientar que a legalização do grupo tinha como meta principal, a sua profissionalização. Nós naquele tempo, talvez tivéssemos uma visão utópica sobre o que é ser profissional de teatro e de como é complicado viver apenas disso. São raras as Companhias no Brasil que hoje vivem apenas de teatro. Em Joinville, na época tínhamos apenas a Dionisos Teatro[48]. O planejamento também era ambíguo. A visão e a missão citadas mostram uma tendência empresarial da arte, tendo palavras como qualidade, referência, profissionalização. Parecia que o *Itinerante* estava tentando se afastar da comunidade. Era melhor então continuar sendo amador?

---

[48] A Dionisos é uma companhia teatral fundada em 1997 que atua na área de produção cultural e de arte-educação construindo espetáculos de teatro que contribuam para a formação cultural de Santa Catarina e do Brasil. Desde a sua fundação, através de seus espetáculos, atingiu um público de mais de 500 mil pessoas. Atualmente, possui em seu repertório oito espetáculos teatrais, premiados em diversos festivais nacionais. Já participou de festivais e projetos internacionais ampliando os horizontes do fazer teatral. Disponível em http://www.dionisosteatro.com.br/o-grupo/. Acesso em 29 de jan. de 2016. Hoje, além da Dionisos Teatro, hoje existem mais duas Companhias – Essa é – Cia de Teatro-Dança e Mero Acidente palhaçaria feminina - que praticamente sobrevivem de atividades voltadas para o teatro e produção cultural.

Confesso que essa dicotomia entre teatro amador e profissional até pouco tempo atrás ainda me incomodava muito. O *Dicionário Brasileiro de Teatro* ajuda a entender uma pouco mais desta conceituação.

> É aquele praticado por um grupo de pessoas que apreciam o teatro, executam-no com dedicação, mas sem dele tirar proveito econômico. [...] Essa prática teatral assume vários aspectos: simples diversão, reflexão ou crescimento de uma comunidade, rememoração de outras culturas, pregação ideológica e, por último, uma significação que foi de suma importância para o desenvolvimento do teatro brasileiro: assumir seriamente o compromisso de realizar montagens nem sempre viáveis para o teatro profissional. Este último intuito compensatório, expresso por meio de um repertório, pode contemplar textos clássicos, modernos, as técnicas de encenação atuais e procedimentos experimentais do domínio do texto e do espetáculo, procurando acrescentar, revolucionar ou, no mínimo, refletir sobre a arte do teatro. Neste sentido, é o teatro amador uma das forças propulsoras da mudança e da atualização do panorama teatral. (GUINSBURG, p. 22 e 23)

Um artigo de Flaviano Souza Silva apresenta um panorama do teatro realizado em meados do século XX, apontando algumas mudanças na estética nos palcos brasileiros que foram motivadas pelo movimento do teatro amador em função da crise nas companhias profissionais. Silva (2012, p. 2) destaca que já na década de 1930, o teatro profissional brasileiro perdia espaço por problemas estéticos e econômicos. Estéticos, porque “persistiam os mesmos métodos de encenação, a

mesma rotina de trabalho, a mesma hipertrofia da comicidade, a mesma predominância do ator, a mesma subserviência perante a bilheteria" (SILVA apud PRADO, 2001, p. 17). Sobre os problemas econômicos, afirmava que a bilheteria não estava conseguindo suprir as necessidades dos artistas, e os espetáculos já não enchiam as casas (SILVA, 2012, p. 2). Porém, "cresciam iniciativas de grupos amadores, que observaram que uma alternativa seria a realização de um teatro mais artístico, não apenas concebido como divertimento popular, mas antes, um teatro como expressão artística" (SILVA, 2012, p. 2). E concluía que "A arte de representar e a dramaturgia nacional precisavam de menos, e não de mais profissionalismo" (SILVA apud PRADO, 2001, p. 38). Estamos falando de 80 anos atrás, com uma realidade muito distinta de hoje, porém a ideia do profissional está vinculada ao fato de sobreviver dos rendimentos da arte e isso inclui também os ganhos com bilheteria. Se em 1930 já estava desafiador, imagine nos dias de hoje com a expansão da televisão, do cinema, internet e das tecnologias digitais, aliada ao crescimento da rede de entretenimento e de espetacularização, que diariamente lança novidades. Pensando desta maneira, o teatro profissional está fadado ao esquecimento. Mas não é o que acontece.

O que manteve o teatro vivo foi o teatro. E o teatro amador teve um papel fundamental nesta história. Silva define o teatro amador como "o coletivo de pessoas que se reúnem para realizar atividades ligadas ao fazer teatral, sem a finalidade comercial" (2012, p. 2) e subdivide esses grupos em quatros tipos, conforme as pessoas que se reúnem para fazê-lo.

> O primeiro tipo são os grupos amadores de constituição mista, formados por

> estudantes secundaristas, universitários, artistas de diversas áreas e membros da comunidade em geral. O segundo tipo são os grupos de estudantes, formados por universitários ou secundaristas, podem atuar na comunidade ou apenas no meio acadêmico. O terceiro tipo são os formados por artistas profissionais, mas que, por opção, não atuam profissionalmente, no sentido de não visarem o lucro financeiro com as atividades do grupo. O quarto tipo são os grupos de comunidades, também chamados de grupos populares ou grupos de periferia. Normalmente com preocupações estéticas em segundo plano, esses grupos se preocupam mais com o lado lúdico, com o riso e com as reivindicações da comunidade. (SILVA, 2012, p. 2)

O teatro desenvolvido no Itinga estava vinculado ao quarto tipo descrito por Silva, porém tínhamos uma preocupação estética e de formação atoral. Por isso participávamos de formações e do movimento cultural da cidade. A pergunta que fazíamos na época era: como ser profissional e fazer teatro comunitário? Não tínhamos uma resposta. A maioria dos grupos “profissionais” de teatro que conhecíamos não atuava junto a comunidades, ao contrário, boa parte deles desenvolvia seus espetáculos para apresentar em espaços oficiais e centrais das cidades. Sua estrutura era empresarial e buscavam apoio financeiro de empresas, que muitas vezes decidiam os temas de seus espetáculos. O teatro que o *Itinerante* vinha fazendo, mesmo sendo montagens de textos prontos, era diferente das montagens de outros grupos da cidade, e algumas vezes fomos criticados em eventos que participávamos.

Hoje consigo compreender e digerir melhor isso. Nosso teatro era visto como um teatro “menor” por sermos da periferia. Por atuarmos e construirmos nossa arte no bairro. Por não termos formação acadêmica. Por não fazermos um teatro tradicional. Para nós, tanto do *20V* como do *Itinerante*, tudo era possível. E queríamos um reconhecimento de pessoas e instituições que não conheciam a nossa realidade e muito menos o teatro comunitário. Inscrevíamos nossos espetáculos em festivais e editais e nunca éramos selecionados. Nunca seríamos selecionados. Nossa história era outra. Nossos espetáculos poderiam não ser os melhores, mas o processo era formidável. Por isso nosso caminho foi abrir um novo caminho. Foi criar no bairro um espaço de resistência cultural, que recebe todo e qualquer tipo de espetáculo, que acolhe e que discute sobre arte e comunidade. Isso é um desabafo que precisava fazer, e confesso que não sei se aqui é o lugar. Porém, não consigo me omitir.

Amávamos o teatro que fazíamos e fazíamos com muito prazer para amigos, familiares e vizinhança. Fomos abraçados por muitas pessoas do bairro e criávamos parcerias com entidades que apoiavam nossa iniciativa. Conforme descrito no *Dicionário de Teatro Brasileiro*, o teatro amador vincula cultura, reflexão e solidariedade.

> Teatro amador feito por prazer, por e para grupos familiares e vizinhança, ainda surge em cidades do interior ou em bairros periféricos das cidades grandes. [...] O traço mais característico do amadorismo – a possibilidade de trabalhar coletivamente uma ação dramática sintonizada com a atualidade – encontra-se agora, ao que parece, nos bairros distantes. É onde o teatro procura ser um momento de cultura,

> reflexão e solidariedade. (GUINSBURG, p. 29)

Hoje afirmo que o que mantém o teatro vivo, é o encontro e o jogo que o ator estabelece com as pessoas que prestigiam a cena.

No meio do caminho, aconteceu o evento Câmara de Vereadores Itinerante no Itinga. Era dia 27 de maio de 2003 e fui convidado pela *Amorabi* para discursar em nome da entidade na Escola Lacy Flores. O discurso começava falando das necessidades de infraestrutura do bairro e depois se voltava pra cultura. Citava exemplos de projetos realizados pela *Companhia Teatral Itinerante* e *Amorabi,* sendo executado com voluntários, sendo um grande propulsor da cultura.

> Estamos criando o hábito dos moradores do bairro a prestigiarem eventos culturais. Estamos trazendo as famílias do bairro para a arte. Estamos estimulando na formação de novos artistas. Estamos auxiliando no combate a violência urbana, um dos grandes problemas da atualidade.

O discurso seguia falando dos espaços oficiais criados no centro para a “cultura” – o Centreventos que quase não era utilizado, os Mini-centreventos nas escolas, que parecia apenas mais um espaço coberto sem função para as artes, o Teatro Juarez Machado, que não tinha estrutura de som e luz, a Cidadela Cultural Antarctica, que foi ocupada pela Associação Joinvilense de Teatro, a Escola do Teatro Bolshoi, que tinha verba pública e valorizava uma cultura de fora do Brasil e o Festival de Dança, onde os grupos e academias da

cidade só fazem coreografias para este Festival. Em seguida lanço algumas perguntas:

> Preciso lançar mais perguntas para que possamos refletir sobre a arte em Joinville. E cadê o apoio aos grupos locais? Estamos entrando no circuito global, nacional de grandes produções teatrais. Ótimo. Mas, para quem é este circuito? Pergunto quem daqui foi assistir a alguma destas peças teatrais? O valor do ingresso custava vinte e cinco reais. E a periferia? É este tipo de teatro que será mostrado, levado ao centro? Teatro para algumas pessoas? A Cia. Teatral Itinerante nasceu por teimosia. Somos persistentes e por isto, independente de apoio, continuaremos batalhando pela democratização da cultura. Muitos administradores culturais fazem um discurso de levar cultural para os bairros. Porque não apoiam o que já está acontecendo? Já pensaram se todo bairro de Joinville tivesse um local para apresentações culturais? Você montava um espetáculo e teria a possibilidade de apresenta-lo em 30 / 40 lugares diferentes? O que a Câmara de Vereadores de Joinville pode fazer para mudar este quadro?

Lembro que ainda não tinha sido criado o *Sistema Municipal de Desenvolvimento pelo Cultura - Simdec* e no discurso, também trato dessa questão, da necessidade de se ter uma Lei Municipal de Incentivo à Cultura e de que a Fundação Cultural de Joinville não privilegie apenas alguns e olhe para os menos favorecidos, porque ainda existia na cidade uma política de balcão de negócios e onde só os “amigos” do Prefeito

recebiam recursos da cultura, sem falar nos altos investimentos que eram feitos no Festival de Dança e da Escola do Teatro Bolshoi. “Eu acredito que só com Educação e Cultura é que poderemos mudar, transformar a sociedade em que vivemos. Vamos investir nisso”. Finalizando cito Fernando Peixoto, Ernest Fischer sobre a necessidade da arte e o sociólogo Domenico De Masi que escreveu *O ócio criativo*: “O ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mas pode elevar-se para a arte, para a criatividade e para a liberdade” (DE MASI, 2000, contracapa).

O discurso causou um certo mal-estar para os vereadores e também para algumas pessoas do bairro que esperavam um discurso padrão de reivindicação, como a maioria das Associação de Moradores fazem. Também porque contrapôs o discurso hegemônico e central de que Joinville tem muita cultura (Festival de Dança, Bolshoi, Centreventos, Teatro Juarez Machado) e de repente alguém questiona tudo isso. O jornal *A Notícia* deu pouca importância à reivindicação de mais arte e cultura nos bairros e valorização dos artistas locais. Mas levou a reflexão e em 2005 foi lançado o primeiro Edital do Simdec, claro que não por causa deste meu discurso, mas lendo ele hoje penso em como foi importante fazê-lo.

O planejamento que o Itinerante fez em 2003, mesclava uma profissionalização, mas também desejava trabalhar na periferia e coloca o projeto *Sextas Alternativas* como uma atividade permanente e a *Amorabi* sendo uma parceira forte para novos projetos.

Um novo projeto para o *Sextas Alternativas – ano 4* (2003) é escrito para buscar apoio, feito nos moldes do ano anterior. Na justificativa havia um texto de Ernest Fischer retirado do livro *A necessidade da arte*:

> Porque, da penumbra do auditório, fixamos nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo fictício e que tão completamente absorve a nossa atenção. [...] A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente. (FICHER, 1999, p. 32)

Ainda na justificativa, apontava a importância do projeto para estimular o morador do bairro a pensar sobre arte e cultura na cidade, fazendo-o sair de casa para prestigiar apresentações ao vivo. O projeto também deveria operar (2003) "como um estimular na formação de público e de novos artistas, além de auxiliar indiretamente no combate a violência." Não surtiu efeito. Nenhum apoio concreto foi conseguido. Mesmo assim, o projeto continuou e, em 2003 aumentou seu público para mil e duzentas pessoas em onze apresentações, sendo a abertura realizada pelo Itinerante com a leitura dramática de *Pois é Vizinha...* de Franca Rame e Dario Fo. A vizinha era feita por mim e por Michel e a Augusta fazia uma participação com um papel masculino. O público total deste ano ficou em torno de três mil pessoas. No dia 21 de novembro, no encerramento do *Sextas Alternativas*, com apresentações do *Grupo Teatral Encenação*, *Musical Livre* e *Grupo de Teatro da Casa da Cultura*, para um público estimado de cento e cinquenta pessoas, resolvemos aplicar uma pesquisa para averiguar se valeria continuar com o projeto nos próximos anos, principalmente porque o Itinerante estava muito enfraquecido, devido ao afastamento de alguns membros. O resultado foi tabulado e analiso algumas questões.

Foram entregues cem questionários, sendo que 90% dos que responderam eram moradores do bairro Itinga. A 1ª questão buscava identificar se o público presente já havia prestigiado algum espetáculo de teatro, música ou dança nos espaços centrais da cidade, a saber: *Teatro Juarez Machado*, Centreventos Cau Hansen ou *Cidadela Cultural Antártica* e para nossa surpresa 49% responderam não e 33% falaram que foram poucas vezes. A 2ª pergunta questionava a maior dificuldade em participar de eventos culturais no centro e os índices maiores apontaram 30% para distância e 35% o financeiro. A 3ª perguntava se era importante acontecer atividades culturais nos bairros de Joinville e 95% disseram que sim. A 4ª pergunta queria saber quantas vezes já tinham participado do *Sextas Alternativas* e para mim, foi o que mais chamou a atenção, porque 33% já haviam participado mais de dez vezes e 38% menos de dez vezes, ou seja, 71% das pessoas tinham voltado para prestigiar o projeto, o que poderíamos considerar como uma fidelização de público. A 5ª era porque frequentava as apresentações culturais, e 55% responderam por interesse próprio, 22% porque são incentivados a participar, 11% porque meus amigos frequentam. Olhando estas respostas, notei que o projeto estava criando interesse e as pessoas que conheciam o projeto estavam buscando outras para participar, assim como as parcerias com as escolas estavam trazendo algum resultado. A 6ª questão queria saber quais as atividades que eram mais apreciadas, podendo marcar mais de uma opção e o teatro ficou com 36% seguidas de teatro e dança com 17%, sendo que apenas 16% não incluíram a opção do teatro. A 7ª queria saber como ficaram sabendo do projeto e 56% informaram que foi através da Escola e da Amorabi. Olhando tudo isso, já podíamos perceber que era

fundamental continuar com o projeto, mas a 8ª e última questão era descritiva para que a pessoa pudesse escrever sugestões, críticas e incentivos, e transcrevemos algumas abaixo:

> Que bom que podemos contar como esta opção para enriquecer nossa cultura.
>
> Parabéns pelo projeto. Espero que nunca se acabe.
>
> Esse é o espaço que todos deveriam cultivar, participar e ajudar.
>
> Parabéns pela iniciativa. Este projeto não pode acabar.
>
> Continue assim, quem sabe um dia eu participarei também.
>
> Parabéns pelo projeto!!! Não desistam...
>
> Não parem, vale muito a pena.
>
> Parabéns pelo interesse e a força de vontade.
>
> Continuar incentivando a comunidade para a arte.
>
> Que todo ano se repetisse com as Sextas Alternativas é muito importante para cada um que aprecia!
>
> Continue com o Projeto Sextas Alternativas nas Escolas (envolvendo a escola).
>
> Foi uma ótima iniciativa até mesmo para o desenvolvimento da cultura dos

> moradores. Parabéns!!! Que continue cada vez melhor.
>
> Adorei participar, foi ótimo.
>
> Semeai, semeai sempre, não importa quem colhe. Deus sabe quem plantou.

Diante destas respostas, não tinha como dizer não. Por isso em 2004, as atividades do *Itinerante* giraram em torno do Projeto *Sextas Alternativas*, trazendo algumas novidades. Agora, junto com as apresentações artísticas, aconteciam exposições de artes visuais com a participação do artista expositor. A abertura em março foi com leitura dramática de *Navalha na Carne* de Plínio Marcos pela Cia. Itinerante e a exposição *Cor e textura* da artista plástica Regina Marcis. Como a peça tinha temática adulta, para as crianças, foi exibido o filme *Tainá – Uma aventura na Amazônia* da diretora catarinense Tânia Lamarca. Nos meses subsequentes tivemos Grupo de dança clássica indiana, lançamento do livro de Marcos Alqueire e exposição *Instintos* de Ingrid Muniz; Teatro infanto-juvenil *Reinações de duas bonecas* e exposição *Artes visuais e patrimônio histórico na obra de Sônia Rosa*; Curso de teatro da Casa da Cultura e exposição pela primeira vez no Brasil da instalação *Um grito pela vida!* premiada na Espanha, da artista plástica Solange Simas; Grupo de Canto Infantil da Comunidade do bairro Estevão de Matos / Jardim Edilene (Projeto Resgate) e exposição *Encáustica* de Helga Tytlik; Grupo Mutação de Teatro do Bom Jesus / Ielusc.

Em agosto desde ano comecei a trabalhar como técnico de cultura do SESC-Joinville e em setembro realizamos a primeira parceria com a exibição do filme *O homem que copiava* em telão, sendo que era para

acontecer ao ar livre, mas devido à chuva, ficou dentro do espaço da Amorabi. Ainda tivemos uma vídeo-arte com o artista visual Tirotti , recital de flauta doce com o Compasso livre, Grupo de Teatro de Repertório da Univille e exposição *A arte da natureza – esculturas naturais em madeira* com o artista autodidata do bairro Benedito Clóvis, conhecido como Dito, aquele que em 1997 indicou o Itinerante para o Edital do Fundo de Miniprojetos. Importante chamar a atenção pra dois pontos. O primeiro era para a integração das artes, ou seja o público ao participar do projeto estaria vendo além da apresentação cultural uma exposição e até um lançamento de livro. O segundo foi a aproximação que o Projeto vinha conseguindo das Escolas mais próximas da Amorabi, que de vez em quando trazia seus alunos para a Amorabi. No total, foram 18 atividades para um público de 870 pessoas.

Apenas dez itens constam no livro caixa do *Itinerante* neste ano, quase todos referentes a taxas para manter a Cia. legalizada junto aos órgãos públicos. O *Itinerante* chegou ao seu itinerário. O último registro data de dezessete de dezembro com a descrição de “Doação recebida” no valor de R$ 199,17 (cento e noventa e nove reais e dezessete reais). Era o valor que precisava para zerar o caixa e encerrar as atividades da *Companhia*. O documento *Dissolução da Companhia Teatral Itinerante* (2004) diz que os sócios da entidade e membros do conselho fiscal resolvem:

> por não mais interessar a continuidade da empresa, dissolver e extinguir a sociedade, mediante as seguintes cláusulas:
> 1 A Sociedade que iniciou suas atividades em 07 de janeiro de 1997 de forma amadora, foi legalizada em 27 de março de 2002, encerrou todas as suas

> operações e atividades em 17 de dezembro de 2004.
> 2 A responsabilidade pelo ativo e passivo porventura supervenientes, fica a cargo do ex-presidente Cristovão Petry, que se compromete a manter em boa guarda os livros e documentos da sociedade ora distratada.
> 3 Os bens e equipamentos desta sociedade serão doados a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga para continuação do Projeto Sextas Alternativas. [...]
> 4 O término das atividades desta Companhia foi aprovado na Assembleia geral desta Sociedade realizada no dia 17 de dezembro de 2004, conforme ata registrada pra este fim.

No artigo *Memórias de Teatro na Periferia*, escrito e não publicado escrevo algumas linhas sobre minha experiência nestes primeiros 10 anos de história:

> Este é o teatro que fazemos, ou estamos tentando fazer. Este é o teatro que surge na periferia, longe quase 10 km do centro urbano. Afastado dos Centreventos da Cultura. Há quase dez anos atrás, um grupo de adolescentes resolve fazer teatro, sem saber direito o que é o teatro. Sem conhecer técnica alguma, sem ter apoio financeiro, mas com muita vontade de dizer alguma coisa. De mostrar para um público que no bairro ou que na periferia, também tem gente que faz arte. (PETRY, 2000)

Nas lembranças de Samantha, o que mais marcou foi o teatro em que você faz tudo:

> a gente fazia tudo [...] Tudo. Bilheteria, cena, interpretava, montava cenário, desmontava, carregava, criava, era tudo, figurino [...] foi uma grande escola de teatro. Eu não tinha noção de que naquela época a gente fazia tanta coisa. A gente não tinha muita consciência e pra gente tudo aquilo era fazer teatro. Era a função do teatro.[49]

O *Histórico Resumido* (2004) diz o seguinte:

> Em 2004, o Grupo Cultural Itinerante deixou de desenvolver suas atividades porque seus integrantes foram em busca de novos horizontes. A Samantha foi realizar um intercâmbio na Noruega e depois fazer graduação e Mestrado em Artes Cênicas na Udesc em Florianópolis. [...] Michel também foi fazer artes cênicas na Udesc [...] A Augusta foi morar em Buenos Aires – Argentina. [...] O Marcelo foi para a Itália.[50]

Assim, fecha-se um ciclo para começar outro, pois na dissolução do *Itinerante* a Amorabi já é citada como

---

[49] Ibid.

[50] Samantha participou de várias montagens, integrou o Grupo Teatro em Trâmite de Florianópolis/SC e coordenou as atividades cultuais da Amorabi de 2009 à 2011. Mora atualmente em Oslo/Noruega . Augusta mora em Atlanta/Estados Unidos da América. Marcelo mora em Paris/França. Os três são pais e não estão tralhando com arte. Michel trabalhou no SESC-Florianópolis como técnico de som e luz, foi ator do Erro Grupo e atualmente trabalha na Prefeitura de São José/SC.

lugar de fazer e fruir arte e cultura, através do *Projeto Sextas Alternativas*.

A diretoria da Amorabi acreditou que o projeto iria terminar, pois com fim do Itinerante e meu novo emprego no SESC-Joinville, seria incompatível continuar o projeto, pois ninguém da diretoria tinha experiência e nem se colocou à disposição para continuar a iniciativa. Pensando nos resultados já alcançados e na continuidade do projeto, propus realizar uma parceria com o SESC-Joinville, e a gerência aceitou. O SESC foi o primeiro apoiador oficial do Projeto Sextas Alternativas. Isso foi muito importante, porque a demanda de serviço naquela instituição era muito grande e agora eu não seria voluntário do Projeto, pois ele estaria dentro das minhas obrigações enquanto técnico de cultura. Além disso, o Sesc faria a criação e impressão do material gráfico (cartazes e filipetas) e contratação de algumas apresentações.

Em 2005 o projeto Sextas Alternativas continuou e, além de levar sete apresentações culturais de teatro, música, contação de histórias e exibição de filmes, criamos o *Conheça Joinville Culturalmente*, onde os diretores e coordenadores de espaços públicos da cidade participaram do projeto e explicaram para a comunidade sobre o espaço onde atuavam e como as pessoas poderiam acessar os mesmos. Contamos com presença dos coordenadores da *Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew*, do *Museu Arqueológico de Sambaqui*, do *Museu de Arte de Joinville*, do *Museu Casa Fritz Alt*, do *Museu Nacional de Imigração e Colonização* e do *Museu da Bicicleta*, que puderam falar, um em cada mês, sobre estes espaços institucionais da cidade de Joinville. Em 2005 foram realizados novecentos e setenta atendimentos no projeto.

O ano de 2006 continuou com a parceria do Sesc e se renovou, atuando em três áreas, realizando as seguintes atividades:

> PINCELADAS DA HISTÓRIA DA ARTE - Sob a coordenação da professora e artista plástica Regina Marcis. Temas conversados: introdução à arte; arte egípcia; artesanato de Araquari; movimento Hip Hop; tipos de arte; Leonardo da Vinci; intervenções urbanas - 7 temas.
> LETRAS DE JOINVILLE - Um escritor da cidade lançará um livro e conversará sobre literatura. Escritores que participaram: Marcelino Costa; Rita de Cássia Alves; Marinaldo da Silva; Rodrigo Schwarz; Taiza Mara Rauen Moraes; Rubens da Cunha – 6 escritores
> APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS - Teatro: A Farsa do Mestre Pathelin; Folias Machadianas; Anacleto, o Avarento; Cultura Popular: Grupo Boi de Mamão e As Mocinhas da Cidade de Araquari; Dança: Grupos Conexão Break, Fúria das Ruas e Projeto Chhai - Casa do Hip Hop Arte Inclusiva; Filmes: Dona Cristina Perdeu a Memória, Velha História E Uma História de Futebol; Contação de Histórias: Roda de Histórias com alunos do Curso de Formação do SESC - 12 apresentações artísticas. (ASSOCIAÇÃO, 2007)

No total, o projeto propiciou à comunidade 25 temas/encontros diferentes e registramos 1539 atendimentos. Num levantamento realizado em 2007 (Arquivo Virtual Sextas Alternativas 2007) foram 59 edições (dias) do projeto em mais de cem eventos artísticos/culturais para um público de mais de 6.300

(seis mil e trezentas pessoas). Neste ano também passei a integrar a *La Trama Cia. Teatral* de Joinville, sob a direção de Amarildo de Almeida.

Em 2007 o projeto, por contar com o apoio do Sesc, resolve se focar no tema do audiovisual, pois a instituição detinha os direitos autorais de vários filmes, sendo convidados cineastas da cidade para também exibir seus trabalhos. Quem confirmasse 75% de presença, teria direito a um certificado de participação emitido pelo Sesc. Foram exibidos filmes como *Houve uma vez dois verões*, *Vida de Menina*, *Bicho de 7 cabeças*, *Terra Estrangeira*, além de filmes locais como *Sonhos de um poeta morto*, *Incomunicável*, *Estrabismo* e outros. Também tivemos um concerto de música brasileira apresentações de teatro da Casa da Cultura e do Grupo *Amigos em Cena*. O público estimado foi de seiscentas pessoas.

Em 2007 a Amorabi ganha seu primeiro Edital, através do *Projeto Ciclo de Leituras Dramáticas* inscrito no Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura – Simdec, da Fundação Cultural e Prefeitura de Joinville. O objetivo (AMORABI, 2011) é “Incentivar a leitura de textos teatrais; Promover Oficinas de leitura dramática de 05 textos teatrais com o apoio de 05 diretores teatrais e Realizar apresentações dos resultados das Oficinas abertas à comunidade”. Neste projeto foram envolvidos diversos grupos da comunidade: Grupo de professoras da Amorabi com a direção de Hélio Muniz, Grupo de Jovens JAI da Igreja Menino Jesus com a direção de Amarildo de Almeida, Grupo de Adolescentes com Raphael Vianna, Grupos de Jovens do Ensino Médio que estudavam na EM Lacy Flores com Morgana Raitz e Grupos de Terceira Idade que se reuniam na igreja Menino Jesus com Robson Benta. Diretamente foram envolvidas 60 alunos/atores para público de seiscentos e

cinquenta e três pessoas. Importante destacar que neste projeto já tivemos a participação Marcos da Maia Vicente Jr. e Letícia Helena da Maia, que hoje são atores do *Abismo Teatro de Grupo* e produtores culturais na Amorabi. A avaliação dos alunos que consta no relatório técnico, foi fundamental para a busca de novos projetos:

> Foi muito bom participar. Com certeza os poucos momentos que tivemos de preparação, fizeram a diferença em relação à postura de leitura e apresentação. Espero que possamos ter mais oportunidade à cultura e leitura.
>
> Foi ótimo, ajudou nosso crescimento e proporcionou oportunidade de coisas novas, diferentes para o crescimento pessoal e profissional;
>
> Para mim foi uma experiência muito boa, onde pude me soltar e entender mais sobre teatro;
>
> É muito bom compartilhar o prazer pela leitura com os outros;
>
> Foi uma experiência ótima, onde podemos soltar a timidez, desenvolver nossa fala, aprendermos a construir entonação nas leituras. Em minha vida foi algo diferente de tudo o que já fiz e me superei, pois sempre tive muita vergonha. É difícil se expor e ficar à margem de diversos olhares. Minha sugestão é para continuarmos em 2008. Um projeto assim em nossa comunidade vale a pena. É importante apostar nas pessoas;
>
> O Projeto foi muito bom. Foi uma experiência muito boa para mim. Foi nova. Aprendi bastante. Surpreendi-me com o

> retorno da plateia. Apesar de ter lido o Projeto antes dele ser posto em prática, eu não tinha muita noção de como seria, mas como disse, me surpreendi com o resultado. Com certeza se for feito um novo projeto nesta linhagem vou adorar participar;
>
> É importante para que possamos conhecer melhor o teatro e sair do mundo invisível e começar a se aproximar de um outro mundo, o do teatro.
> (ASSOCIAÇÃO, 2007, p. 9)

A atriz Letícia Helena conta como começou a fazer teatro. Sua relação com o teatro era tão forte que as vezes as mãe usava como “moeda de troca”:

> Foi um processo. Desde o começo. Que veio desde lá da creche (Cecei Vovó Juliana), sempre gostando de estar nas apresentações e fazendo [...] fui pro Lacy, lá também tinha essa relação, na Escola, no palco, contação de histórias, projetos, leituras [...] e daí eu volto pra Amorabi de novo, pra fazer o curso de teatro (Ciclo de Leituras Dramáticas) [...] que legal, fazer teatro. Aquela emoção toda e foi indo. Daí veio o primeiro ano de curso, depois veio o outro ano, o segundo ano do curso de teatro, ah eu vou, depois veio o terceiro, essa relação da vontade de fazer teatro [...] é muito interessante [...] eu gostava tanto e gosto ainda, eu tinha tanto prazer em estar no teatro, que na fase da adolescência sempre tem os deslizes [...] e a minha mãe, sempre que eu fazia alguma coisa assim “se tu não fizer isso [...] eu vou te tirar do teatro” e daí era aquela coisa “não” aquele drama “não, do teatro não” já

> vinha aquele sentimento [...] “da Amorabi não, eu gosto de fazer teatro” a mãe brinca que, qualquer coisinha, se ela queria me pegar de um jeito, era pegar no ponto mais fraco, que na verdade é o ponto mais forte, que é de querer me tirar dessa relação.[51]

Tendo já um histórico de atividades artísticas culturais e com esse retorno da comunidade, a *Amorabi* começou a se destacar como um lugar onde a cultura acontece. Em 2008 o Bairro Itinga foi escolhido, pela Fundação Cultural para participar do Projeto Curta nos Bairros, sendo a Amorabi a grande parceira na realização do filme *Maria, uma lição de vida*, e boa parte do elenco já participava das atividades da Associação. O lançamento do filme foi em março com a casa cheia, contando inclusive com a presença do então presidente da Fundação Cultural de Joinville, Rodrigo Bornholdt.

A partir desta fase, a Associação começou a aprovar projetos em editais, sendo também parceira de muitos grupos, que incluíam em seus projetos alguma atividade na Amorabi. Aprovou em 2008 no *Simdec*, o Projeto *Aprendendo a Fazer: Curso e Mostra Teatral no Itinga* com o objetivo de criar o curso de teatro do Itinga com três turmas (infantil, juvenil e adulta) coordenadas pelos professores de teatro Amarildo de Almeida, Juliana Appel e Hélio Muniz, propiciando aos participantes a experiência da apresentação teatral e promovendo o intercâmbio entre os alunos do curso e artistas da cidade. Diretamente, participaram 46 (quarenta e seis) alunos/atores e de 5 a 7 de dezembro, foi realizada a *Primeira Mostra Teatral do Itinga* para um público estimado de 450 (quatrocentos e cinquenta) pessoas. No

[51] Ibid.

Relatório Final (2007) do projeto, nas considerações finais consta:

> Ressaltamos o sucesso deste projeto pelo envolvimento da comunidade no resultado final [...] As apresentações, principalmente do Grupo Adulto revelou um trabalho muito bonito que poderia ser apresentado muitas vezes. Tivemos também vários destaques de alunos que se mostraram ótimos atores. É importante destacar o Projeto do Curso de Teatro deve continuar, pois a AMORABI tem um Projeto aprovado no Mecenato prevendo esta atividade [...] esperamos poder continuar trilhando pelo caminho do aprendendo a fazer. (ASSOCIAÇÃO, 2007)

Hélio Muniz, também diretor de um dos grupos ressalta:

> Se todas as associações de moradores fizessem pela cultura o que faz a AMORABI, a situação cultural da cidade seria outra. Quando vejo o que aconteceu no Itinga, vejo que Joinville tem a necessidade de ter teatro amador, como existem em outras cidades para atender um público que não vai ao teatro normalmente. Parabéns pelo trabalho. (ASSOCIAÇÃO, 2007)

Em agosto de 2007 saí do SESC e me tornei produtor cultural da Dionisos Teatro, que a partir de 2008 passou a ser apoiadora do *Sextas Alternativas*. O teatro voltou a ser o foco e a abertura ficou por conta de um

espetáculo em que eu atuava, *Pela Janela*, de Georges Feydeau, da La Trama Cia. Teatral.

A partir de 2009, o departamento de cultura da Amorabi, entra em um novo ciclo. Primeiro pela aprovação inédita do Projeto *Sextas Alternativas – 10 anos*, no *Simdec* aprovado em 2008, passando a chamar-se *Alternativas – Seu encontro com a arte*. Segundo pela aprovação no Edital do *Pontos de Cultura*, através do Projeto *O Itinga pede passagem* inscrito em 2008, um marco para a cidade, pois somente três instituições em Joinville foram beneficiadas com este recurso (Amorabi, Corpo de Bombeiros e Tambores Japoneses), sendo a Amorabi, a única Associação de Moradores em todo o Estado a ter tal privilégio. Através deste projeto, a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga tornou-se um Ponto de Cultura e durante três anos receberia recursos do Governo Federal, Ministério da Cultura através de Convênio com o Governo de Santa Catarina, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte e Funcultural.

No ano de 2009 me afastei da coordenação do Projeto, pois assumi uma gerência na Fundação Cultural de Joinville a pedido do então presidente da entidade, Silvestre Ferreira. No meu lugar, assumiu a responsabilidade pelos projetos culturais da Amorabi, Samantha Cohen, que já sendo Mestre em teatro, aceitou esse desafio. Ela mesmo explica um pouco sobre isso:

> As pessoas do bairro começaram a nos pedir, eu lembro muito bem num dia [...] a gente já tinha começado o projeto *Sextas Alternativas* na Amorabi e uma mãe aqui do bairro me parou na rua e perguntou, quando é que vai ter teatro de novo. E eu falei que no momento eu não sabia e ela

> falou: vocês tem que fazer teatro e quando é que vocês vão ensinar a fazer teatro. Eu falei: ensinar a fazer teatro? Eu falei a gente faz, mas assim do jeito que a gente faz, Mas ensinar a fazer teatro, a gente não consegue ainda fazer isso. Ela falou: Mas vocês podem sim. Isso ficou muito marcado em mim. Isso me martelou um pouco e foi uma das questões que me fizeram escolher fazer teatro, como opção de estudo, faculdade e depois profissão. Eu senti que o bairro esperava isso da gente. As pessoas da comunidade que tanto nos prestigiaram e nos incentivavam indo assistir a gente, impressionante, a gente levava as pessoas pra tudo quanto é lugar da cidade, acho que até tinham uma invejinha, porque diziam: o povo do Itinga sempre tem público, sempre levam gente, mesmo no centro a gente conseguia ter público. Foi uma responsabilidade que surgiu ai. Eu senti que tinha que retribuir de alguma maneira pelo que a comunidade tinha feito por nós. [...] Eu voltei pro Itinga em 2008 para assumir o Projeto do Ponto de Cultura que a Amorabi tinha sido contemplada a nível nacional [...] eu fui fazer a faculdade com esse desejo, de um dia voltar e poder retribuir as pessoas do bairro tudo o que foi feito. De certa maneira, foi esse incentivo do bairro que fez escolher essa profissão. Porque pude fazer teatro aqui no bairro.[52]

A saída da Samantha para estudar e seu retorno para trabalhar no bairro foi fundamental para o crescimento do projeto no bairro. Os projetos mais importantes foram desenvolvidos enquanto ela estava à

---

[52] Ibid.

frente do departamento de cultura da Amorabi. Os cursos de teatro foram iniciados por ela, que pôde colocar em prática, um pouco do que aprendeu fora do bairro. Outro projeto que Samantha tocou, foi o *Alternativas*, que propunha como objetivo:

> Promover mensalmente apresentações teatrais gratuitas para a comunidade, Dar continuidade ao curso de teatro do Itinga com três turmas (infantil, juvenil e adulta) coordenados por professores de Teatro; Propiciar aos participantes do curso a experiência da apresentação teatral e promover o intercâmbio entre os alunos do curso de teatro e artistas da cidade. (ASSOCIAÇÃO, 2011)

Foram dez apresentações de teatro, com a plateia sempre lotada, envolvendo diretamente 67 (sessenta e sete) atores/diretores/produtores para um público estimado de 1230 (mil duzentos e trinta) pessoas.

O projeto *II Mostra Teatral e XI Mostra de Talentos do Itinga* também foi aprovado no Simdec em 2009**,** com o objetivo de continuar as duas mostras artísticas existentes na comunidade, promovendo o intercâmbio entre artistas da cidade, do estado e alunos dos cursos de teatro, incentivando também a apresentação e participação dos moradores no projeto e apresentando à comunidade espetáculos produzidos pelos alunos do curso de teatro (ASSOCIAÇÃO, 2011). Ressaltamos que a Amorabi já vinha realizando a *Mostra de Talentos* desde 1999, porém era voltada mais para os alunos do Cei Vovó Juliana, onde as crianças realizavam apresentações diversas. Neste ano, ela juntou-se com a mostra de teatro e o resultado foi muito positivo. Diretamente foram envolvidas 148 (cento e quarenta e

oito) pessoas para um público estimado de 907 (novecentos e sete) espectadores. No Relatório Final e de prestação de contas do Projeto, a comunidade deixou alguns comentários que reproduzo abaixo:

> Parabéns aos organizadores, atores e atrizes que fizeram parte deste II Mostra Teatral do bairro. São ações como estas que enobrecem a todos os participantes, como também ao bairro, neste caso o Itinga.
>
> A minha avaliação é a melhor possível. É inacreditável que as pessoas comuns possam desempenhar uma atividade cultural.
>
> Eu adorei o teatro, porque me diverti muito com minha família. Achei muito engraçado e muito legal. Por isso, quero vir ver teatro todos os dias quando tiver.
>
> Gostei muito da Mostra de Teatro. É muito importante para os adultos e crianças. E além de tudo, é cultura. Acho que sempre que possível, deveriam existir projetos com esse no bairro. Parabéns a todos da organização.
>
> Tenho certeza de que é de grande importância para a vida dos nosso filhos participar desta mostra de teatro e de talentos. Ficará registrado para sempre na memória de cada um de nós.
>
> É de suma importância para a formação cultural e social da nossa comunidade. Além de ser um prazer prestigiar. Parabéns aos responsáveis e estamos esperando o próximo. (ASSOCIAÇÃO, 2009)

Estas palavras foram escritas por pessoas que participaram do evento e moravam no Itinga. São pessoas da comunidade reconhecendo o valor da arte e da cultura. Aponta também para um crescimento do projeto, pois alguns destacaram que desejam continuar participando.

O jornalista Diego Rosa, em matéria para o jornal *A Notícia* sobre o evento da *II Mostra Teatral*, escreveu que “o Itinga dá um exemplo para Joinville de que iniciativas locais voltadas à cultura fazem com que a comunidade tenha um diferencial.” [53]

O ator João Victor França disse que antes de fazer teatro, jogava basquete e convivia com pessoas que não tinham nenhuma relação com a arte. Depois, quando começou a participar dos cursos de teatro, não parou mais, mudando sua relação de amizades, sendo hoje ator do *Abismo Teatro de Grupo* e acadêmico do curso de Artes Cênicas na Udesc:

> Eu lembro de um dia, que a gente tinha acabado o ensaio [...] era no segundo ano e a Samantha chegou pra mim e falou assim “tu tem potencial, tu tem um potencial muito forte. E se tu continuar fazendo tu vai longe”. Aquilo me marcou bastante sabe. Aquilo me deu mais gás pra fazer. Minha primeira professora de teatro falando isso para mim [...] alguma coisa deve ter. Eu comecei a fazer um novo grupo de amigos [...] foi como um divisor de águas.[54]

---

[53] ROSA, Diego. O potencial cultural do Itinga. A Notícia. Joinville, 2009.

[54] Ibid.

Também foi aprovado a continuidade do projeto *Alternativas – 11 anos de arte para a comunidade*, no Simdec, modalidade Mecenato Municipal[55], nos moldes do que vinha sendo feito, com apresentações mensais e cursos de teatro, porém com um diferencial. A execução aconteceria a partir de 2010 e o projeto contaria com o auxílio de monitores, que teriam a função de "fazer parte do Grupo de Teatro do Itinga, ensaiando e apresentando espetáculos, auxiliando na organização das apresentações do *Alternativas* e cumprindo um média de 15h semanais". Eram requisitos para participar:

> Ser morador do bairro Itinga;
> Ter frequentado (com bom aproveitamento) o curso de teatro do Itinga em 2009;
> Continuar a frequentar o curso do teatro do Itinga, em 2010;
> Participar do grupo de teatro do Itinga.

Foram contratados dez monitores que receberam um ajuda mensal de R$ 187,50 (cento e oitenta e sete reais e cinquenta centavos) durante seis meses. Essa talvez tenha sido a grande inovação do projeto, pois a partir dos monitores, se começou a pensar na formação de um novo grupo de teatro no bairro. Os quatro atores do *Abismo Teatro de Grupo*, do qual falarei mais adiante, fizeram parte deste grupo de monitores. Com isso, o número de espectadores do projeto aumentou, totalizando em torno de 2000 (duas mil pessoas).

---

[55] Nesta modalidade, o proponente precisa captar o recurso junto a Pessoas Jurídicas e Físicas que contribuem com o IPTU e ISSQN.

Neste ano foi criado junto com os monitores o espetáculo *Aprendendo sobre a correta seleção de lixo*, a pedido da *Fundema – Fundação Municipal do Meio Ambiente* para ser mostrado em praças públicas de Joinville, como parte da campanha sobre consumo consciente. “Roteiro e personagens foram inteiramente feitos pelos próprios atores do grupo, a partir de pesquisas e visitas de campo ao aterro sanitário, para consulta de dados. Quando cada um faz sua parte, a mudança acontece” (ASSOCIAÇÃO, 211, p. 5). Foram realizadas diversas apresentações em 2011 e 2012.

Também em 2010, foi aprovado o Projeto *Novembro Cultural*, no Edital de Apoio à Cultura[56], Simdec, que previa um grande encontro cultural no bairro, com os seguintes objetivos:

> Realizar uma Mostra Artística Cultural no Itinga chamada NOVEMBRO CULTURAL como forma de valorizar e resgatar manifestações culturais presentes e praticadas pelos moradores do bairro.
> Fortalecer e reafirmar o Itinga como bairro referência de ações artístico culturais da cidade dando continuidade às mostras artísticas já existentes (Mostra de Talentos e Mostra de Teatro) e acrescentando novas expressões artísticas (Feira de Artesanato e Mostra de Música).

A programação aconteceu durante três semanas mesclando uma mostra de música dos Pontos de Cultura de Joinville, XII Mostra de Talentos, Mostra de Artesanato, serigrafia, cinema e a III Mostra Teatral do

[56] No Edital, o recurso é depositado diretamente na conta do proponente, não sendo necessário realizar nenhum tipo de captação.

Itinga. O público estimado foi de 1733 (mil setecentos e trinta e três) espectadores, envolvendo diretamente 120 (cento e vinte) pessoas na sua organização.

Também em 2010, com o recebimento da primeira parcela do Convênio do Edital do Pontos de Cultura, iniciou-se a execução do projeto *O Itinga pede passagem* que tinha como objetivo geral (ASSOCIAÇÃO, 2008) “Pesquisar as identidades do Bairro Itinga (e região próxima) e mostrar o resultado através da arte (música, cinema e teatro) e da publicação de um encarte”. Nos objetivos específicos constavam:

> (Re) escrever e (re) contar histórias do bairro Itinga.
> Mapear e identificar manifestações culturais de bairros da zona sul de Joinville e região próxima (cidade de Araquari).
> Realizar três cursos (um em cada ano – música, cinema e teatro).
> Apresentação de um espetáculo artístico de encerramento dos cursos.
> Promover um curso de artesanato de referência, propiciando a geração de emprego e renda.

Pretendia-se com o *Ponto de Cultura*:

> contar através da arte, as histórias deste bairro. No primeiro ano, a história será contada através da música. No segundo, com o cinema. No terceiro com um espetáculo teatral. A participação da comunidade é fundamental para a realização do projeto. Os benefícios, além da participação gratuita nos cursos, será vista também através do material

> publicado mostrando o resultado do projeto.

No livro *Pontos de Cultura, o Brasil de baixo para cima*, Célio Turino, criador do *Programa Cultura Viva*, onde se encontra os Pontos de Culturas explica sua proposta:

> Ponto de Cultura é um conceito. Um conceito de autonomia e protagonismo sociocultural. Não dimensão da arte, vai além da louvação de uma arte ingênua e simples, como se ao povo coubesse apenas o lugar do artesanato e do não elaborado nos cânones do bom gosto. Pelo contrário, busca sofisticar o olhar, apurar os ouvidos, ouvir o silêncio e ver o que não é mostrado. Os Pontos de Cultura têm o que mostrar e querem fazê-lo a partir do seu próprio ponto de vista. [...] os Pontos de Cultura vão além da estética ou fruição artística, embrenham-se na dimensão da ética, no compromisso com o seu povo. Podem assumir as mais diversas formas, mas a essência será a mesma. (TURINO, 2009, p.15, 16 e 17)

Portanto, o projeto do *Ponto de Cultura* deu visibilidade para o que a *Amorabi* já fazia. A *Amorabi* desde o ano 2000 já era um ponto de cultura, só não tinha este nome ainda. Turino diz que quando a entidade é selecionada, o resultado deve ser publicado no Diário Oficial da União (2009, p. 43). Isto “é o Estado reverenciando a ação direta do povo, sem intermediação, e este reconhecimento oficial desencadeia um processo de articulação em rede e empoderamento social”. Mais adiante ainda explica:

> Ponto de Cultura é um conceito de política pública. São organizações culturais da sociedade que ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria, um pacto, com o Estado. Aqui há uma sutil distinção: o Ponto de Cultura não pode ser apenas para as pessoas, e sim das pessoas; um organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura. Com um elo na articulação em rede, o Ponto de Cultura não é um equipamento cultural do governo nem um serviço. Seu foco não está na carência, na ausência de bens e serviços, e sim na potência, na capacidade de agir de pessoas e grupos. Ponto de Cultura é cultura em processo, desenvolvida com autonomia e protagonismo social. (TURINO, 2009, p. 64)

Para deixar bem esclarecido o conceito, Turino afirma:

> É um conceito e uma teoria, em que o processo cultural vai transformando posturas por meio da arte, mudança de comportamentos e reflexões. Um processo de encantamento social. Como é um processo vivo, não há como fixá-lo em uma forma única, por isso não é uma construção física, e sim imaginada. Nossa preocupação está muito mais voltada às pessoas que às estruturas. Por não ser algo tangível, como um centro cultural, as

> pessoas em posição de governo, têm dificuldade em aceitar a ideia, que vai se impondo por “baixo”. [...] Ponto de Cultura é a revelação da potência das pessoas, dos grupos e da sociedade, é a centelha que reacende uma brasa adormecida que ganha força. (TURINO, 2009, p. 249)

É importante frisar esse conceito, porque há ainda muita confusão entre ser Ponto de Cultura e ganhar um edital público para montagem de um espetáculo por exemplo. O Ponto de cultura vai muito além do processo da criação de uma peça de teatro. O Ponto de Cultura visa a “Autonomia, protagonismo e empoderamento” (TURINO, 2009, p. 73). “Autonomia e protagonismo se completam quando formam um triângulo com empoderamento. Compõem o tripé da sustentabilidade cultural nas comunidades” (p. 74). “Ponto de Cultura pressupõe autonomia e protagonismo sociocultural, potencializados pela articulação em rede e se expressa com o reconhecimento e legitimação do fazer cultural das comunidades, gerando empoderamento social” (p. 85).

Como *Ponto de Cultura*, a *Amorabi* começou a se integrar à rede pontos de cultura do Estado e também participar de diversos eventos, inclusive fora dele. Também adquiriu uma série de equipamentos de informática, máquina fotográfica, filmadora, melhorou a infraestrutura do espaço, comprou equipamento de iluminação, de música e livros. Porém aconteceram diversas mudanças na coordenação do Governo do Estado, que dificultaram a prestação de contas, além das parcelas serem pagas com muito atraso. O projeto estava previsto para acontecer em três anos, sendo que o pagamento da primeira parcela aconteceria em 2009.

Porém o projeto só começou em 2010 e seu fechamento aconteceu em 2014.

Para auxiliar na execução deste projeto, a Amorabi contratou o produtor e gestor cultural Gabriel Chati[57]. Em 2010, mais de sessenta e cinco mulheres, com idade entre doze e oitenta e três anos participaram do curso de artesanato onde confeccionaram bonecas e outros produtos com a instrutora Regina Lubrani Amato. Na área da música, as atividades se voltaram para o violão, percussão com instrumentos alternativos e coral infantil sob a instrução do músico Lausivan Corrêa. A pesquisa histórica foi realizada por Alex dos Santos que entrevistou muitas pessoas do bairro. O projeto era novo e neste primeiro ano, não foi possível criar o espetáculo de música, conforme estava previsto, mas a mostra realizada no Projeto *Novembro Cultural*, conseguiu reunir alguns músicos no bairro para cantarem com outros músicos da cidade, propiciando um encontro do músico Dentinho e Grupo Arueira com o Grupo Terno de Reis da Igreja Daniel Comboni, localizada ao lado a Amorabi.

Sobre 2010, Samantha realizou uma entrevista para o portal Joinville:

> Em 2010, tivemos uma participação recorde nos projetos culturais da associação. Foram 25 apresentações artísticas, atingindo a marca de 3.800 espectadores, 64 alunos de Teatro (entre

[57] Professor titular e Coordenador do Bacharelado em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa campus Jaguarão. Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (2012). Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (2007). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4276409E3. Acesso em 26/01/2016>.

> crianças, jovens e adultos), 40 alunas de Artesanato (entre adultas e idosas), 40 alunos de música (canto coral e violão), além de parcerias com artistas e entidades culturais da cidade[58].

Muitos artistas passaram pelo projeto, como é o caso do ator Vinícius da Cunha, que teceu o seguinte comentário acerca da participação da *Cia Rústico Teatral* no Projeto Alternativas, em maio de 2010.

> O envolvimento da comunidade do bairro Itinga e proximidades ressoa de longe no que diz respeito a questões artísticas. Sem dúvida, resultado de esforço de muita gente que já passou e trabalha na Amorabi até hoje. Não é à toa que o Alternativas conta com 10 anos de existência. E depois desse tempo todo, ficam muito evidentes as melhorias do espaço hoje, que pode comportar diversos espetáculos sem deixar a desejar para um teatro, digamos oficial, em se tratando de um espaço organizado e mantido por uma Associação de Moradores, que oferece aos grupos teatrais equipamento de iluminação e sonorização, plateia em arquibancada e caixa preta. Somando-se a isso o cuidado da produção com a divulgação, tão bem realizada nos aproximadamente 100 ônibus do transporte coletivo da cidade, nos cartazes e no meio virtual, mais a prestação de todas as informações necessárias à Cia. com antecipação e transparência e a disponibilidade da equipe técnica na preparação do espaço e da montagem de luz, além do chá com

[58] Disponível em http://portaljoinville.com.br/noticias/2011/06/cultura-no-bairro-um-exemplo-da-regiao-sul?print=1. Acesso em 12/01/2016.

> cuca e bolo de cenoura, a Cia. Rústico Teatral tem muito a agradecer pela oportunidade de apresentar “Histórias de Malasartes, um malandro de coração” no Alternativas. É muito prazeroso participar de um evento que propicia às pessoas de modo geral o contato com o fazer teatral, seja pela apresentação propriamente dita ou pelo bate-papo imediatamente após, e toda a implicação política por trás disso, uma ação de cidadania fundamental a qualquer comunidade. (Relatório de Prestação de Contas, 2010)

A participação constante e cada vez maior por parte da comunidade nas atividades culturais, realizadas no bairro demonstram a importância de se dar continuidade a projetos como o Alternativas. O ator João tenta explicar o que a Amorabi causava nele.

> Eu não sei o que Amorabi tem. Ela tem alguma coisa. Parece que tu entra aqui e não quer mais sair. Tu chega aqui pra fazer alguma coisa [...] e a gente vai fazendo. A partir do momento que eu comecei a entrar, eu vi que eu também podia ajudar e a partir disso eu fui ajudando e ajudando [...] ai montamos o grupo de monitores. Eu vinha mais cedo pra ajudar a arrumar (o espaço), levava coisa pra cá, levava coisa pra lá. Era morador ajudando, todo mundo ajudando e aquilo fluía. [59]

A partir das aulas de Teatro foi possível perceber um grande interesse por parte dos alunos em ampliar

[59] Ibid.

seus conhecimentos técnicos e estéticos na busca por profissionalização artística. No *Relatório Técnico* (2010) do projeto, Everton Cherpinski[60], foi monitor em 2010 escreveu o seguinte comentário: "*Gosto muito do projeto Alternativas e acho que ele não precisa melhorar em nada. O bairro Itinga está ficando muito famoso. Antes eu tinha vergonha do meu bairro e hoje tenho o maior orgulho de falar que moro no Itinga."* O ator Marcos da Maia Vicente Junior, também monitor no mesmo ano afirma que *"é um modo de nos tirar da rotina. Com o teatro aprendi como me portar e falar melhor. Além de ter conhecido amigos verdadeiros. O curso, o grupo de teatro e as apresentações são as melhores partes da minha semana".*

Em 2011 e 2012 o projeto do Ponto de Cultura continuou com as atividades de Artesanato e na realização do curso de vídeo *Um olhar para nosso lugar*, com a coordenação do cineasta Nilton Santo Tirotti. O curso previu atividades teóricas e práticas para a realização de um filme. O pesquisador Alex dos Santos saiu do projeto e novamente eu passei a integrar o projeto na pesquisa histórica do bairro, auxiliando na criação do roteiro. O resultado foi o documentário/ficção *A Camionete Anda,* sendo o elenco e produção formado por moradores do bairro. O lançamento do filme aconteceu no dia 12/12/2012 na Amorabi. O *release* de divulgação apresenta o argumento e mais informações:

> O argumento - o vídeo documentário apresenta o bairro Itinga, em Joinville - SC, com uma narrativa vivida por uma família migrante [casal com um filho], numa viagem para São Francisco do Sul. A

[60] Everton Cherpinski é atualmente graduando em artes cênicas pela Uni-Rio.

camionete da família quebra, ao passar pela região do Itinga, fato que acaba aproximando os migrantes a outros personagens, reais e imaginários, para juntos contarem histórias deste bairro.

Os participantes - de agosto a dezembro de 2011, cerca de 25 pessoas fizeram o curso de vídeo "Um olhar para o nosso lugar" com a coordenação do cineasta TiroTTi, e puderam conhecer mais sobre esta linguagem.

As filmagens - Em março e abril de 2012 aconteceram as filmagens a partir da definição do roteiro, tendo por base a pesquisa realizada pelo historiador Cristovão Petry. Os alunos do curso participaram ativamente de todo o processo, desde a maquiagem, figurinos, até a filmagem propriamente dita.

Os personagens - A história é protagonizada por três moradores do bairro que fazem a família da camionete: Falâncio (Vander Tomelin), Estênia (Cristina Duarte) e Júnior (Lucas). As locações acontecem em diversos lugares e com moradores antigos do bairro, como na Rua Ronco D'água, Amorabi, Serbi, Fábrica de vaso do Sr. Pedro, a benzedeira Nona do Chapéu, Casa da Dona Purita e Sr. Hilberto que mostra um arado de mais de cem anos, Casa da Sr. Marino e Dona Terezinha, participação Especial no sax de Chico de Paula e outros.
A ficha técnica - mais de 60 pessoas envolvidas neste processo.

Ainda em 2011, o Projeto *Alternativas – 12 anos de arte para a comunidade* aprovado no Simdec, começou suas atividades. Em seu escopo contava o *Programa de Formação de Jovens Agentes Culturais Comunitários* (2011). Os requisitos continuaram os mesmos do ano de 2010, mas tinha objetivos mais claros, conforme segue:

> Incentivar a formação continuada e profissionalização na área de Artes para jovens alunos do curso de teatro do Itinga;
> Criar o grupo de teatro do Itinga;
> Estimular a formação de novos coordenadores culturais dentro do próprio bairro;
> Incentivar a participação de jovens na organização do projeto Alternativas auxiliando nas funções de produção, divulgação, cenotécnica e registros audiovisuais das apresentações.

Deveria ainda participar das seguintes atividades de formação:

> Curso de teatro básico (2h/semana)
> Curso de teatro avançado (aprofundamento de estudos sobre os princípios de atuação e a criação de espetáculos e performances artísticas – 3h/semana);
> Apreciação de 01 espetáculo teatral por mês;

> Participação nas conversas após os espetáculos;
> Acompanhar e auxiliar os professores na produção, divulgação, organização, montagem e desmontagem do espaço teatral, iluminação e sonorização.

Ainda havia habilidades, valores e saberes que seriam desenvolvidos pelo projeto:

> Valores – respeito ao próximo e valoração da família e lugar onde vivemos; desenvolvimento da autoestima, valorização e cuidado; convivência e cultivo da amizade entre os jovens.
> Saberes – capacidade de: formar e expor seu próprio pensamento; trabalhar em grupo, aprender a ouvir e lidar com as adversidades.

Um programa ousado, que além de motivar os jovens para o protagonismo comunitário, ajudava financeiramente e chamava os pais/responsáveis para serem coadjuvantes, pois eles deveriam participar junto com os filhos nos dias das apresentações, auxiliando na montagem/desmontagem das arquibancadas e também assinariam um contrato para recebimento da bolsa, caso o monitor fosse menor de idade.

A atriz e diretora Ângela Finardi, em depoimento no *Relatório Técnico* do projeto destaca a atuação dos monitores:

> Fomos muito bem recebidos e auxiliados por toda a equipe de produção do Ponto de Cultura, inclusive pelos alunos do Curso/Grupo de Teatro, o que demonstra

> que existe preocupação na formação artística e na subsistência destes futuros artistas enquanto produtores culturais. Os alunos estavam também vivenciando todo o processo de montagem, orientados pelos professores. (ASSOCIAÇÃO, 2012, p. 10)

Maria das Graças Silva é policial militar e mãe do monitor Lucas Henrique. Escreveu um texto sobre a importância da Amorabi para sua família dizendo que seu filho

> [...] faz aula de teatro já há quatro anos, participando de um projeto de monitoria, onde aprende de alguma forma a se desenvolver para enfrentar o mercado de trabalho.
> Trabalho na Polícia Militar há 20 anos e sei da grande importância desta instituição não só na minha família, como também no bairro. Destes 20 anos, seis foram no atendimento da Central de Emergência no 190, onde pude constatar que o índice de criminalidade na região é bem baixo em relação a outros bairros de Joinville. Portanto, digo por experiência na minha profissão, e como mãe, que os projetos que a Amorabi oferece à comunidade, influenciam não só no crescimento cultural familiar, como também no baixo índice de criminalidade no nosso bairro do qual sou moradora há 24 anos. (*Revista da Amorabi*, 2014, p. 14)

Os espetáculos de teatro do *Alternativas* extrapolaram as fronteiras de Joinville, trazendo apresentações de São Bento do Sul, Itajaí e Florianópolis, atingindo diretamente 1675 (mil seiscentos

e setenta e cinco) pessoas. Sobre o espaço, a Cia. Experimentos Teatrais de Itajaí escreveu após ter apresentado o espetáculo *Dois amores e um bicho*:

> Parece ter um caráter muito distinto de outros que conhecemos, talvez por ser conduzido por pessoas da própria comunidade que, mais que demonstrarem um interesse objetivo de crescimento da comunidade, deixam evidente um laço afetivo com o bairro, os moradores, e sua cidade de uma forma geral. [...] O resultado não poderia ter sido melhor: plateia cheia, ótima recepção e uma excelente "reestreia" em espaços não convencionais. (Ibid, 2012, p. 11)

Sobre a importância do projeto, participação da comunidade e conversa após a apresentação, a atriz Mônica Longo, da Cia Mútua de Itajaí escreveu:

> Parabéns aos idealizadores deste projeto que não apenas leva espetáculos ao bairro Itinga, mas trata de criar diálogos entre o espetáculo e o público. Foi emocionante ter uma plateia tão heterogênea, com crianças, adolescentes, adultos e idosos, todos ávidos por ver, ouvir, saber. Excelente a ideia não apenas da conversa após o espetáculo, mas também do chá com bolo, que transforma o que seria uma simples apresentação, em uma grande confraternização, um encontro caloroso, fraternal. Não podemos deixar de mencionar o casal, creio que da Associação, que ficou conosco até o momento da partida, nos tratando de uma forma tão familiar que nos sentimos como

> se estivéssemos na casa de nossos avós, querendo voltar. (Ibid, 2012, p. 12)

Esses relatos demonstram a maturidade do projeto, que estava formando multiplicadores, sempre contando com o apoio de sua comunidade.

Além do auxílio ao projeto *Alternativas*, aconteceram seis apresentações do espetáculo *Aprendendo sobre a correta seleção do lixo*, dos monitores grupo de teatro do Itinga, em praças e entidades do Centro, Pirabeiraba, Jardim Paraíso, Bucarein e Itinga. Foram realizados também espetáculos de curta duração com clássicos infantis como *João e Joãozinho*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e *As pérolas da Sereia*, nos quais os atores utilizaram "elementos cênicos que estimulam a imaginação das crianças, como cenários coloridos, caracterização de personagens, cantigas infantis e interação direta com o plateia" (ASSOCIAÇÃO, 2011, p. 6), para recriar estas histórias e apresentaram em três instituições do bairro: EM Lacy Flores, CEI Pedro Colin e Amorabi. No total, mais de 1100 (mil e cem) pessoas prestigiaram os espetáculos.

No dia 24 de novembro de 2011, no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, a Amorabi recebe a *Medalha de Mérito Cultural Cruz e Sousa*[61], por

[61] A *Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa* é um prêmio simbólico a ser conferido aos autores de obras literárias, artísticas, educacionais ou científicas relativas ao Estado de Santa Catarina e reconhecidas como de real valor, ou a quem tenha contribuído por outros meios e de modo eficaz para o enriquecimento ou a defesa do patrimônio artístico e cultural do Estado. A concessão da comenda é da competência do Governador do Estado e a indicação dos agraciados cabe ao Conselho Estadual de Cultura. A Medalha é concedida anualmente, de preferência na data de

indicação do Conselho Estadual de Cultura, como reconhecimento estadual aos doze anos de atuação e realização de projetos culturais abertos à comunidade. A Amorabi foi representada por doze alunos dos cursos de arte e profissionais moradores do bairro. Foi à única Associação de Moradores do Estado a receber tal honraria.

Em novembro deste mesmo ano aconteceu o *II Novembro Cultural* com a realização da 4ª Mostra Teatral do Itinga, 13ª Mostra de Talentos, 2ª. Mostra de Artesanato e Mostra de Teatro Lambe-lambe. O jornalista Edson Burg, em matéria intitulada *Longe do Centro, perto da arte* (2011), publicada no caderno Plural do jornal Notícias do Dia, diz:

> Provavelmente pela distância do centro da cidade, onde se realiza boa parte da produção cultural da cidade, a comunidade do Itinga tem se caracterizado por promover suas próprias apresentações e eventos artísticos. [...] A tradição faz do Itinga um dos bairros com maior movimentação de teatro, música e artes plásticas em Joinville.[62]

Em 2012, a Amorabi não tinha recursos públicos para realizar o *Alternativas*, pois o projeto não foi aprovado do edital, mas continuou realizando apresentações. Aprovou a circulação do espetáculo *Aprendendo sobre a correta seleção e destinação do lixo* nos editais da Fundema e Companhia Águas de

---

aniversário do seu patrono (24 de novembro).Disponível em http://conselho.cultura.sc/a-comenda/. Acesso em 27/01/2016.

62 BURG, Edson. Longe do Centro, perto da arte. *Notícias do Dia*. 2011.

Joinville, realizando 20 (vinte) apresentações em escolas de Ensino Fundamental e Médio além de instituições de Joinville, para um público estimado de 3500 (três mil e quinhentas) pessoas. O espetáculo, com trinta minutos de duração, era dirigido por Samantha e contava com nove atores no elenco, sonoplasta, figurinista, design gráfico e produção. Foi uma das primeiras experiências profissionais do grupo, pois, pela primeira vez, os atores ganharam cachê. Sobre isto, na entrevista que realizei com Marcos da Maia Vicente Júnior[63] (2016), este disse:

> Nossa, foi uma experiência muito legal. Porque foi sendo monitor que eu comecei a participar efetivamente do Alternativas. Antes eu vinha esporadicamente [...] eu comecei a ter mais contato com o teatro, com os grupos, entender como funciona melhor o fazer artístico. Foi demais. Mais legal ainda é porque eu estava com um pessoal que eram meus amigos. Eu sentia que eu não trabalhava tanto. Era uma coisa muito gostosa de se fazer. E eu adorava o retorno [...] a gente ia aprendendo com as coisas [...] desde como afinar uma luz, como colocar o linóleo. Foi uma experiência muito rica.[64]

O Projeto *Novembro Cultural 2012 – 3º ano* foi aprovado no Simdec, e pôde ser realizado a 14ª Mostra de Talentos, 4ª Mostra de Teatro, 3ª Mostra de Artesanato de Referência, 1º Mercado de Pulgas e

---

[63] Marcos da Maia Vicente Júnior é fundador e ator do Abismo Teatro de Grupo, produtor cultural e instrutor de teatro da Amorabi. Acadêmico do curso de Física na Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc Joinville.

[64] VICENTE, Marcos da Maia Jr. Entrevista concedida a Cristovão Petry. Joinville, 28 de jan. de 2016.

Trocas Artísicas/culturais de Pontos de Cultura da Região. A Mostra de Teatro homenageou Morgana Raitz[65] (1982/2012) e teve como foco a apresentação de espetáculos de grupos sociais e de bairros de Joinville para intercambiar com os trabalhos da *Amorabi*. Foram cinco espetáculos dos grupos *Canto do Povo*, *Oficina de Teatro da Adej*, *Cia. Studio em Cena*, alunos do projeto Ser ou Não Ser do bairro Profipo e *Grupo Novo Tempo*. A *Amorabi* foi representada pelos espetáculos *Aprendendo sobre a correta seleção e destinação do lixo* e Leitura Dramática de *Os Palhaços – texto teatral censurado em 1968*, do autor Miraci Dereti, com oito atores em cena, musicalização de Ronaldo Santiago da Banda Fairans e minha direção.

No segundo semestre de 2012, Samantha deixou o Projeto, foi morar definitivamente na Noruega e para não deixar que as atividades do Grupo de Teatro da *Amorabi* parassem, assumi sua coordenação. Tínhamos a intenção de montar um espetáculo, porém, devido ao pouco tempo de ensaio, discordância de qual texto fazer e pela falta de compromisso de alguns atores, apresentei o texto e o contexto da peça *Os palhaços*, pesquisa realizada em minha especialização na área de História e que havia virado livro em 2008. A maioria do Grupo gostou e decidimos realizar uma leitura dramática dentro do Projeto *Novembro Cultural*. A forma de conduzir o processo foi totalmente sem censura. Deixei os atores muito à vontade e com poder de decisão. Porém não expliquei isso para eles, só falando no dia da apresentação. Estava chegando esse dia e praticamente nada estava decidido em relação a figurino e cenário.

[65] Morgana Raitz era atriz e diretora da Encena Cia. Teatral e participou de alguns projetos da Amorabi.

Havia dúvidas quanto a minha direção. Sobre isso Marcos da Maia Vicente Júnior relata:

> A direção dos Palhaços foi muito legal. Foi uma experiência bem interessante [...] a gente estava montando a peça e faltava uma semana a gente não tinha cenário, não tinha figurino, a gente não tinha nada. A gente perguntava pro nosso diretor [...] sobre o que nós deveríamos fazer: Ah, a gente pode fazer isso... Se vira (ele dizia). Eu lembro que ficamos horrorizados e achamos que ele não queria mais. Que não estava nem aí. Que estávamos fazendo um trabalho horrível. [...] Teve gente que ficou correndo no centro atrás de camisetas, e eu com a Letícia ficamos a tarde inteira pintando bancos aqui [...] pegando tudo o que tinha na Amorabi [...] e foi muito legal. O resultado também. [66]

Ainda sobre a direção, Letícia Helena (2016) compreendeu o que a relação do grupo seria horizontal, sem hierarquia de diretor/ator. Um processo onde todas e todos decidem juntos:

> A gente achava que existia esse diretor que podia ser incisivo, que se metia, “é isso, é aquilo”, que vai decidir todas as coisas. Naquele dia [...] veio na cabeça: “é claro, é claro, é isso”. A gente como ator também tem que ousar, propor e, é junto, a gente não tem que ficar esperando o diretor decidir. O diretor vai estar na coordenação, vai ter um olhar de fora de cena também, que vai ouvir também, mas

[66] Ibid.

> vai estar sempre aberto pro diálogo pra gente discutir junto.[67]

Depois desta apresentação, percebi que a Amorabi tinha um embrião de grupo de teatro. Fomos convidados pelo diretor Hélio Muniz a realizá-la também Casa Iririú. Convidei os atores e alguns não poderiam participar, mas combinamos que, como seria feito uma leitura dramática, iríamos chegar antes no espaço para reconhecimento e ensaio com quem estivesse presente. Dos oito atores, compareceram quatro: Letícia Helena da Maia, João Victor França, Marcos da Maia Vicente Júnior e Isadora Dourado dos Santos. Sobre isso, João afirma:

> Quando a gente leu o texto, pensamos "é isso". A gente precisa montar alguma coisa pro novembro cultural e o Cristovão trouxe *Os Palhaços* e a gente leu e todo mundo gostou e vamos fazer. E aquilo também foi uma coisa que chegou e encheu e preencheu e a gente apresentou [...] foi o marco do Abismo. Foi *Os Palhaços* que a gente foi apresentar na Casa Iririú [...] e que deu na formação do grupo. Foi muito mágico [...] a gente começou a pesquisar o espaço, tomamos um café lá, conversamos e a gente tomou a casa e a casa virou uma casa nossa [...] e foi uma noite muito encantadora, porque todo mundo gostou, curtiu e a gente se sentiu preenchido de novo por aquele mesmo texto. E a partir daquilo a gente decidiu montar o grupo e não tirar do repertório *Os Palhaços*. [68]

---

[67] Ibid.
[68] Ibid.

Marcos se lembra deste dia da seguinte forma:

> Então vamos apresentar na Casa Iririú. [...] Ele (Cristovão) falou: "É nesse dia. Quem puder ir, vai". Em nenhum momento me passou pela cabeça não ir. Esse dia eu lembro. Dia 18 de dezembro de 2012 [...] eu fui. Eu via lá no face: "Ah, eu não posso ir, eu não vou poder ir". Ai chegou no dia e quem foi lá foram os integrantes do Abismo que eram eu, o João, a Isadora e a Letícia [...] chegamos lá [...] começamos a fazer uma pesquisa na casa, pra ver o que a gente podia fazer de entrada e saída de cena, que até ficou uma característica que eu gosto muito dos palhaços, que é sempre fazer uma pesquisa no espaço e analisar as cenas diferentes pra ser utilizadas, tanto que nunca é igual. E foi uma apresentação maravilhosa. Acho que foi uma das melhores apresentações que eu lembro [...] na volta, que a gente voltou pra casa de ônibus, juntos, a gente começou a comentar sobre o grupo. A gente devia formar um grupo. Nós. Aí que começou a plantar a sementinha do grupo. Logo em seguida, em janeiro, o Cristovão nos chamou "vamos fazer uma reunião" [...] e nós tínhamos uma ideia que ele nos chamaria pra montar um grupo. Eu tinha uma impressão sobre isso. Eu sentia que nós éramos os mais comprometidos com aquilo. [...] quando a gente montou o grupo foi demais.[69]

[69] Ibid.

Habitamos a *Casa Iririú* e realizamos no dia 18 de dezembro uma apresentação histórica, que culminou no dia 24 de janeiro de 2013, com o nascimento do Abismo Teatro de Grupo, que será nosso próximo assunto.

O ano de 2012 atingiu um público recorde estimado de 5340 (cinco mil trezentos e quarenta) pessoas e fez história.

3.3 JOGANDO-SE NO ABISMO E CONSTRUINDO UM GRUPO

> Quando essas histórias se juntam, fica uma coisa muito mais forte. Fica um pilar indestrutível. (João Vitor França)
>
> A cada trabalho, a cada apresentação, nós aprendemos e nos fortalecemos enquanto grupo, nos fortalecemos enquanto Amorabi, enquanto comunidade. (Letícia Helena da Maia)
>
> Se joga. (Marcos da Maia Vicente Júnior)

O Abismo Teatro de Grupo surgiu a partir da dedicação e persistência dos alunos/atores dos cursos de teatro realizados na Amorabi. As atrizes Letícia Helena da Maia e Isadora Dourado dos Santos e os atores Marcos Vicente da Maia Júnior e João Victor França participaram de quase todas as oficinas e cursos de artes realizados na Associação, e vislumbravam a formação de um grupo. Depois da experiência de 2012 com o texto *Os palhaços*, aceitam entrar no Abismo junto comigo, objetivando realizar um teatro comunitário de longo prazo, prevendo um elenco estável em permanente formação atoral, propondo a investigação do fazer teatral e um

trabalho colaborativo, vinculando o teatro na comunidade com o teatro político.

A atriz e diretora Rosyane Trotta[70], num artigo intitulado *O ator que escreve a própria história* (1995), expressa um conceito que utilizamos enquanto Abismo *Teatro de Grupo*:

> No teatro de grupo, o ator é mais do que um intérprete do personagem, é aquele que atua como artista: autor da cena e do modo de produção. No grupo, o ator é frequentemente chamado ao conflito, ao embate de ideias, ao questionamento de sua atividade e de seu próprio papel dentro dela e da sociedade em que vive; é chamado a traçar relações com aqueles que dividem o mesmo espaço, o mesmo tempo [...] No teatro de grupo, a busca, além de coletiva, é contínua e incide não apenas na cena, mas no processo criativo e na organização do processo. Um grupo não cria apenas espetáculos, cria processos [...] O grupo faz o que é.

O ator João conta um pouco sobre a vontade de se criar um grupo de teatro e como isso aconteceu:

---

[70] Rosyane Trotta possui mestrado em Artes Cênicas (1995) e doutorado em Teatro (2008) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1995) e doutorado em Teatro pela Universidade . Atualmente é professora da UNI-RIO. Tem experiência na área de teatro, com ênfase em direção teatral, atualmente principalmente nos seguintes temas: encenação, dramaturgia, processo criativo e teatro de grupo. Disponível: http://www2.unirio.br/unirio/cla/ppgcla/ppgcl/corpo-docente/rosyane-trotta. Acesso em 24 de jun. de 2016.

> A gente tinha uma vontade de montar um grupo a partir do grupo de teatro da Amorabi [...] vamos montar um grupo fixo, com as pessoas que realmente querem fazer. Aquela vontade era crescente, aquela vontade de montar um grupo. Até que a gente foi convidado pra fazer a apresentação de *Os Palhaços* lá na Casa Iririú [...] e foram os quatro. Avisamos todo mundo que ia acontecer lá e fomos nós: eu, o Marcos, a Isadora, a Letícia e o Cristovão. As outras pessoas (do grupo) não foram [...] a partir daquele dia, foi um marco. São essas pessoas e a gente vai montar um grupo. Foi um desejo consentido por todos. Vamos montar um grupo com essas pessoas.[71]

A atriz Isadora tem a mesma percepção sobre a formação do grupo:

> Já vinha essa vontade daqueles outros grupos de teatro, da gente querer montar alguma coisa, virar um grupo sério. Eis que um dia, no final do ano, a gente resolve fazer uma apresentação com um grupo de teatro da Amorabi e “galera, vamos lá” e chegou o dia e foram quatro. Que hoje são os quatro integrantes [...] aí você pensa, era um grupo de quase dez pessoas, pra chegar no dia da apresentação que a gente já tinha ensaiado, já tinha apresentado uma vez com dez pessoas e ter quatro pessoas [...] foi apresentado o texto Os palhaços [...] era uma leitura

[71] Ibid.

> dramática [...] na Casa Iririú, um espaço fantástico que a gente respeita bastante.[72]

A atriz Letícia Helena relembra que o teatro não é só estar no palco. O processo é muito importante na formação dos fazedores de teatro. E foi na Amorabi, que ela aprendeu sobre o processo e se envolveu com o teatro realizado na cidade.

> A gente estava muito mais próximo do processo, além de fazer o curso [...] trocando as experiências dos alunos, eu acho que uma coisa que a gente tinha, passando por diversos professores, que são pessoas da área do teatro de Joinville [...] e além de todos esses professores da Amorabi [...] a partir do momento que a gente estava com um grupo [...] a gente começou a se relacionar com o que a cidade também propunha de oficinas, de cursos [...] a gente começou a se envolver de certa forma com essas oficinas que a cidade também tinha.[73]

A formação do *Abismo* foi de fato diferenciada. De 2006 à 2010 fui ator e produtor da *La Trama Cia. Teatral*[74]. Estava afastado da direção e coordenação de

---

[72] Ibid.

[73] Ibid.

[74] Na La Trama Cia. Teatral atuei em três espetáculos: *Pela Janela*, de Georges Feydeau, *A Lição*, de Eugene Ionesco, que contou com a participação de Samantha Agustin Coehn no elenco e *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos, todos com a direção de Amarildo de Almeida.

um grupo desde 2005, mas tinha muita vontade de formar uma nova companhia, principalmente porque comecei a frequentar algumas disciplinas do Mestrado em Teatro na Udesc, como aluno especial. Absorvi alguns conceitos sobre teatro comunidade, na disciplina que a professora Marcia Pompeo Nogueira ministrava. Ela utilizava, em seus artigos, conceitos como o de Baz Kershaw (1992), para quem o teatro na comunidade acontece “sempre que o ponto de partida for a natureza de seu público e sua comunidade. Que a estética de suas performances for talhada pela cultura da comunidade de sua audiência” (NOGUEIRA apud KERSHAW, 1992, p. 5)

A professora Márcia Pompeu Nogueira (2008) apresenta também três modelos deste tipo de teatro. O primeiro é o Teatro *para* comunidades, que diz respeito a um teatro feito por artistas para comunidades, sem envolvimento e conhecimento de sua realidade. O segundo Teatro *com* comunidades, que trata de investigar uma determinada comunidade para criação de um espetáculo. O terceiro Teatro *por* comunidades, que inclui as pessoas na comunidade no processo de criação. O Abismo vem fazendo o Teatro *por* comunidades, pois seus integrantes residem ou tem uma relação de longa história com o Itinga.

Sobre a estética do teatro comunitário, Pompeo afirma que ela sempre está presente, mas é diferente da estética do teatro comercial ou mesmo do teatro realizado nos grandes centros culturais, com padrões próprios e voltados para um público pagante. É uma estética própria, e por isso muitas vezes o teatro realizado nas comunidades é marginalizado.

> Esta marginalização, que se reflete na falta de publicações a respeito, na falta de

> debate sobre seus resultados e da especificidade de sua estética, precisa ser superada para que possamos nos informar mais sobre as práticas existentes, para que estas práticas possam ser aprimoradas e que revertam em mais benefícios para as comunidades. (POMPEO, 2008, p. 182)

A marginalização do teatro comunidade, devido a sua estética diferenciada, ao modo de fazer onde as relações geralmente são pautadas pelo diálogo, criam estereótipos que colocam o teatro realizado nas periferias como um teatro menor, amador, sem pesquisa, esquecendo principalmente que o processo de montagem de um espetáculo comunitário propõe outros questionamentos que vão além da teoria e prática da atuação, do saber fazer bem e bonito.

O teatro comunitário geralmente acontece na periferia das cidades e a ideia de periférico é pactuada por Eugene Van Erven (2001), que explica tratar-se de um fenômeno mundial que se manifesta através de diferentes estilos que se unem por “sua ênfase nas histórias pessoais e/ou locais (no lugar de peças prontas) que são trabalhadas através de improvisação e ganham coletivamente” (NOGUEIRA apud Van ERVEN, 2009, p. 176). É importante salientar que Van Erven já aponta o estilo de representação do que é geralmente produzido pelo teatro comunidade. Dá ênfase às histórias pessoais e locais, à improvisação e à construção coletiva.

Samantha Cohen, no livro *Teatro de Grupo: trajetória e relações - impressões de uma viajante*, nos fala do desafio de ser grupo numa sociedade líquida e analisa cinco companhias profissionais de diferentes lugares do Brasil, afirmando que, independentemente da

escolha estética, dos lugares onde vivem, dos anos de história e reconhecimento, os grupos continuam enfrentando dificuldades para se autogerirem e produzir seus trabalhos e que acabam desenvolvendo seus próprios modos de sobrevivência. Ora os grupos adotam uma postura de fechamento, ora de flexibilização.

> Os núcleos precisam reafirmar suas culturas coletivas e ao mesmo tempo ser flexíveis para continuar sua trajetória [...] adaptam suas relações conforme as situações enfrentadas. Altera-se a forma, contudo busca-se preservar o conteúdo. Ou seja, o modo de trabalho, ou o núcleo artístico, pode variar de acordo com os projetos, desde que contribua para a sobrevivência e continuidade dos grupos. (COHEN, 2010, p. 134)

A pesquisa de Samantha demonstra o quanto é complicado "ser grupo" nesta sociedade líquida, conforme Zygmunt Baumann (2000) explica. Como sobreviver? Porém, percebo claramente que boa parte dos grupos chamados de "profissionais", não mantém vínculo com nenhuma comunidade. Não posso deixar de perguntar, como fazer teatro de grupo, sem viver em comunidade?

Pensando nestes conceitos e também com a experiência adquirida através dos grupos *20V*, *Itinerante* e *La Trama Companhia* Teatral, percebi que esse era o teatro que eu gostaria de fazer. Juntei-me ao *Abismo Teatro de Grupo*, fundado no dia 24 de janeiro de 2013, com objetivo claro de fazer teatro no Itinga e continuar a história cultural do bairro. Desde a fundação, o Abismo utiliza a estrutura da Amorabi para realização de

ensaios, apresentações e realiza a produção dos projetos culturais da entidade.

Porém, antes de participar da criação deste novo grupo, refleti bastante sobre a forma como ele seria criado. Não queria, em nenhum momento ser um invasor, um estrangeiro que vem de fora e indica os caminhos a serem seguidos. Eu conhecia a maioria dos integrantes do grupo de teatro da Amorabi, porém não tinha intimidade e há mais de dez anos não dirigia nenhum trabalho. Todas as atrizes e atores eram frutos do trabalho que a Samantha e outros diretores realizaram na Amorabi. Em 2012, produzi a circulação do espetáculo *Aprendendo sobre a correta seleção e destinação do lixo* por diversas escolas e entidades de Joinville e fui aos poucos conhecendo cada atriz e cada ator. Com a saída da Samantha no segundo semestre de 2012, para não deixar o grupo acabar, continuei e fui me integrando no processo de trabalho propondo novas montagens. Nos encontros que realizei com os integrantes do grupo de teatro da Amorabi, era nítido que nem todos estavam interessados em formar um grupo. Boa parte participava devido às amizades e pela própria curtição em fazer teatro. Muitas questões me angustiavam, desde se eu estaria preparado para formar um novo grupo, se estes jovens atores e atrizes estariam preparados para formar um novo grupo e se a gente se adaptaria ao processo de criação de um grupo.

O processo aconteceu de forma natural. Mas gostaria de destacar que durante as entrevistas que realizei com as duas atrizes e os dois atores (2016), em alguns momentos, eles citam, de forma involuntária, apenas os quatro como fundadores, me excluindo do processo de formação do grupo. Confesso que isso me provoca muito, no sentido de

que ainda pareço um estrangeiro. Mas me deixa muito satisfeito, porque essas jovens atrizes/atores se empoderaram e, ao contrário de outros grupos dos quais participei (*20V* e *Itinerante*), desta vez fui eu que entrei no *Abismo* e juntos estamos construindo nossa história no Itinga.

O primeiro ano do *Abismo* foi dedicado à solidificação do grupo e ao aprendizado com a participação em diversas oficinas como: personagens da *Commedia del' Art*, com Samantha Cohen com o objetivo de criar um espetáculo para um Edital, porém não foi aprovado; estudamos técnicas corporais pela Escola Livre de Artes da Udesc-Joinville; maracatu com o Grupo Morro do Ouro (Joinville/SC).

O Abismo também tocou os projetos culturais desenvolvidos na Amorabi. Em 2013 estava finalizando o projeto do *Ponto de Cultura*, precisava captar e executar o *Alternativas* e realizar o *Novembro Cultural – Mostra Popular do Itinga*, sendo estes dois últimos aprovados no Simdec.

O projeto do *Ponto de Cultura* teve que ser totalmente readequado e focou em formação, através da realização das oficinas, com destaque para área de palhaçaria e circo. Foram realizadas as oficinas de criação de Máscaras da *Commedia del' Art,* com Juliana Appel; Clow cadÊ minha almA?, com o Teatro lá dos Fundos (Criciúma/SC); e Circo (malabares, perna de pau e acrobacia), com a Cia. do Circo Roiter Neves. Todos os integrantes do grupo coordenavam e participaram das formações.

Outra oficina proposta foi a de *Teatro Playback*, com a *Dionisos Teatro*, pois o terceiro ano do projeto previa a montagem de um espetáculo sobre a história do bairro. Conhecendo a metodologia do Playblack, invertemos o processo e propusemos realizar uma série

de apresentações no bairro Itinga de Joinville e Araquari, para captar histórias e criar o *Teatro Playback - Uma comunidade, muitas histórias*, cujo resultado culminou na edição de um DVD com algumas destas histórias captadas.

As apresentações aconteceram para diversos públicos, desde o público espontâneo da Amorabi, Educação Infantil no Cei Pedro Colin, Ensino Fundamental na EM Lacy Luiza da Cruz Flores e EJA na EM Francisco Jablonski em Araquari tendo como temática histórias comunitárias do Itinga.

O Teatro Playback foi criado por Jonathan Fox[75], junto com sua mulher Jo Salas, nos Estados Unidos em 1975. A partir deste primeiro grupo, foram criados vários outros, sendo atualmente praticado em mais de 50 países (SIEWERT, 2014,). Clarice Steil Siewert, no livro *Nossas histórias em cena – Um Encontro com o Teatro Playback* (2014), explica que Fox era ator e professor, sendo estudioso do Teatro Experimental[76] e

---

[75] A primeira companhia de Playback Theatre foi fundada em 1975, por Jonathan Fox e Jo Salas. Fox era um estudante de teatro de improviso, da narrativa tradicional oral, do método de psicodrama, de Jacob Moreno e do trabalho de Paulo Freire. Salas era uma musicista e ativista social. A técnica se espalhou por toda a América do Norte e Europa, e já existem Cias, nos seis continentes. A Rede Internacional de Playback Theatre - IPTN - foi fundada em 1990 para apoiar as atividades das Cias em todo o mundo. Dados de 2010 relatam que constam da IPTN, 100 cias, 300 membros individuais, de 40 países. Em 1993, Jonathan Fox fundou a Escola de Playback Theatre, com a finalidade de fornecer cursos em Playback Theatre. Em 2006, a escola passou a se chamar Centro de Playback Theatre, expandindo seu foco para o desenvolvimento mundial do Playback Theatre. Disponível em: http://brasilisplayback.com.br/como-surgiu.php. Acesso em 30/01/2016.

[76] Segundo o Dicionário de Teatro de Patrice Pavis (2011, p. 388), “o termo teatro experimental está em concordância com teatro de

de vanguarda, ligado às teorias do Artaud e Grotowski. Viveu também durante dois anos numa pequena vila no Nepal, onde presenciou representações dramáticas feitas pelos próprios moradores, “um teatro inserido no ambiente comunitário feito pelos próprios cidadãos, bem diferente do ambiente artificial do teatro tradicional” (Ibid, p. 54), que foram influentes na criação do Playback. Desde 1973, Fox já “trabalhava um teatro sem roteiro, pessoal e informal, dirigindo vários tipos de grupos: crianças pequenas, pessoas com deficiência, idosos e moradores de rua. Acreditava num teatro imediato, que poderia acontecer em qualquer lugar e que pudesse ser dirigido para qualquer tipo de pessoa” (Ibid, 54). Também se envolveu com o Teatro da Espontaneidade[77] e com o Psicodrama[78].

---

vanguarda, teatro-laboratório, performance, teatro de pesquisa ou, simplesmente, teatro moderno. Ele se opõe ao teatro tradicional, comercial e burguês que visa a rentabilidade financeira e se baseia em receitas artísticas comprovadas, ou mesmo ao teatro de repertório clássico, que só mostra peças ou autores já consagrados. Mais que um gênero, ou um movimento histórico, é uma atitude dos artistas perante a tradição, a instituição e a exploração comercial".

77 Patrice Pavis, no Dicionário do Teatro (2011, p. 388) afirma que “O teatro espontâneo tenta abolir a fronteira entre a vida e o jogo, entre público e ator. Uma atividade espontânea é realizada a partir do momento que há troca criativa entre espectador e ator, e que o espetáculo fica com jeito de um happening, de um jogo dramático e de uma improvisação que apropria da realidade exterior, ou de um psicodrama".

78 Patrice Pavis (2011, p. 311) também conceitua o psicodrama: “Técnica desenvolvida por J. L. MORENO (1892-1974) nos anos vinte, a partir da improvisação teatral [...] ao estudar as relações afetivas e a dinâmica de grupo, criou o teatro improvisado, no qual cada ator improvisa o seu papel. Essa tentativa de reforma teatral fez com que descobrisse o psicodrama “ciência que explora a verdade por meio de métodos dramáticos”. O psicodrama é uma técnica de investigação psicológica e

Segundo o próprio Fox, o teatro playback permitia que

> as pessoas pudessem ver suas histórias representadas e compartilhar com seus vizinhos aspectos de seu cotidiano e preocupações profundas, era uma maneira de trazer formas antigas para o presente, apesar de que no lugar de sociedades tradicionais cantavam sobre Deuses e Heróis conhecidos e reverenciados por todo o clã, nós cantaríamos sobre nós mesmos, em toda a nossa cotidianidade. Minhas esperanças e convicções profundas eram de que nesse processo nós nos sentiríamos elevados, como se estivéssemos em contato com "os Deuses", e no final uma comunidade dispare convergiria. (FOX apud SIEWERT, 2014, p. 55)

Clarice Siewert afirma que o teatro playback é um construtor de comunidades.

> nasceu fora da casa teatral convencional. Com o intuito de ouvir as mais diversas histórias, os grupos foram procurando diversos espaços. Assim, o teatro playback foi ganhando forma e flexibilidade [...] ele lida com histórias e seus narradores e [...] carrega um pouco da história de todos nós. Por isso, o

---

psicanalítica que procura analisar conflitos interiores fazendo com que alguns protagonistas interpretem um roteiro improvisado a partir de determinadas senhas".

> teatro playback é tido como construtor de comunidades. (SIEWERT, 2014, p. 97)

O encontro do *Teatro Playback* com o *Abismo* foi amor à primeira vista. Eu já conhecia essa metodologia, pois quando Clarice começou a se aprofundar sobre o assunto em 2008, eu era produtor da Dionisos Teatro. Participei inclusive do Workshop *Playback Theatre e Arte* com Magda Miranda, de São Paulo, e a australiana Rea Dennis, ambas com vasta experiência sobre o tema. Os outros integrantes do Abismo, pouco sabiam da dimensão deste trabalho.

Ao ler que Jo Salas aponta o teatro playback como um “edificador de comunidades”, tenho mais certeza de sua importância para o Abismo e para a comunidade do Itinga, que se utiliza desta metodologia para oferecer “uma arena pública na qual o significado da experiência individual se expande para fazer parte de um sentido compartilhado de existência significativa" (SIEWERT, 2014, p. 98). E ao apresentar o Playback no Itinga com a participação ativa dos moradores do bairro, por diversas vezes tivemos que quebrar “as regras do playback” para ouvir não apenas a história de uma pessoa, mas diversas pessoas da plateia contando o mesmo fato, participando, ou mesmo para receber um abraço após a realização da cena. O teatro playback se tornou um dos espetáculos mais apaixonantes do grupo e fincou definitivamente o Abismo no teatro comunitário. Teatro playback é mais que teatro, como afirma o Marcos:

> Eu tenho uma relação muito especial com ele porque eu acho que playback é mais do que teatro. Eu acho não, Playback é mais do que teatro. É um dos que a gente

> mais apresentou porque ele é o mais adaptável e dá pra apresentar em qualquer lugar. Eu acho ele demais. E as experiências que eu tive com ele [...] playback é compartilhar histórias. As histórias que a gente recebeu, ou até mesmo representou a história de algum parente [...] ver aquele brilho no olhar da pessoa [...] ele é o mais intimista de certa forma [...] chega mais contato com o público e tu vê o que a pessoa tá sentindo. E foi o que a gente teve mais respostas positivas. Porque todo mundo é apaixonado pelo playback.[79]

Isadora não deseja parar de fazer teatro Playback nunca mais.

> O *Playback* [...] é nosso bebezinho porque a gente ama ele. E ele se encaixa em tudo, sabe. E também ele criou uma relação forte com a comunidade, porque a gente fez um trabalho de contar a história do bairro através do *Playback*, então as pessoas vêm, contam as histórias delas e a gente encena [...] ele tem esse lado psicológico, do psicodrama e a gente pegou esse lado do teatro, até talvez um pouco mais cômico, que é uma coisa que está na gente. É um teatro que a gente ama. A gente aprendeu com a Dionisos, os nossos padrinhos [...] É uma relação muito boa que a gente tem com eles. E assim a gente não pretende largar nunca mais.[80]

---

[79] Ibid.
[80] Ibid.

Para João, o playback fortaleceu o Abismo enquanto grupo de comunidade, um grupo que confia no outro, que acredita no outro.

> O Playback eu vejo de uma forma muito nossa. Eu acho que a gente faz o Playback do jeito do Abismo. A gente se prepara um pouco antes, mas nunca é uma preparação muito enorme, porque a gente confia um no outro. Isso é o mais importante. E a gente sabe o que cada um pode fazer. Quando a gente apresenta o Playback sempre é um momento muito mágico. Do que acontece ali. Do que cada um faz. A gente consegue pensar o que o a outra pessoa vai fazer antes da gente fazer. E a nossa sintonia como grupo favorece muito o Playback. A gente consegue segurar o Playback bem de boa. [...] foi uma descoberta brilhante (o Playback). E captar histórias do bairro, no lugar que a gente vive, porque todo mundo morou aqui, captar essas histórias que a gente nem sabia que existia [...] é fundamental para unir ainda mais a gente. Quando a gente tem uma história, a gente enquanto grupo e a gente enquanto morador do bairro Itinga, quando essas histórias se juntam, fica uma coisa muito mais forte. Fica um pilar indestrutível.[81]

O Teatro Playback faz história no Itinga. De 09 à 12 de outubro de 2015, a *Amorabi* foi o palco do *1º Encontro Brasileiro de Teatro Playback*, e contou com a participação de cinco Estados diferentes e do Distrito Federal. O Abismo teve a honra de abrir o Encontro e

---

[81] Ibid.

nas palavras de Clarice o “grupo recebeu seus convidados, os de fora e os de dentro, dizendo que o Playback no Brasil é jovem, vigoroso e se faz no coletivo” [82]. Foram dias de oficinas, workshops, trocas e histórias. O encontro inclusive contou com a tradução em libras durante todo o evento e também com uma apresentação do Grupo Libração, de Joinville, que é formado por surdos. Um momento inesquecível. Clarice ainda destaca em seu artigo:

> E na fala da menina de cabelos encaracolados, estava a felicidade de conhecer e admirar o diferente e ganhar um abraço surdo. Assim também estavam todos que ganharam seus sinais, que ganharam um nome surdo. E também na fala do senhor orgulhoso de colocar os tijolos na Amorabi, que naquela noite recebia tanta gente. E toda essa gente sentiu que também colocavam seus tijolos na construção da comunidade brasileira de playback. E na fala da mulher que fez de tudo para ver o teatro de “feedback”, tivemos um feedback de nossa importância e potência. (SIEWERT, 2015)

Letícia, falando sobre esse encontro, o descreve como um aprendizado que gerou um fortalecimento do grupo, da comunidade e da Amorabi.

---

[82] SIEWERT, *Clarice Steil* .1º ENCONTRO BRASILEIRO DE TEATRO PLAYBACK: um relato poético. 2015. Disponível em: <http://www.dionisosteatro.com.br/blog/ultimas-noticias/1%C2%BA-encontro-brasileiro-de-teatro-playback-um-relato-poetico/. Acesso: 26/05/2016>.

> O encontro veio, aconteceu, foi lindo. As pessoas estavam aqui, foi uma troca e nesse processo a gente só se fortaleceu mais. A cada trabalho, a cada apresentação, nós aprendemos e nos fortalecemos enquanto grupo, nos fortalecemos enquanto Amorabi, enquanto comunidade.[83]

No livro *Teatro com meninos e meninas de rua* (2008, p. 103), Márcia Pompeo Nogueira, estudando o grupo Ventoforte, sistematiza a importância de se contar histórias e o quanto isso é coletivo: “Contar história significa percorrer caminhos que sem dúvida são coletivos também. A história pessoal quando é relatada, representada, passa a pertencer aos outros – resgata elementos culturais que estão submersos no inconsciente”. É isso que acontece numa apresentação de Teatro Playback.

Além do projeto do *Ponto de Cultura*, de setembro de 2013 a outubro de 2014, o Abismo executou o Projeto Alternativas, aprovado no Simdec, porque conseguiu sua captação somente em agosto daquele ano. Consistia na realização de três oficinas de teatro e a montagem de espetáculos ao final do curso. Previa também apresentações teatrais na Amorabi, de grupos de Joinville e do Estado de SC, com destaque para espetáculos de palhaçaria de Joinville, Florianópolis, Jaraguá do Sul e Itajaí. Os atores do Abismo continuaram sendo monitores do projeto e auxiliavam os diretores nas montagens assim como participavam dos grupos. O resultado das oficinas que aconteceram durante estes três primeiros meses foram mostrados na 5ª Mostra de Teatro do Itinga realizada de 2 a 6 de

---

[83] Ibid.

dezembro de 2013 com a participação dos grupos *Novo Tempo*, *Grupo de Teatro Libração* e *Grupo Canto do Povo*, dentro das programações do *Novembro Cultural*. Em outubro de 2014, o resultado final das oficinas propiciou diversas apresentações dos espetáculos *Fábulas Fabulosas*, dirigido por Norberto Deschamps, *Outra vez, era uma vez*, coordenadas por mim e *O menino narigudo*, dirigido por Hélio Muniz. Consta no relatório técnico a seguinte avaliação qualitativa do projeto:

> O projeto Alternativas já se tornou um sucesso de público e crítica no Itinga. São 15 anos de continuidade, onde além da fruição, também acontecem os cursos de teatro. Especificamente neste projeto tivemos a montagem de três espetáculos pelo grupo infantil, dois do grupo adolescente e um do grupo adulto. Tentamos e acertamos em fazer uma pequena temporada com o espetáculo Fábulas *Fabulosas,* em outubro de 2014, com apresentações em quatro sextas feiras, convidando Centros de Educação Infantil e Escolas próximas da Amorabi. [...] mesmo com a virada de ano de 2013 para 2014, o projeto continuou firme na concretização de seus objetivos. [...] O Alternativas é um projeto guarda-chuva da Amorabi. Através dele a entidade desenvolve atividades permanentes e mantém seu espaço sempre aberto. (ASSOCIAÇÃO, 2015, p. 8)

O projeto *Novembro Cultural – Mostra Popular do Itinga* não havia sido aprovado num primeiro momento do Edital do Simdec. A diretoria da Amorabi teve que

entrar com um recurso para que ele fosse analisado, sendo aceito e aprovado pela Comissão de Análise de Projetos – CAP. O programa do evento explica o significado do projeto para o bairro:

> Reunir talento, arte, cultura e diversão. Esse é o objetivo do Novembro Cultural – mostra popular do Itinga realizada pelo quarto ano consecutivo. O Novembro Cultural apresenta a 15ª Mostra de Talentos do Itinga, já tradicional no bairro e que tem por objetivo valorizar artistas amadores, moradores do bairro e comunidade. Também teremos a 4ª Mostra de Artesanato, fomentada principalmente pelas alunas dos cursos realizados na Amorabi, no residencial Trentino I e II, na Associação dos Moradores da Escolinha e Associação dos Moradores do Santa Helena e o Mercado de Pulgas, com objetivo de estimular o comércio local e incentivar a venda de antiguidades, roupas, brinquedos [...] A novidade desta edição fica por conta do 1º Festival de Pipas. Um encontro de crianças e adultos que desejam lembrar essa antiga brincadeira. [...] e para fechar a programação, teremos a 5ª Mostra de Teatro do Itinga. [...] Todas as atrações são gratuitas. Sejam todos bem vindos ao Itinga. (ASSOCIAÇÃO, 2013)

No relatório técnico enviado para a Comissão de Análise de Projetos - CAP, é feita uma avaliação qualitativa do projeto, dizendo que é um evento marcante do bairro e são quatro anos de persistência com bons resultados. Depois explica que a demora da liberação do recurso (saiu somente no dia 16 de

outubro) prejudicou na divulgação do projeto e por fim repensa a sua execução:

> A Amorabi está em constante avaliação de seus projetos e percebe que a Mostra de Talentos em sua 15ª edição precisa ser repensada. O modelo talvez tenha se esgotado. Tem muita gente ainda interessada em participar, mas um caminho a ser seguido é o modelo da "Partilha Cultural" da Casa Iririú, onde partilhar vale mais que apenas mostrar seu talento. Outro ponto avaliado é a questão da Mostra de Artesanato e Mercado de Pulgas. Em outras edições tivemos uma adesão grande de pessoas da cidade para comercializar seus produtos, porém a venda foi pequena, por isso nesta edição tivemos uma adesão bem pequena de expositores. Não devemos desistir e o espaço sempre deve ser aberto para essas pessoas, porém precisa também ser incentivada a compra de produtos artesanais pela comunidade. Todo mundo acha bonito, mas quase não compra.
>
> O Festival de Pipas foi um grande sucesso. Muitas crianças e seus pais participaram, empenhando-se na confecção de pipas e também preocupados em colocá-las no ar. Foi bonito ver como soltar pipas ainda está no imaginário das pessoas. Mais bonito ainda foi a união das famílias em torno do tema. Esse Festival deve com certeza ser mantido e além disso poderia avançar para um Festival de Brincadeiras Antigas acrescentando o pião, Bilboquê, bolinha de gude e outros. Foi motivador e inovador.
>
> A Mostra de Teatro, em sua 5ª Edição mostrou sua força. Mostrou o quão importante são os cursos realizados na

> Amorabi. A participação das pessoas da comunidade nos dias das apresentações dos grupos locais foi muito expressiva. Contamos também com apresentações gratuitas de grupos convidados, o que deixou a Mostra ainda mais concreta. Para as próximas edições, deveriam ser convidados grupos de outras cidades e estados que desenvolvem um trabalho de teatro comunitário e que tem uma entidade como aliada, como por exemplo o Pombas Urbanas e o Monte Azul de São Paulo e Cia. Marginal do Rio de Janeiro. Isso deixaria o evento ainda mais solidificado e com a cara do trabalho desenvolvido pela Amorabi. (ASSOCIAÇÃO, 2014, p. 93)

Esse comentário mostra que o projeto está em constante avaliação e sinalizava o fim de um ciclo, pois nos dois anos seguintes, o *Novembro Cultural* não aconteceu mais, apenas a *Mostra de Teatro* seguiu adiante de forma acanhada. Apontava também a necessidade da *Amorabi* e do *Abismo* se envolverem mais com o teatro comunitário, citando, inclusive, outros grupos que desenvolvem o teatro comunitário como o Pombas Urbanas e Monte Azul, de São Paulo.

Importante citar que em 2013 e 2014, a Amorabi não aprovou seu principal projeto de manutenção, o *Alternativas*. O projeto *Alternativas*, realizado nos anos de 2013 e 2014, foi aprovado em 2012. Mesmo sem seu principal projeto, o *Abismo* e a *Amorabi* continuaram na sua luta diária de manutenção do espaço e na realização de cursos de teatro e apresentações gratuitas pra comunidade. Em 2013, no Ponto de Cultura da Amorabi foram ainda realizados a *Mostra de Cinema Infantil*, uma *Partilha Cultural da Casa Iririú*, oficina de maracatu, oficina de fotografia, teatro playback, intercâmbio de grupos que teve como

objetivo a integração prática do *Abismo* e do *Fofa Jovem* de Florianópolis, totalizando uma circulação média anual de 1395 (mil trezentos e noventa e cinco) pessoas no espaço. Na oficina de composição de letras musicais proposta por Ronaldo Santiago, vocalista da Banda Fairans, foi criado junto com os alunos, um hino para a Amorabi, sendo lançado no dia 17 de maio de 2013, no aniversário dos 32 anos da entidade. Sua letra traz o espírito comunitário do amor e da ação:

Com alegria e orgulho
Dedicamos nosso coração
A nossa comunidade
Pensamento sentimento no amor e ação

Fortalecendo sonhos
Enriquecendo ideias
Um compromisso sério
A oportunidade a mais

AMORABI-AMORABI
Poesia e solidariedade
AMORABI-AMORABI
Cultura e educação história de união

Em nossas águas claras a seu tempo germinou
Aquela esperança que a todos inundou
Essa conquista plena que nos enche de emoção
Que faz valer a pena o juntar de nossas mãos

O ano de 2014 foi marcado pela aprovação do Projeto *Todo mundo tem um pouco de palhaço* e bufão!, proposto pela Amorabi no Simdec e também pela execução dos projetos *Quem roubou o meu futuro?* e do *Conversa e leitura dramática de Os*

palhaços – texto teatral censurado em 1968, de Miraci Dereti, ambos aprovados no *Edital Elisabete Anderle/ 2013*, da Fundação Catarinense de Cultura.

O projeto *Todo mundo tem um pouco de palhaço* e bufão! veio ao encontro do trabalho que a *Amorabi* e o *Abismo* vinham fazendo em torno da palhaçaria. Foram realizadas a oficina *Corpo, estado e criação no jogo do palhaço,* com a atriz e palhaça Silvia Leblon de Campinas/SP e a *Oficina de Bufão,* com a atriz Juliana Appel, formada na escola *The Commedia School*, Copenhague/Dinamarca, além da apresentação Spirulina em Spathódea, do grupo Na Companhia dos Anjos, com atuação de Silvia Leblon e a realização do Cabaré I do Itinga com apresentações de números de palhaçaria e do resultado da oficina de bufão. Sobre sua oficina, no Relatório Técnico do projeto enviado à CAP, Sílvia Leblon escreveu:

> Muito receptivo o grupo participante da oficina na Amorabi. Interessado e empolgado, entregue à experiência. Profissionais e estudantes irmanados no anseio pelo aperfeiçoamento. Saí de Joinville feliz e com vontade de voltar. Dá gosto ver uma comunidade ativa, cuidando de seus membros com afinco, cultivando educação e arte, fonte inseparável de saúde e alegria. Parabéns a todo povo da Amorabi! Parabéns Itinga! (ASSOCIAÇÃO, 2014, p. 77)

Ainda no relatório, está explícito que a *Amorabi* está se tornando um lugar de pesquisa e produção vinculados à palhaçaria e que projetos de formação "são extremamente importantes para a cidade, pois estimulam a formação de novos artistas e também o

surgimento de novas obras para apreciação do público".

O projeto *Conversa e leitura dramática de Os palhaços – texto teatral censurado em 1968, de Miraci Dereti* previa a realização de um circuito de conversas sobre teatro e censura e leituras dramáticas do texto *Os Palhaços* nas cidades de Jaraguá do Sul, Blumenau, Florianópolis, Araquari, São Bento do Sul e São Francisco do Sul. Além das apresentações nas seis cidades citadas, o grupo realizou apresentações extras no *Centro dos Direitos Humanos Maria da Graça Braz* e na *Escola Conselheiro Mafra* em Joinville, no *Instituto Federal de Santa Catarina* e na *Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha*, em Florianópolis. Importante destacar que em 2014 completaram-se 50 anos da ditadura civil militar no Brasil, tema muito comentado e discutido no período. A realização deste circuito colocou o texto *Os Palhaços* no repertório do Abismo, e, através do projeto *Os palhaços – literatura comentada, dramaturgia em ação,* aprovado no Simdec em 2015, realizou uma série de palestras e conversas, apresentações do texto, exposição de colagens da artista plástica Regina Marcis[84] sobre o período e distribuição de livros em quatro escolas da cidade, no *Centro de Artes e Esportes Unificados – CEU Papa João Paulo II*, no *Encontro de Teatro Social Comunitário* da *Casa Iririú* e também na *Amorabi*. No total já foram realizadas vinte e sete apresentações do

[84] Nascida em Joinville, Regina Marcis, é professora, artista plástica e ilustradora de livros. Trabalha com apropriações e inserções de recortes, fotos antigas, textos, para criar novas organizações na arte. Ilustrou o livro *Crônica de Gatos*, de Rubens da Cunha e fez um encarte para o livro *Os palhaços – texto teatral censurado em 1968*, de Miraci Dereti.

texto *Os Palhaços* para um público estimado de mais de 2500 (duas mil e quinhentas) pessoas.

Ainda em 2014 o *Abismo* montou, com o apoio do Edital Elisabete Anderle 2013, da Fundação Catarinense de Cultura e Governo do Estado de Santa Catarina, seu terceiro espetáculo a partir do texto *Quem roubou o meu futuro?* de Sylvia Orthof[85], escrito especialmente para jovens atores. Na peça, se mostra um Brasil em crise e uma juventude insegura que descobre que a melhor maneira de viver neste país, é melhorá-lo. A estreia, em maio no Itinga, foi um sucesso, seguindo com apresentações nas cidades de Araquari, Balneário Barra do Sul, Barra Velha e São Francisco do Sul, totalizando um público de mais de mil pessoas, a grande maioria composta por alunos de escolas públicas do Ensino Médio. Realizou uma temporada no Galpão de Teatro de Ajote, em agosto de 2014, no SESC-Joinville, no *Verão Teatral*[86], e na *CENA 12 – Mostra Teatral de Joinville*[87], ambas realizadas pela Associação Joinvilense de Teatro no ano de 2015. Sobre o espetáculo *Quem roubou o meu futuro?*, o ator João França destaca que o processo de montagem do texto foi diferenciado, tornando o texto do grupo:

---

[85] Sylvia Orthof (1932/1997) é escritora de literatura infantil com mais de 100 livros publicados, tendo 13 (treze) títulos premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com o selo Altamente Recomendável para Crianças. Estudou teatro, desenho, mímica em Paris. Trabalhou como atriz no Teatro Brasileiro de Comédias, em São Paulo atuando com grandes nomes do teatro e TV.

[86] O *Verão Teatral* é um projeto da Ajote que acontece nos meses de fevereiro e março desde o ano de 2013.

[87] O *CENA 12* é a 12ª edição da mostra de teatro organizada pela Ajote, sendo que a primeira edição aconteceu em 2001.

> Foi um pouco diferente [...] a gente vai pegando coisas e vai misturando, vai tirando, vai colocando e o *Quem roubou* foi muito isso. A gente leu o texto da Sylvia Orthof e gostamos. Então vamos fazer? Vamos. Então vamos mandar o projeto [...] O *Quem roubou* trouxe muito da nossa linguagem, do que a gente queria falar, do que estava acontecendo, do que nós somos, das nossas relações e trouxe inúmeras discussões. [...] Apresentando nas Escolas, tu vê que isso funciona [...] tu consegue levantar uma discussão dentro de uma Escola [...] preenche também. Tu sai de lá com o dever cumprido. [...] funciona. É um espetáculo que é nosso também [...] é mais nosso do que do próprio texto. Porque a gente mudou tanta coisa, o texto foi tão modificado [...] saiu e foi adaptado para as nossas dificuldades.[88]

A atriz Isadora destaca a necessidade de montar um texto para circular e que explore as questões sociais da atualidade:

> A gente tem que ter um teatro pra gente rodar [...] a gente começou a ler texto, ler texto, a gente leu esse da Sylvia Orthof [...] era um texto infantil inicialmente, mas a gente também estava passando, o Brasil está passando por um momento [...] tentando engatar uma revolução, mas não

[88] Ibid.

> sei se deu muito certo [...] a gente foi nesse ritmo, a gente estava numa pegada muito social, de manifestações [...] a gente falou [...] vai ser esse, nós vamos encaixar isso, isso e isso e ele virou uma coisa louca inicialmente [...] começamos a inserir alguns textos e agora tá massa.[89]

O ator Marcos confessa seu gosto pela montagem:

> Eu sou um dos que mais gosta dele. Eu já conversei com o pessoal e eles dizem "eu não me sinto realizado com o *Quem roubou o meu futuro?*", mas eu me sinto. Especialmente certas partes [...] a parte que eu mais gostei mesmo foi a construção do espetáculo. O que a gente tem do texto original é [...] pouco, pouquíssimo. Ele é um espetáculo nosso. Ele já começou sendo nosso. A construção dele foi demais [...] as oficinas de musicalização [...] eu gosto do jeito que os personagens estão construídos, especialmente do jeito como o espetáculo é dinâmico [...] ele nunca é igual.[90]

Em 2014, a Amorabi também foi base para o documentário *Quando a arte sopra*, Projeto experimental dos acadêmicos Johannes Halter e Patrícia StahlGaglioti do Curso de Jornalismo do Bom Jesus/Ielusc. Alguns depoimentos deste documentário nos chamaram a atenção, como é o caso da atriz e monitora de projetos da Amorabi, Isadora Dourado dos Santos:

---

[89] Ibid.
[90] Ibid.

> A gente vê que o teatro acabou abrindo novos horizontes pra todo mundo aqui no bairro. É uma coisa que vem transformando e não é de agora... a gente acaba tendo uma visão mais crítica das coisas. Por exemplo, às vezes a gente tem debate... a gente conhece mais outras coisas...a gente sempre sai para ver peças, debates, filmes... isso abre mais a nossa mente.[91]

Outro depoimento no documentário é o da professora de artesanato Regina Lubrami Amato:

> Durante o tempo que eu tô aqui, dá pra perceber várias transformações que aconteceram nas mulheres que participaram dos projetos. A primeira que eu identifico bem é o aprendizado da técnica mesmo, porque tinha mulheres que quando chegaram aqui tinham medo da máquina de costura... e hoje tem a sua própria máquina, trabalham com a máquina, aprenderam a fazer ...outra coisa são as mulheres que vinham pra cá assim... desarrumadas, desajeitadas... e a gente "nossa, você é tão bonita, tão bacana" e aí começaram a vir com o olho pintadinho, com um batonzinho... a gente percebe a autoestima delas através da socialização e também a autoconfiança "nossa eu consegui fazer"... a gente vê transformação... o papel de quem tá à frente dum projeto desses é você transmitir além do conhecimento da habilidade

[91] STAHLGAGLIOTI, Patrícia. HALTER, Johannnes. **Quando a arte sopra**. Joinville: 2014. Documentário.

> manual... princípios. Querendo ou não você se torna uma formadora de opinião.[92]

O ator, diretor e professor Hélio Muniz conhece de perto o trabalho da Amorabi. É um defensor de suas atividades, conforme depoimento no documentário:

> Outro dia até brinquei... a Amorabi é quase uma universidade popular. Tem uma série de coisas acontecendo aqui dentro que não é só uma ideia. São várias ideias... você tem esse fator agregador dessa Associação que é um pouco diferente das outras. Oxalá, tivéssemos vinte ou trinta Amorabis em Joinville, eu acho que a cultura seria outra coisa.[93]

Letícia Helena, em sua entrevista destaca que foi a Amorabi que despertou seu interesse pelo teatro e que alimentou com arte, dizendo que ela estava sempre em paralelo com sua vida pessoal.

> Se não fosse a Amorabi alimentando desde pequeninha na formação, como espectadora, ali criança, vendo espetáculos [...] vários espetáculos maravilhosos passaram por aqui [...] isso foi instigando [...] e depois vem o curso, você se relaciona com o curso e vai indo, vai indo [...] é esse despertar, são poucos os lugares, os bairros que tem, onde as crianças, jovens, adolescente têm a oportunidade de estar num curso e ir além disso. Desde que eu entrei pro Cei, depois foi pra parte cultural, e até hoje. Nunca

[92] Ibid.
[93] Ibid.

> parando, sempre com muita força, resistência. Porque são vários os percalços que se teve, mas sempre nesse processo contínuo. Veio junto na minha bagagem, na minha vida, ela sempre estava em paralelo.[94]

O ator e produtor da Amorabi Marcos Vicente, explica no documentário, como a Amorabi foi importante na sua vida:

> Eu gosto muito de estar aqui e mostrar o que é, porque eu vi o que isto fez comigo. O que isso me tornou. Porque sem a Amorabi eu não seria o que eu sou. Então eu vejo o que ela me tornou e eu penso "nossa eu tô aqui ajudando eles a mudarem também" [...] A arte não transforma a sociedade. A arte transforma o homem. E o homem transforma a sociedade. Eu vejo muito isso sabe, porque querendo ou não, ter teatro aqui, não vai mudar nada a comunidade, mas vai mudar aquela criança, aquele jovem que está ali assistindo, vai mudar aquele adulto. E essas pessoas olhando isso vão fazer alguma diferença[95].

O Marcos é um exemplo concreto de transformação. Ele e Augusto Boal nos inspiram sempre. *"Ser cidadão não é viver em sociedade, é transformá-la"* já dizia Boal. Transformar, essa é a palavra de ordem que vem nos motivando a persistir na continuação da história cultural do bairro. Nas leituras que fazíamos na década de 1990, havia um texto chamado *O teatro do*

---

[94] Ibid.
[95] Ibid.

charlatão e o preço da vida humana, de um autor desconhecido que trata do posicionamento político dos artistas. Num trecho cita a importância de não ficar na neutralidade:

> A nossa realidade é relativa, assim como a nossa percepção. Quando deixamos de relativizar, de relacionar simultaneidades (ética/estética, individualidade/solidariedade, lembrança/imaginação etc.) perdemos a principal capacidade de perceber a realidade e passamos, por parcialidade, a vítimas de nosso próprio destino. Tudo que tem aparência tem parte oculta, interior. Forma e função. O problema, às vezes, é entender e/ou perceber a verdadeira função de cada forma [...] na medida em que vamos permitindo e/ou participando das mais variadas formas de banalização da Arte, do Artista, do Ser Humano e suas expressões, estamos abrindo campo para o oportunismo sentimental (sentimentalismo), a dominação econômica, cultural e perdendo a capacidade crítica sobre os elementos que vão influir na constituição de nossa subjetividade: como indivíduos e como nação. E claro, abrindo mão do papel transformador que sempre, na história da humanidade, colocou a arte e suas expressões como elementos fundamentais na transformação da condição humana, e na constituição das sociedades civilizadas.

Na época essa leitura não atingiu o efeito esperado, talvez pela imaturidade do grupo e pelos caminhos que vinha trilhando. Mas é sempre bom reler e lembrar da ideia de um teatro político. Outro texto que

trata sobre a questão do teatro político é do pesquisador e diretor da Cia do Latão, Sérgio de Carvalho (2012), publicado no Jornal *Folha de São Paulo* e nos serve de bússola.

> A frase feita de que "todo teatro é político" contém um fundo de verdade: toda representação tem ponto de vista, visão de mundo, mesmo quando o assunto é apolítico. A opinião teatral às vezes é explícita [...]. Quando o tema se escancara, torna-se mais fácil a pergunta: de que lado está a peça? A que visão de mundo ela serve? Mas não é só nos assuntos que a politicidade teatral se manifesta. Mesmo uma peça aparentemente não engajada diz coisas sobre a sociedade e sua época por meio de sua "atitude formal". Brecht dizia que não tomar partido em arte é tomar o partido dominante. Tinha em mente que a ideologia é mais violenta onde não se explicita por discursos. Pensava que os ritmos, formas e padrões sensíveis correspondem também a dinâmicas sociais. Dizia acreditar que uma forma teatral contém uma relação já determinada pelo aparelho produtivo (que, numa sociedade mercantil, está marcado pela expectativa de consumo). O conceito moderno de teatro político, para se tornar preciso, deve ser atribuído às experiências contrárias às tendências temáticas, formais e produtivas dominantes.[96]

[96] Disponível em: http://1.folha.uol.com.br/ilustrada/1189083-analise-teatro-politico-moderno-deve-se-contrapor-a-tendencias-produtivas-dominantes.shtml. Acesso em 27 de set. de 2013.

Nas entrevistas realizadas com os atores do Abismo, pergunto sobre o teatro que estamos fazendo, se ele possui algumas características próprias, qual o diferencial desse trabalho, pensando muito na ideia de cultura de grupo, pactuada por Eugênio Barba no livro *Além das Ilhas Flutuantes* (1978, p. 18) que diz: “Cultura de grupo não é mais que uma forma orgulhosa e eloquente para indicar que o grupo tem um saber e uma experiência comum, treinamento, visões artísticas e objetivos próprios. Tudo isso é natural quando se trata de um grupo de teatro”. Marcos diz que a adaptação é uma das características do Abismo, que não tem medo de “se jogar”:

> Eu acho que a nossa adaptação é uma coisa muito forte. Aonde a gente vai, a gente dá um jeito de apresentar. Eu já vi muito pessoal falando “aqui não dá pra apresentar, ponto final, acabou-se”. A gente não, vamos fazer isso aqui. E se a gente fizer isso. E se a gente colocar isso nesse canto [...] por isso que eu tenho uma coisa muito em mente que a gente não dá pra chegar meia hora antes do espetáculo e fazer. Não, a gente chega antes, analisa [...] sempre tem aquela coisa, começa as discussões, para onde a gente vai, se a gente colocar essa cena nesse canto e se eu subir em cima desse negócio. Eu adoro isso [...] uma coisa que a gente usa muito quase que como um lema do Abismo que é “se joga”.[97]

[97] Ibid.

João também concorda com a ideia de “se jogar” e também aponta a linguagem política que o grupo utiliza:

> Eu não diria uma linguagem, mas uma característica. Que é o de se jogar. A gente vai se jogar, independente do que vai acontecer. A gente tem que apresentar tal espetáculo, tal dia, a gente vai apresentar, por mais que a gente não tenha ensaiado [...] eu acho isso bom porque fortalece. Por mais que seja, entre aspas, uma merda, vai ser uma merda que todo mundo vai estar nesta merda. E a gente vai estar junto. Por mais que joguem tomate [...] a gente vai estar junto. A gente não vai se desfazer por causa disso. A gente só vai crescer mais. O Abismo tem uma linguagem muito política também. Eu acho que a gente procura esse trabalho político. As discussões políticas. O próprio Playback é um trabalho político muito grande. [...] Junto com esse negócio de se segurar. Eu vejo isso muito forte. Um apoiando o outro, independente do que aconteça. A gente não tem muito tempo de ensaio, a gente faz mil coisas. Cada um estuda uma coisa diferente. O Marcos faz física, eu faço teatro, a Isadora faz moda, a Letícia faz história, o Cristovão é Conselheiro Tutelar. A gente faz acontecer. A gente dá conta do recado. E não é um só dar conta do recado por dar conta do recado. A gente dá tudo da gente pra dar conta desse recado. Pelo que eu observo nestes três anos de Abismo [...] é uma característica que mais marca. A gente se jogar junto. [...] Vamos todos juntos.[98]

[98] Ibid.

Isadora compactua com a noção de habitar e se adaptar aos espaços, como uma das características marcantes do Abismo:

> Se adaptando ao lugar [...] a gente chega ao lugar e fala “vamos ver o que a gente pode fazer aqui” [...] se tem uma janela a gente vai usar, se tem uma porta a gente vai usar, não tem nada a gente vai usar também. A gente chega num lugar e habita ele. A gente modifica ele. E isso assim é pra todos os trabalhos. O playback em si, não é nada decorado. Ele sempre é uma coisa nova, uma coisa louca. E os outros a gente tem o esqueleto e a gente molda esse esqueleto ao que vier pela frente. Isso é uma coisa do grupo e a gente vai levar pra todas as peças [...] as pessoas dizem “nossa, a gente sempre usou este espaço e de repente vocês vieram e usaram de uma forma totalmente diferente que eu não imaginava”. É uma coisa que os outros também percebem [...] a gente usa fora, usa dentro, a gente faz o público andar [...], mexer com o público [...] isso é uma coisa que a gente gosta.[99]

Letícia analisa a trajetória do Abismo e a necessidade de um teatro questionador.

> Três anos, três trabalhos [...] um teatro de jovens, que nasceram numa comunidade periférica, longe do centro da cidade, reflexo de um trabalho de resistência cultural, [...] feita a muitas mãos, [...]

[99] Ibid.

> trazendo esse teatro que é pra questionar, não só o cenário político, mas trazer toda a questão política, os debates internos que a gente tem [...] no *Quem roubou o meu futuro?* [...] escutar o que nós jovens temos pra falar, [...] no *Playback*, escutar o que as pessoas estão trazendo, os anseios que as pessoas trazem [...] é a história delas, não é uma história inventada [...] a minha história também é importante [...] *Os Palhaços* [...] primeiro trabalho que a gente fez [...] falar de censura, das muitas vezes que a gente é censurada e que a gente vem lutando todos os dias, a gente enquanto grupo, além da cena [...] a gente também está no cotidiano, fora da Amorabi, discutindo, nos movimentos sociais, na universidade, construindo o movimento estudantil, nas manifestações [...] construindo processos, estando realmente na luta [...] o que a gente leva pra cena é o que vivenciamos fora. É isso que queremos dizer. É um trabalho de comunidade e de uma juventude que se encontrou no teatro [...] o teatro como esse meio [...] se encontrou pra falar o que sentimos [...] uma arte que fale da nossa comunidade, da juventude e coloque os questionamentos da sociedade.[100]

A partir de fevereiro de 2016, o músico Lausivan Grangeiro Corrêa[101] passou a integrar o elenco do

[100] Ibid.

[101] Possui graduação em Educação Artística Habilitação Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2008). Atualmente é Professor de Atividades Musicais I da Prefeitura Municipal de Joinville. Tem experiência na área de ensino, composição, Direção Musical, Produção de Eventos, Licitações e Administração Pública. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8753207P3>. Acesso em 31/05/2016.

Abismo. Lausivan é parceiro há muitos anos dos projetos na Amorabi, tendo participado com apresentações musicais no começo do Projeto *Sextas Alternativas*, do projeto do *Ponto de Cultura* e da concepção musical e preparação vocal do grupo do Espetáculo *Quem Roubou o meu futuro?* Hoje atua como músico no espetáculo *Teatro Playback* e participa da construção poética da cena.

O *Abismo* vem refletindo sobre a questão do *teatro de grupo* enquanto um modo coletivo de criação, no qual a *autoralidade* é do grupo e não de um diretor ou escritor. Isto tem a ver com a *cultura de grupo* e o modo como eu enquanto diretor e os atores exercemos nossas funções. Mais uma vez Rosyane Trotta, em seu artigo *Autoralidade, grupo e encenação* nos auxilia nesta concepção que traz a pluralidade como ponto inicial.

> A pluralidade não como objetivo, mas como ponto de partida, matéria-prima para o diálogo e o conflito das diferenças. Neste tipo de processo, a autoralidade avança além dos territórios individuais que produzem fragmentos criativos a serem inseridos na obra: ela se projeta no espaço que se estabelece como território existencial coletivo. A concepção sai da privacidade para o espaço público da sala. Se ao "eu-autor" plural vem se reunir um "nós-autores", pode-se falar então em produção de uma subjetividade, fonte para a coletivização da autoria.(TROTA, 2015, p. 16)

Tim Prentki, importante pesquisador e articulador do teatro comunidade, apresenta a narrativa alternativa como uma das possibilidades utilizadas pelos grupos de

teatro comunitário. Essa narrativa é diferente das relações verticais impostas pelo neoliberalismo e pela classe dominante.

> Uma narrativa alternativa é aquela na qual as relações são formadas na base da dignidade, e não do dinheiro. É a narrativa que tem como objetivo a criatividade e imaginação; é, portanto, uma narrativa que a arte tem um papel importante. Não me refiro, no entanto, à narrativa da satisfação pessoal através do afastamento das injustiças do mundo, mas de um processo de satisfação social através da autodeterminação de agrupamentos formados por relações horizontais, e não verticais. (PRENTKI, 2009, p. 19, 2009)

Sobre esta questão da horizontalidade, o músico Lausivan Corrêa escreveu:

> Surpreende a maneira horizontal em que ocorrem todas as decisões pertinentes a organização administrativa do grupo. E ao mesmo tempo o respeito entre as funções da direção e atores nas atividades de construção cênica. Pode-se verbalizar as incomodações sem preocupações com a hierarquia, facilita muito essa existência de liberdade de expressão e a convivência. Não há momentos de inquietações que se transformem em disputas pelo poder ou ações antiéticas. Sinto-me em adaptação a toda essa maneira de se fazer teatro com esta comunidade. (CORREA, 2016)

Tendo isso em mente, a tomada de decisões do grupo é muito democrática. Aprendo a cada dia com os

jovens do Abismo. Nem sempre concordamos e todos falam. As decisões vão desde a montagem de uma peça, até a participação ou não em algum evento. Decisões como, por exemplo, de lançar um manifesto antes do "golpe acontecer[102]". Foi o único grupo em Joinville que tomou um posicionamento. O manifesto, assinado pelos integrantes do Abismo levou quase duas semanas para ser aprovado e foi lido em praça pública num evento promovido pela Frente Brasil Popular[103] no dia 31 de março de 2016, com o seguinte conteúdo:

> O Abismo Teatro de Grupo vem manifestar-se sobre a conjuntura política e cultural neste momento da história do Brasil. O grupo tem sua formação na comunidade do bairro Itinga, em Joinville/SC e vem construindo sua história tendo a cultura como importante elemento de transformação e desenvolvimento social.
> Acreditamos e alimentamos ideais democráticos de fortalecimento das instituições do Estado Brasileiro. À luz desta premissa estamos extremamente

[102] Chamamos de "golpe" porque o processo de impeachment que afastou a Presidenta Dilma Rousseff da Presidência da República aconteceu por "pedaladas fiscais". E pedaladas fiscais são atrasos no repasse do Tesouro a bancos públicos encarregados da operação financeira de alguns programas sociais. Pode-se argumentar que é uma maneira de cumprir artificialmente o orçamento, mas não é crime de responsabilidade. Para mais informações acessar: http://www.mapadademocracia.org.br/entenda-o-golpe/.

[103] A FBP – Frente Brasil Popular é composta por várias organizações do Brasil que lutam contra o golpe. Mais informações acessar o site: <http://frentebrasilpopular.com.br/conteudo/organizacoes-participantes>

preocupados com a atual crise deflagrada pela atuação do Judiciário, Legislativo, Executivo e da parcialidade da posição dos veículos de comunicação hegemônicos que detém concessão pública.

Repudiamos a corrupção e entendemos que ela assola o país desde sua invasão eurocêntrica;

Repudiamos a atuação do Legislativo que ao invés de realizar as reformas políticas, econômicas e de empoderamento sociais por meio da participação dos Conselhos socialmente constituídos e demais mecanismos de democracia participativa, se detém no enfraquecimento da governabilidade causando instabilidade e privilegiando interesses privados;

Repudiamos a fragilidade jurídica que o próprio Judiciário impõe ao desrespeitar a Constituição, com interpretações parciais:

Repudiamos o fundamentalismo perigoso de parte da sociedade ao deflagrar o ódio de forma reacionária para atingir objetivos político partidários;

Repudiamos os discursos racistas, machistas e LGBT fóbicos na defesa de posições que violam os direitos humanos e as liberdades individuais;

Repudiamos o retrocesso e a estagnação gerada por uma crise de interesses da classe dominante;.

Repudiamos as diversas afrontas ao pleito eleitoral democrático, e as entidades que se posicionam contra o Estado Democrático de Direito.

Exigimos que o Congresso Nacional, a Assembleia Legislativa e as Câmaras de Vereadores se debrucem em trabalhar pelo interesse das cidadãs e dos cidadãos, que legislem na efetivação dos direitos humanos, aprofundando a participação da população em políticas sociais de Estado e não de governos;

> Exigimos que o Judiciário aplique a legislação brasileira com isenção e imparcialidade, respeitando os direitos fundamentais;
> Exigimos que os poderes Executivo Federal, Estadual e Municipal cumpram com suas obrigações respeitando os Planos de Cultura já construídos em anos de Conferências de cultura, fortalecendo a democracia participativa.
> Acreditamos que o investimento em projetos culturais abrem oportunidades para a cidadania, onde, protagonistas em suas comunidades, as pessoas possam provar o pertencimento geopolítico e influenciar diretamente em setores como a segurança, a saúde e a educação. (ABISMO Teatro de Grupo, 2016)

O lançamento deste manifesto afirma que o grupo tem um posicionamento político, sendo a favor da democracia e contra qualquer tipo de golpe. O Abismo também participou ativamente do movimento OcupaMinc em Florianópolis, ocupando a sede do Ministério da Cultura naquela cidade, devido a extinção deste ministério pelo Presidente interino Michel Temer. A mobilização foi grande em todo o país, e o governo interino voltou atrás e (re) criou o Ministério da Cultura.

Um pequeno texto de Nado Gonçalves[104], no prefácio do livro *Ventoforte no teatro em comunidades* (2015, p.11) escrito pela professora Dra. Márcia

[104] Reonaldo Manoel Gonçalves (Nado Gonçalves) é doutor em Educação pela UFSC. Atuou no projeto de extensão de teatro em comunidades da Udesc, de 1993 a 1997, na comunidade de Ratones; de 2009 as 2010 na comunidade da Tapera; e em 2011 na comunidade da Barra da Lagoa.

Pompeo, explicita como acontece a vida teatral comunitária. Isso acontece no *Abismo* também.

> Vida teatral comunitária que liga pessoas, lugares, comidas, músicas, danças, cheiros, quereres, grupos. Grupos que vão sendo montados com um pouco de cada pessoa com vontade de fazer teatro. No grupo de teatro-comunidade, um vai sabendo um pouco mais do outro e nasce daí um movimento de respeito, de confiança, de amor. Esta é mais uma das características de seu trabalho, a de construir grupos que se gostam. E se gostam por muito tempo. (GONÇALVES in NOGUEIRA, 2015, p. 11)

Essa vida comunitária une muitas pessoas no Itinga. No começo a união acontecia em torno da igreja e de reivindicações para melhorias no bairro. Hoje ela une também em torno da cultura, tendo o teatro como um pilar neste processo de transformação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Se não fosse a Amorabi a gente não teria surgido. A gente se criou aqui e aqui é a nossa casa. É aqui que a gente ensaia, é aqui que a gente vê o espaço inicial, planeja tudo. É pra cá que a gente volta quando tá longe. Aqui é o nosso ponto. Inicial e final. (Isadora Dourado dos Santos)

Não tenho como prever o futuro do *Abismo Teatro de Grupo* e também da *Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga*. A *Amorabi* em seus 35 anos fez e continua fazendo história. Uma história de sonhos, lutas e muitas conquistas. O *Abismo*, fruto da *Amorabi,* está escrevendo sua trajetória no teatro e nos movimentos sociais. O teatro é usado como ferramenta de transformação social e também como encontro pra nos transformarmos. Cada encontro é um aprendizado novo.

Nesta jornada de quase 25 anos em que venho teimando em fazer arte no Itinga e em Joinville, através dos grupos *20V*, *Itinerante*, *Amorabi, La Trama Cia. Teatral, SESC, Dionisos Teatro,* muitas vezes me senti sozinho, mesmo sabendo que não estava sozinho. Muitas pessoas me incentivaram e incentivam para que essa história não tenha uma cena final.

Hoje, e principalmente a partir das reflexões que esta pesquisa me trouxe, posso ter um olhar mais maduro que me leva a entender muitas coisas que fiz neste período e também compreender o que eu poderia ter feito de diferente. Mas observo que o caminho foi aberto e faria tudo de novo, se necessário.

Hoje o Abismo tem alguns desafios. O primeiro deles é o do encontro. O grupo precisa encontrar-se

cada vez mais para desenvolver seus projetos e fazer teatro. A maior dificuldade é a distância, pois três dos atores fazem graduação em Florianópolis e um faz em Joinville. Mesmo assim, os encontros estão acontecendo semanalmente. A *Amorabi* aprovou um projeto no *Simdec* que está sendo fundamental para manutenção do espaço e também do *Abismo*. Neste projeto intitulado *Ponto de Cultura Amorabi – ano 2016: Manutenção do espaço e de atividades artístico-culturais* o Abismo apresentará seu repertório de espetáculos (*Os palhaços*, *Teatro Playback*, *Quem roubou o meu futuro?* e mais um trabalho). Os atores e atrizes são os instrutores dos novos cursos de teatro e produtores do projeto que promove apresentações de grupos de teatro do Estado de Santa Catarina. Isso está sendo muito importante para o crescimento do projeto, pois eles deverão colocar em prática o que aprenderam durante estes anos e para descentralizar estas atividades de mim. Aprovou também no *Simdec*, a circulação do espetáculo *Quem roubou o meu futuro?;* uma formação em palhaçaria, em parceria com a palhaça e produtora cultural Bia Alvarez e a montagem em 2017 do espetáculo A litorina, de Miraci Dereti. Isso é muito animador.

Uma questão que o grupo precisa aprofundar é sua relação com as pessoas do bairro Itinga, com a diretoria da Amorabi e com o teatro comunitário. Com o bairro, isso vem acontecendo mais efetivamente através do projeto de manutenção. Os vizinhos da *Amorabi* estão sendo convidados a participar das atividades e cursos. Hoje eu sou presidente da *Amorabi*, porém todos do *Abismo* precisam estar mais presentes junto com a diretoria para buscar melhorias para o bairro. Isso vai mostrar que o Abismo não está na Amorabi somente pra fazer teatro, mas pra lutar juntos por novas conquistas.

A categoria teatro na comunidade recentemente foi incluída no livro *Léxico da Pedagogia do Teatro*, de Ingrid Dormien Koudela. A professora Márcia Pompeo Nogueira criou verbete utilizando-se de alguns autores. As primeiras linhas já definem este conceito:

> Trata-se de uma modalidade teatral presente em todos os continentes, mas que não se define por um estilo único ou por uma ideologia. É mais fácil defini-la pelo que ela não é: não é teatro comercial, cultura de massa ou teatro da elite (Erven: 2001, 2). Acontece frequentemente, como diz Helen Nicholson, “em locais nada glamorosos” como as periferias das cidades, os asilos de idosos, abrigos de sem-tetos, escolas e prisões (Nicholson, 2005, p.2). (NOGUEIRA, 2015, p. 183).

Essa definição se encaixa perfeitamente no teatro que é feito no Itinga. Mas além de teatro na comunidade, nosso teatro é periférico. Periférico no sentido mais amplo da palavra. Periférico por estar distante do centro e de ficar no fim fila para ser atendido em relação aos direitos sociais. Falar de arte da periferia é tão importante como falar em políticas públicas para as minorias. O trabalho desenvolvido nas comunidades periféricas não precisa ter um norte. Pode ter um sul. Não precisa ter como parâmetro os modelos centrais. Pode seguir os modelos periféricos espalhados pelo mundo.

O teatro argentino tem muito a nos ensinar neste sentido. No livro *Teatro comunitário: resistencia y transformación social*, a escritora Marcela Biegain se

utiliza de Jorge Dubatti[105] para conceituar esse teatro. Contamos com tradução aproximada e com alguma liberdade poética de Hélio Muniz, que assim transcreveu a citação[106] do espanhol para o português:

> A singularidade do teatro comunitário tem raízes no fato de que os integrantes dos grupos são vizinhos e não profissionais de teatro. Isto não significa que se a um grupo se aproximam estudantes de teatro ou profissionais, estes não sejam aceitos ou recebidos: pelo contrário, podem fazer parte do trabalho com sua experiência, porém no espaço e desde a perspectiva do teatro de vizinhos. Em síntese, o teatro comunitário se contrapõe às formas hegemônicas de conceber a cultura e constrói um espaço micro político que valoriza a reinserção social, o trabalho em equipe, a prática comunitária, a experiência grupal, e desta forma, se constitui em uma poderosa arma contra a forma radical segundo a qual só se

[105] Jorge Dubatti é doutor na área de história e teoria da arte, professor universitário, crítico e historiador teatral argentino. Seus escritos tratam sobre a filosofia do teatro, teatro comparado e cartografia teatral, entre outros.

[106] Citação em espanhol: La singularidade del teatro comunitário radica em que los integrantes de los grupos son vecinos no profesionalizados en el teatro. Esto no significa que si a um grupo se acercan estudiantes de actuación o actores profesionales no sean recebidos: por el contrario, pueden formar parte com su experiência, pero desde el lugar vecinos. Em síntese, el teatro comunitário se erige contra las formas hegemónicas de concebir la cultura y construye um espacio micropolítico que valora la reinserción social, el trabajo em equipo, la práctica comunitaria, lo grupal y, de esta forma, se constituye en un arma poderosa contra la forma radical según la cual sólo se reconoce y valora el próprio yo. (DUBATTI apud BIDEGAIN, 2007, p. 42).

> reconhece e valoriza o próprio eu (DUBATTI apud BIDEGAIN, 2007, p. 42).

Assim como o teatro argentino, o poeta periférico Sérgio Vaz[107] escreveu em 2007 o Manifesto da Antropofagia Periférica e justifica a manutenção do verbete periférico:

> A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.
> A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. [...]
>
> Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.
>
> A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. [...]
>
> Da poesia periférica que brota na porta do bar.
> Do teatro que não vem do “ter ou não ter…”.

[107] Sérgio Vaz é poeta e agitador cultural da periferia de São Paulo. Se Autointitula "vira-lata da literatura". Tem sete livros publicados, quatro deles independentes. É fundador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) e do Sarau da Cooperifa, que todas as quartas-feiras reúne pessoas interessadas em recitar, ouvir e criar poesias no Bar do Zé Batidão, no Jardim Guarujá (Zona Sul de São Paulo).

Do cinema real que transmite ilusão.
Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.
Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.
Da Música que não embala os adormecidos.
Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala. Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução. [...]

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural. [...]
Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. [...]
Contra os carrascos e as vítimas do sistema.
Contra os covardes e eruditos de aquário.
Contra o artista serviçal escravo da vaidade.
Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

> A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
> Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.[108]

Este é o desafio que o Abismo está se propondo todos os dias. Fazer um teatro comunitário na periferia do Itinga. Ser um grupo profissional ou amador, não é o mais importante. O mais importante é fazer teatro e perceber como este teatro dialoga com a comunidade do bairro, com comunidades de outras localidades e com os espaços centrais. Como o *Abismo* vem conversando com outros grupos e com as universidades?

É perceptível nos dias de hoje uma abertura das universidades para os trabalhos comunitários, não só na área do teatro. Há uma valorização destas iniciativas. Isso se deve principalmente a resistência e empoderamento desses coletivos, a ampliação do acesso das pessoas as universidades, inclusive as de baixa renda e ao poder transformador dessas iniciativas. Um projeto comunitário na periferia é tão importante quanto um projeto desenvolvido no centro. Apesar dessa abertura, ainda é preciso avançar para vencer o paradigma centro/periferia - periferia/centro. As vezes, sair da periferia em busca de formação é necessário. Porém, mais do que sair, é fundamental não se esquecer das raízes de sua comunidade.

A *Amorabi* e o *Abismo* vêm conseguindo manter um bom espaço físico. É um espaço alternativo com equipamentos mínimos para apresentações e montagens de espetáculos. Vem também conseguindo

---

[108] Disponível em: <http://www.jornalirismo.com.br/jornalismo/antropofagia-periferica-a-periferia-prepara-o-prato/>. Acesso: 24 de jun. de 2016.

recursos para manutenção do espaço e criação de novas peças. Precisa avançar, mas ter um espaço onde o grupo possa ensaiar, guardar seus pertences (cenários e figurinos), fazer reuniões, receber pessoas, ter uma estrutura com computador, internet, iluminação é um bom começo para se manter vivo.

As relações internas e externas entre os membros do *Abismo* e a comunidade vêm sendo trabalhadas diariamente através das decisões que são aprovadas democraticamente pelos integrantes do Abismo, porém a relação *Abismo/Amorabi,* e destas com comunidade, precisa ser aprofundada. Mesmo que as relações se confundam, o *Abismo* e a *Amorabi* são instituições diferentes, cada qual com seus objetivos, mesmo que muitas das metas sejam semelhantes.

Outro ponto que necessita de aprimoramento diz respeito ao planejamento. Não um planejamento empresarial que visa somente o lucro, mas um planejamento estratégico focado nas pessoas e na criatividade. Tanto o *Abismo*, como a *Amorabi* precisam refletir sobre seus objetivos e visões, para continuar suas trajetórias. Pensar, sentir e agir fazem parte da construção desta história.

Uma questão que necessita de cuidados, diz respeito às desistências. Hoje o Abismo é formado por seis integrantes, mas seis pessoas representam um teatro comunitário? Como o grupo pode trabalhar a inserção de novas pessoas com ou sem experiência no teatro para aumentar o grupo e se tornar mais representativo na comunidade? Como trabalhar com os alunos/as/atores/atrizes das oficinas a questão da desistência? Como integrar esses alunos/as/atores/atrizes nos espetáculos do *Abismo*? Recentemente tivemos uma experiência motivadora. Na comemoração dos 35 anos da *Amorabi* em maio de

2016, convidamos os alunos/as/atores/atrizes para participar da apresentação de *Teatro Playback* que o Abismo faria. Fazia muito tempo que não via tanta gente na Associação. Lotou e quase faltou espaço. Esse é um primeiro passo para integração do Abismo que pode e deve integrar pessoas da comunidade nos seus espetáculos.

Por fim, o *Abismo*, mesmo não tendo ainda criado um espetáculo com um texto coletivo, vem se desafiando nos trabalhos que se propõe a fazer, buscando uma linguagem própria que dialoga com a comunidade e com o tempo presente.

Espero que esta trajetória desenvolvida no bairro Itinga, mesmo se tornando muitas vezes pessoal, possa contribuir de alguma forma para a historiografia do teatro feito por comunidades periféricas. Essa temática faz parte da minha história e me tornou o que o eu sou hoje e representa o teatro que quero continuar fazendo. Que num futuro próximo possamos escrever sobre outros projetos de outras comunidades que trazem a arte como uma arma de transformação social. O Itinga é o lugar onde criei raízes, e ao escrever sobre a história e a cultura do bairro, deparei-me com sombras do meu passado, sombras que são luz no presente, sombras de esperança para o futuro. Boaventura de Souza Santos[109] nos brinda com a citação final:

---

109 Boaventura de Sousa Santos é professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. É igualmente Director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/homepage.php>. Acesso em: 20 de jun. de 2016.

> Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser. (SANTOS, 1988, p. 46)

Essa dissertação possibilitou um novo encontro com mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e idosos que estiveram comigo nesta caminhada de quase 25 anos. Muitos relatos, histórias escritas em cadernos e agendas, anotações, cartas, recados, vitórias, desprendimentos, separações, aplausos. Era uma história muito valorizada pelos outros, mas que eu, particularmente não estava dando o devido valor. Ao revisitá-la percebi que nunca me afastei dela e ela nunca se afastou de mim. Escrevendo de dentro pra fora pude observar tudo o que já foi feito, isso me ajudou a afinar o instrumento do teatro comunitário no Itinga, hoje representado pelo *Abismo*, que não tem medo, assim como eu no passado, de jogar-se nesta trama.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Chico; RIBEIRO, Marcus Vinicio; CECCON, Claudius. **Brasil vivo**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ABISMO Teatro de Grupo. **Manifesto**. Joinville, 2016.

ASSOCIAÇÃO dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga. **Pasta**: projeto Sextas Alternativas (2000/2001). Joinville, 2001.

_____. **Pasta**: projeto Sextas Alternativas (2002/2003). Joinville, 2003.

_____. **Pesquisa referente ao projeto Sextas Alternativas.** Joinville, 2003.

_____. **Relatório técnico de projetos:** projeto Alternativas – 12 anos de arte para a comunidade. Joinville, 2011.

_____. **Prestação da contas**: projeto Ponto de Cultura: O Itinga pede passagem. Joinville. 2014.

_____. **Relatório de atividades** – 2000 à 2015. Joinville.

_____. **Portifólio Cultural 2000-2011**. Joinville, 2011.

_____. **Programa de Formação de Jovens Agentes Culturais Comunitários**. Joinville, 2011.

_____. **Programa**: Novembro Cultural – Mostra Popular do Itinga 2013 – ano 4. Joinville. 2013.

_____. **Relatório final e formulário de prestação de contas**: projeto Ciclo de Leituras Dramáticas. Joinville, 2007.

_____. **Relatório Técnico e Financeiro**: projeto Novembro Cultural – mostra popular do Itinga. Joinville, 2014.

_____. **Relatório Técnico e Financeiro**: projeto Todo mundo tem um pouco de palhaço e bufão! Joinville, 2014.

_____. **Relatório Técnico**: projeto Alternativas – 14 anos. Joinville, 2014.

_____. **Revista da Amorabi**. Joinville, 2014.

ASSOCIAÇÃO, uma solução eficiente. **A Notícia**, Joinville, 16 de out. 1982.

ASSUNÇÃO, Luís Fernando. Itinga está onde Joinville Termina. **A Notícia**. Joinville, 6 abril 1997.

BARBOSA, Fabiane Machado. **Comunidades Eclesiais de Base na História Social da Igreja:** Cariacica (1973-1989). Dissertação. Mestrado em História Social das Relações Políticas, na área de concentração Movimentos Sociais. Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Espírito Santo, Vitória, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca de Segurança no Mundo Atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BARBA, Eugenio. **Além das ilhas flutuantes**. São Paulo: Hucitec, 1991.

BIBLIA Sagrada - Edição Pastoral. Sociedade Bíblica Católica Internacional. São Paulo: Paulus, 1990.

BIDEGAIN, Marcela. Teatro Comunitário: Resistência y Transformación Social. Buenos Aires: Atuel, 2007.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Gramond, 2008.

BURG, Edson. **Longe do Centro, perto da arte**. Notícias do Dia. Joinville, 2011.

CADERNOS de Estudos da Pastoral da Juventude Nacional. **Dimensões da Formação Integral na PJ**. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude, 1992.

CARVALHO, Sérgio (e outros). **Introdução ao Teatro Dialético**: Experimentos da Companhia do Latão. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

COHEN, Samantha Augustin. **Teatro de Grupo**: trajetórias e relações - impressões de uma visitante. Joinville/SC: Editora Univille, 2010.

COEHN, Samantha Agustin. **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 05 de jan. de 2016. Entrevista.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville/SC: Editora da Univille, 2011.

COMPANHIA Teatral Itinerante. **Estatuto**. Joinville, 2002.

_____. **Planejamento**. Joinville, 2002/2003.

_____. **Histórico**. Joinville, 2004.

_____. **Histórico resumido**. Joinville, 2004.

_____. **Finalidade**. Joinville, 2003.

_____. **Dissolução da Companhia Teatral Itinerante**. Joinville, 2004.

CORRENTE, Jandi Luiz. **Entrevista concedida a Alex dos Santos**. Joinville, 10 de ago. de 2009. Entrevista.

CORRENTE, Marcelo. **Carta ao Itinerante**. Joinville, 1997.

CRUZ, Jan Cohen. **Entre o ritual e a arte**. In: *Urdimento*. Nº 10, 2008.

CORREA, Roseana Maria. ROSA, Terezinha Fernandes. **História dos Bairros de Joinville**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1992.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

EQUIPE de teatro 20V. **Programa da peça *Flicts***. Joinville,1993.

ESCOLA Municipal Lacy Luiza da Cruz Flores. **Histórico**. Joinville. 2009.

FACCHINI, Luiz (Pe.). **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 20 de abr. de 2001. Entrevista.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio: Paz e Terra, 1977.

FRANÇA, João Vitor. **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 19 de jan. de 2016. Entrevista.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. In: NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **Ventoforte**: no teatro em comunidades. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2015.

GRUPO Cultural Itinerante. **Livro caixa**. Joinville. Não publicado, 1997/2004.

_____. **Programa da peça *Computa, computador, computa***. Joinville,1998.

GUINSBURG, J, FARIA, João Roberto, LIMA, Mariângela Alves (orgs.). **Dicionário do Teatro**

Brasileiro: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva / Sesc São Paulo, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **Dentro e fora da história**. In: Sobre história: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2.ed., 2011.

INSTITUTO Pastoral da Juventude. **Metodologia e Método – Uma contribuição à Pastoral da Juventude** – IPJ/Leste II – 1989.

ITINGA ainda preserva características rurais. **A Notícia**, Joinville, 9 jul. 2000, p. A15.

KRÜGER, Sandra Maria. **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 21 de abr. de 2001. Entrevista.

MAIA, Letícia Helena da. **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 02 de fev. de 2016. Entrevista.

NOGUEIRA, Márcia Pompeu (org.). **Anais do I Seminário Teatro e Comunidade**: Interações, dilemas e possibilidades. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2009.

_____. **Teatro em Comunidades:** interações, dilemas e possibilidades. Florianópolis: Udesc, 2009.

_____.**Teatro na Comunidade**: conexões através do Atlântico. Florianópolis: Ed. da Udesc, 2013.

_____.**Teatro em comunidades**. In: FLORENTINO, Adilsom; TELLES, Narciso.

Cartografias do Ensino de Teatro: das ideias às práticas. Uberlândia: UDUFU, 2009.

_____.**Teatro na Comunidade**. in Koudela, Ingrid Dormien; Almeida Junior, José Simões. *Léxico de Pedagogia do Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 183-184.*

_____. **Teatro com Meninas e Meninos de Rua**: nos Caminhos do Ventoforte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. Buscando uma interação teatral poética e dialógica com a comunidade. In: **Urdimento**. Nº 5, 2003.

_____. Teatro e Comunidade: Dialogando com Brecht e Paulo Freire. In: ***Urdimento***. Nº 9, 2007.

_____. A opção pelo teatro em comunidades: Alternativas de pesquisa. In: ***Urdimento***. Nº 10, 2008.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEÇA Aonde você vai? é encenada no Sesc. **A Noticia**. Joinville, 2 de ago. de 2001.

PETRY, Cristovão. **Agenda 1991**. Joinville: não publicado, 1991.

_____. **Caderno de Catequese (Perseverança)**. Joinville: não publicado, 1992.

_____. **Caderno de cursos, encontros, assembleias e reuniões (Pastoral da Juventude)**. Joinville. Não publicado, 1993.

_____. **Caderno de reuniões de Equipe de Teatro 20V**. Joinville. Não publicado, 1993/1994.

_____. **Fichas de reuniões de Equipe de Teatro 20V**. Joinville. Não publicado, 1996.

_____. **Caderno de reuniões do Grupo Cultural Itinerante**. Joinville. Não publicado, 1997/1998.

_____. **Caderno de reuniões do Grupo Cultural Itinerante**. Joinville. Não publicado, 1999/2000.

_____. **Obrigado Plínio Marcos, Obrigado Itinga.** Joinville, não publicado,2000.

_____. **Discurso para a Câmara de Vereadores de Joinville**. Joinville. Não publicado,2003.

ROSA, Diego. **O potencial cultural do Itinga**. A Notícia. Joinville, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências na transição para um ciência pós-moderna**. São Paulo: Estudos avançados, 1988.

_____. **O futuro do Fórum Social Mundial**: o trabalho da tradução. Osal, ano V, n. 15. 2004

SANTOS, Fabiane Patrícia Kasprowicz dos. **Entrevista concedida a Alex dos Santos**. Joinville, 21 de out. de 1999. Entrevista.

SANTOS, Sandro Luís. **Entrevista concedida a Alex dos Santos**. Joinville, 19 de set. de 1999. Entrevista.

SANTOS, Isadora Dourado dos. **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 19 de jan. de 2016. Entrevista.

SCHAEFER, Christopher. **Desenvolvimento de iniciativas sociais**: da visão inspiradora à ação transformadora. São Paulo: Antroposófica: Christophorus, 2000.

SIEWERT, Clarice Steil. **Nossas Histórias em Cena**: Um Encontro com o Teatro Playback. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

_____. **1º encontro de Teatro Playback**: um relato poético. Joinville, 2015.

SILVA, Flaviano Souza. Teatro amador no Brasil em meados do século XX: Tempo de profissionalismo, tempo de amadorismo. In: **Anais do VII Congresso da Abrace**. Porto Alegre, 2012.

STAHLGAGLIOTI, Patrícia. HALTER, Johannnes. **Quando a arte sopra**. Joinville: 2014. Documentário.

TERNES, Apolinário. **Tempos Modernos**: a presença dos italianos em Joinville – 1973-2008. Joinville: Editora da Univille, 2010.

THIAGO, Raquel S. **Carta de recomendação**. Joinville, 1993.

TROTTA, Rosyane. **O ator que escreve a própria história**. São Paulo, 1995.

_____. Autoralidade, grupo e encenação. São Paulo: **Revista Sala Preta** – São Paulo:Usp, 2006.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura**: o Brasil de baixo para cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

VICENTE, Marcos da Maia Jr. **Entrevista concedida a Cristovão Petry**. Joinville, 28 de jan. de 2016. Entrevista.